



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



ANA CAROLINA NUNES DE AZEVEDO

SÃO CRISTÓVÃO/SE
2023

ANA CAROLINA NUNES DE AZEVEDO

**ENTRE LUGARES DE SENTIMENTOS E ESPAÇOS DE LIBERDADE: ENCONTROS
GEOGRÁFICOS COM O ROMANCE JULIETA, COISA E TAL DE OSMAR
RODRIGUES MARQUES**

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Geografia da Universidade Federal de
Sergipe – PPGeo/UFS – para o
desenvolvimento da pesquisa de
mestrado sob a orientação da Prof.^a Dr.^a
Maria Augusta Mundim Vargas e da
Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida
(*in memoria*)

SÃO CRISTÓVÃO/SE
2023

ANA CAROLINA NUNES DE AZEVEDO

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Geografia da Universidade Federal de
Sergipe – PPGeo/UFS – para o
desenvolvimento da pesquisa de
mestrado sob a orientação da Prof.^a Dr.^a
Maria Augusta Mundim Vargas e da
Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida
(*in memoria*)

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida (*in memoria*)

Prof.^a Dr.^a Maria Augusta Mundim Vargas
Orientadora

Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante
Examinador Externo-
PPGeo/UFS

Prof. Dr. Janio Roque Barros de Castro
Examinador Externo-UNEB

Profa. Dra. Sônia de Souza M. Menezes
Examinadora Interna suplente-PPGeo/UFS



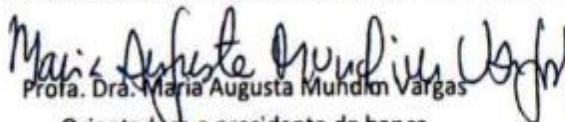
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



Ata da Sessão de Defesa de Dissertação de Mestrado
em Geografia de Ana Carolina Nunes de Azevedo.

Aos trinta dias do mês de maio de dois mil e vinte e três, com início às nove horas, realizou-se na sala 402, localizada na Didática VII, na Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, em São Cristóvão -SE, a sessão de defesa de dissertação de Mestrado em Geografia de Ana Carolina Nunes de Azevedo, intitulada: "ENTRE LUGARES DE SENTIMENTOS E ESPAÇOS DE LIBERDADE: ENCONTROS GEOGRÁFICOS COM O ROMANCE JULIETA, COISA E TAL DE OSMAR RODRIGUES MARQUES." A defesa foi presidida pela Professora Doutora Maria Augusta Mundim Vargas, que na qualidade de presidente, abriu a sessão pública e passou a palavra para a mestranda proceder à apresentação de sua dissertação. Logo após a apresentação, cada membro da Banca Examinadora composta pelos Professores Doutores Jânio Roque Barros de Castro e Tiago Vieira Cavalcante que arguíram a candidata, que teve igual período para sua defesa. Na sequência, a Professora Doutora Maria Augusta Mundim Varga, na condição de orientadora, teceu comentários sobre a dissertação apresentada e destacou a trajetória para a sua construção. Encerrados os trabalhos, a banca decidiu **APROVAR** a candidata. Foram atendidas as exigências da Resolução nº 25/2014/CONEPE, que regula a apresentação e defesa de Dissertação de Mestrado.

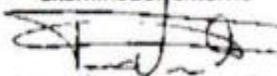
Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, 30 de maio de 2023.


Prof.ª. Dr.ª. Maria Augusta Mundim Vargas

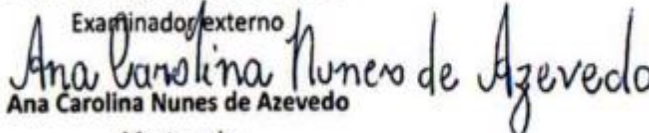
Orientadora e presidente da banca


Prof. Dr. Jânio Roque Barros de Castro

Examinador externo


Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante

Examinador externo


Ana Carolina Nunes de Azevedo

-Mestranda-

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

A994e Azevedo, Ana Carolina Nunes de
Entre lugares de sentimentos e espaços de liberdade:
encontros geográficos com o romance Julieta, coisa e tal de
Osmar Rodrigues Marques / Ana Carolina Nunes de Azevedo;
orientadora Maria Augusta Mundim Vargas. – São Cristóvão,
SE, 2023.
131 f.: il.

Dissertação (mestrado do em Geografia) – Universidade
Federal de Sergipe, 2023.

1. Geografia humana. 2. Territorialidade humana. 3.
Identidade social. 4. Geografia e literatura – Brasil. I. Vargas,
Maria Augusta Mundim, orient. II. Almeida, Maria Geralda de
orient. III. Título.

CDU 911.3:821.134.3(81)

DEDICATORIA

A Deus, meu criador, obrigada pela vida e permissão para sonhar.

Á minha amada Raimunda Nunes de Azevedo, seu colo é meu alicerce, mãezinha. Gratidão por me ensinar a essência do amor.

Á Maria Geralda de Almeida (*in memoriam*), obrigada por alimentar um grande sonho, minha eterna professora.

Á Maria Augusta Mundim Vargas, gratidão pelo cuidado e companheirismo, nossa caminhada foi brilhante.

Ao Tiago Caminha de Lima, obrigada por sempre acreditar em meus sonhos, seu apoio foi a base dessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma das maiores virtudes da consciência humana, a gratidão é um sentimento que alimenta a alma e fortalece a conexão com o nosso Criador. É com muita humildade que agradeço cada um de vocês que foram a mola mestre dessa jornada.

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, meu fiel e amado Pai, aquele que em sua infinita bondade fortalece minha existência, proporcionando o desfrutar da vida e permissão para sonhar e buscar novos horizontes.

Raimunda Nunes de Azevedo minha eterna gratidão, juntas construímos o verdadeiro significado do amor. No percurso de nossa trajetória você sempre mencionou que “nós iremos vencer minha filha”, e aos poucos estamos conseguindo mãezinha.

Gabriela Nunes de Azevedo, você além de irmã foi minha melhor amiga, obrigada por cuidar de nossa família nos momentos que precisei desacelerar, gratidão é a palavra de ordem.

Luís Davi de Souza Soares, o amor é o laço principal de nossa existência, com você aprendi diferentes maneiras de ver e sentir a vida, obrigada por interpretar e questionar meus sonhos. “Tia Carol, por que você estuda?”, tudo isso é por nós, meu menino.

Tiago Caminha de Lima, você sempre acreditou que eu seria capaz, obrigada por me apresentar essa brilhante relação entre geografia e literatura, suas palavras de acolhida ao dizer “Ana, Ana, tu cuida Ana”, levarei por toda a vida. Obrigada por tudo.

Maria Geralda de Almeida (*in memoriam*) obrigada pela acolhida, nossos laços afetuosos fortaleceram a busca por conhecer e desfrutar do conhecimento geográfico. Gratidão por ter potencializado meu sonho e acreditado na relevância de minhas ideias e pensamentos, sou grata por tudo, minha eterna professora.

Maria Augusta Mundim Vargas, o que falar dela? Como resumir a palavra gratidão diante de tudo que fizeste por mim? Juntas mergulhamos no mundo literário, encontrando em cada detalhe uma outra vertente da geografia, sua sensibilidade proporciona perceber a delicadeza que é desfrutar o conhecimento e a vida. A você, externo meu carinho e admiração.

Josefa Adriana Cavalcante Ferro, foi um grande presente que a vida me ofereceu, você me ensinou a essência da coragem e resiliência, gratidão pelos incentivos e reflexões no percurso da caminhada, sua humildade caracteriza o verdadeiro sentimento de união e fraternidade. Obrigada por existir.

Meu grande amigo Domingos Lucas dos Santos Silva, a união e companheirismo é o enlace principal de nossa existência, todos os dias você me ensina o verdadeiro significado da palavra persistência, obrigada por ouvir meus medos e acreditar em meus sonhos.

Rona Larissa Santos, já vivenciamos décadas de cumplicidade, gratidão por ouvir minhas inquietações, seus conselhos e ombro amigo são essenciais em minha trajetória.

Osmar Rodrigues Marques (*in memoriam*), meu sincero agradecimento pela oportunidade de conhecer a história da *Casa Amarela*, com muita delicadeza e carinho você descreve os lugares de sentimentos e espaços de liberdade de nossa terra natal, obrigada pela oportunidade de conhecer as vivências e experiências dos integrantes daquele lugar, sua maestria e sensibilidade ofereceu ao mundo geográfico a oportunidade de mergulhar e desfrutar de sua magia literária.

Waliston Gabriel de Assis, lembro que a ideia de conhecer a história da *Casa Amarela* despertou sua atenção para se aproximar deste espaço, a realidade e as vivências. As informações oferecidas por seus familiares foram relevantes para o conhecimento da dinâmica do lugar. Muito obrigada por sua contribuição.

Maria José Azevedo (Bia), obrigada minha prima pelo apoio e incentivo nesta caminhada, a leveza de seu sorriso ilumina os momentos de profunda solidão.

Mara Íris Barreto, muito grata por seu apoio, carinho e atenção nessa trajetória marcante, sou feliz por poder dividir momentos significativos ao seu lado.

Rodrigo Baima e Sebastião, obrigada pelo suporte, companheirismo e disposição, suas experiências e conhecimento, proporcionaram a pesquisa uma aproximação da realidade dos lugares de existências, a brilhante memória de ambos, foi o alicerce para compreensão do sentido e significado das ideias que direcionam aos aspectos do real e ficção.

Thayná Cristina Frazão, sua presença e parceria foram essenciais em toda essa trajetória, nossas risadas proporcionavam leveza nos momentos de intensa fragilidade “Tia Carol você irá conseguir”. Obrigada por acreditar que tudo seria possível.

Jackson Sousa dos Santos, obrigada pela parceria e partilha de conhecimento, a geografia nos ofereceu a oportunidade de ampliar e buscar novos desafios e experiências.

Mariana Magalhães, sua leveza e doçura foram fortalecedoras nos momentos de incertezas da vida, obrigada por sempre incentivar minhas batalhas e acreditar na concretização de cada sonho.

Aos colegas do grupo de estudos Sociedade e Cultura e Geografia Cultural, obrigada pelos questionamentos e discussões, nossos estudos ofereceram um auxílio relevante para a construção dessa pesquisa.

Tiago Vieira Cavalcante e Jânio Roque Barros de Castro, gratidão pelas contribuições no encontro desse desvelar geográfico e literário.

Sou grata a Universidade Federal de Sergipe, pela acolhida e oportunidade de adquirir

novos conhecimentos. O Instituto Histórico Geográfico de Caxias, em especial Gerhard Berg e Juliete Cristina, obrigada pela parceria e disponibilidade para conhecer e identificar os espaços Caxiense através dos jornais e fotografias.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), obrigada pelo apoio financeiro, todo esse suporte foi fundamental a construção dessa pesquisa.

O propósito deste texto foi apreender a geografia presente no texto romanesco. Partiu-se do princípio de que os romancistas têm um olhar sensível e habilidade descritiva para exprimirem as estruturas ecológica e socioespacial que se superpõem e imbricam. É, portanto, uma geografia poética que está em análise (ALMEIDA, 2018, p.107).

RESUMO

No contexto da relação entre Geografia e Literatura e de sua aproximação com a geografia humanista, esse estudo foi impulsionado pelo desvelamento das relações espaciais apreendidas no romance *Julieta, Coisa e tal*, produzido por Osmar Rodrigues Marques, publicado em 1986. O texto dá ênfase à categoria lugar, viabilizando o sentimento de pertencimento e identidade, ao trazer o cotidiano do prostíbulo Casa Amarela, situado na área central da cidade de Caxias – a princesa do sertão maranhense. No tempo, o romance está ambientado entre as décadas de 1970/1980, quando a trajetória da personagem Julieta é detalhada pelos relacionamentos, locais frequentados e, sobretudo, por sua percepção com relação às práticas, decorrentes do ambiente vivido. Nesse sentido, conduzimos a pesquisa com o objetivo de analisar o sentimento de pertencimento e identidade presente na geografia e na história da personagem Julieta no romance literário “*Julieta Coisa e Tal*” de Osmar Rodrigues Marquês, considerando a articulação entre o enredo, o narrador, os personagens e o espaço da obra, a cidade de Caxias/Maranhão. Os objetivos específicos delimitaram nosso caminho acadêmico ao procurar (i) identificar as relações, experiências e vivências de Julieta construtoras e constituintes de sua identidade; (ii) conhecer as distintas formas de apropriação do sentimento de identidade de Julieta e, (iii) refletir sobre a identidade espacial assim como o sentimento de pertencimento ao lugar geográfico expressos na obra de Rodrigues Marques. Para a construção da dissertação realizamos uma pesquisa documental e bibliográfica com o intuito de aproximar e entender a realidade do objeto estudado, ressaltando a relevância dos documentos e estudos acessados para compreensão dos elementos que moveram a pesquisa e auxiliaram o entendimento das questões postas nos objetivos. Trata-se de um enredo repleto de vivências e experiências, resultado da percepção e interpretação dos lugares descritos e, nesse sentido, o enlace da afetividade no espaço caxiense nos demonstrou a sensibilidade do autor para com as relações imbricadas nos aspectos políticos, econômicos, culturais e naturais. A construção do sentimento de pertencimento é um elemento relevante em todo enredo da obra em questão. Os personagens em sua essência existencial, o comportamento e expressões de quem habita o prostíbulo criam, ao longo da narrativa, um sentimento de afeto e participação ao tempo em que ao leitor é possibilitado transitar por ruas e praças de Caxias e pelo interior da Casa Amarela. Entendemos que o espaço vivido na literatura é atuante na construção do imaginário pois, através de descrições e nomeações os lugares são representados com características afetivas distintas provocando a geografia, no caso de nosso estudo, em suas reflexões sobre observação e pertencimento dos lugares e construção de identidades.

Palavras-chave: Pertencimento. Identidades. Lugar. Geografia. Literatura

ABSTRACT

In the context of the relationship between Geography and Literature and its approximation with humanistic geography, this study was driven by the unveiling of the spatial relations apprehended in the novel *Julieta, Coisa e tal*, produced by Osmar Rodrigues Marques, published in 1986. The text emphasizes the category place, enabling the feeling of belonging and identity, by bringing the daily life of the brothel Casa Amarela, located in the central area of the city of Caxias A princesa do sertão maranhense. In time, the novel is set between the 1970s/1980s, when the trajectory of the character Juliet is detailed by relationships, places frequented and, above all, by her perception of the practices, resulting from the lived environment. In this sense, we conducted the research with the objective of analyzing the feeling of belonging and identity present in the geography and history of the character Julieta in the literary novel "Julieta Coisa e Tal" by Osmar Rodrigues Marquês, considering the articulation between the plot, the narrator, the characters and the space of the work, the city of Caxias/Maranhão. . The specific objectives delimited our academic path by seeking (i) to identify the relationships, experiences and experiences of Juliet that were builders and constituents of her identity; (ii) to know the different forms of appropriation of Juliet's sense of identity and, (iii) to reflect on the spatial identity as well as the feeling of belonging to the geographical place expressed in the work of Rodrigues Marques. For the construction of the dissertation we carried out a documentary and bibliographical research in order to approach and understand the reality of the object studied, emphasizing the relevance of the documents and studies accessed to understand the elements that moved the research and helped the understanding of the questions posed in the objectives. It is a plot full of experiences and experiences, the result of the perception and interpretation of the places described and, in this sense, the link of affectivity to the Caxiense space showed us the sensitivity of the author to the relations intertwined in the political, economic, cultural and natural aspects. The construction of the feeling of belonging is a relevant element in every plot of the work in question. The characters in their existential essence, the behavior and expressions of those who inhabit the brothel create, throughout the narrative, a feeling of affection and participation at the time in which the reader is allowed to move through the streets and squares of Caxias and the interior of the Yellow House. We understand that space lived in literature is active in the construction of the imaginary because, through descriptions and namings, places are represented with distinct affective characteristics, provoking geography, in the case of our study, in its reflections on observation and belonging of places and, construction of identities.

Keywords: Belonging; Identities; Place; Geography and Literature

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURA

PPGEO/UFS - Programa de Pós-Graduação em Geografia

IHGC – Instituto Histórico Geográfico de Caxias

UFS- Universidade Federal de Sergipe

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização da área de estudo

Figura 2: Descrição afetiva ao lugar Caxiense

Figura 3: Premiações de Osmar Rodrigues Marques noticiadas na imprensa Caxiense

Figura 4 : Lugares e fatos do Romance Julieta Coisa e tal destacados em edições Jornal Pioneiro

Figura 5: Gentes e lugares da obra Julieta Coisa e tal

Figura 6: Lugares mencionados na obra em fotos da época: 1- cemitério dos remédios
2- Praça São Benedito 3 - Prefeitura Municipal de Caxias

Figura 7: Praça da Matriz 1970/1980. Inauguração da estátua do Cristo Redentor

Figura 8: Mercado central de Caxias na década de 1980

Figura 9: Igreja São Benedito na década 1970 – 1980

Figura 10: Destaque jornalístico ao contexto da prostituição

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Mulheres prostitutas em algumas obras literárias brasileiras entre 1862 e 1986

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 “JULIETA, COISA & TAL”: TRILHANDO OS ESPAÇOS PELA GEOGRAFIA LITERÁRIA”	19
1.1 REFERENTES TEÓRICOS - LUGAR, IDENTIDADE E MEMÓRIA	20
1.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	29
1.3 AS GEOGRAFIAS DO ROMANCE NA CIDADE DE CAXIAS NOS ANOS 1970/80.	35
2 APROXIMAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA NO ROMANCE “JULIETA, COISA & TAL”	46
2.1 O ELO ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA	47
2.2 O LUGAR E ESPAÇO EM OBRAS LITERÁRIAS	54
2.3 A VIDA IMITA A ARTE	61
3 VER E SENTIR O ROMANCE: ESPAÇOS VIVÊNCIAS E LUGARES DE EXISTÊNCIAS EM “JULIETA COISA E TAL”	79
3.1 A CASA AMARELA, ONDE TUDO ACONTECE E OS PERSONAGENS.	80
3.2 A CRÍTICA SOCIAL NO ROMANCE JULIETA COISA E TAL	93
3.3 O ANTES E DEPOIS DE JULIETA	103
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A GEOGRAFIA LITERÁRIA EM “JULIETA, COISA & TAL”	115
REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICES.....	126
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O espaço como local onde ocorre a potencialização das experiências ao longo de sua existência, apresenta uma múltipla dinâmica referente às trocas de experiências entre homem e o meio e também entre os homens. Tais dinâmicas mostram-se através das condições da realidade experienciada pelos seres humanos em seu cotidiano. A prática da leitura dos livros literários possibilita ao leitor a opção de ter uma outra visão sobre os espaços juntamente com seus elementos, além de desenvolver a capacidade de interpretação sobre o lugar, da imaginação das paisagens citadas nas obras, na noção de territorialização do espaço na qual se desenrola o enredo e da criação de ideias por meio do texto principal.

Investigar a Geografia pela literatura evidencia múltiplos olhares a respeito do espaço, oriundos de uma observação junto ao modo de vida de uma certa população ou comunidade. Isso desperta no observador-investigador a curiosidade de conhecer a intensidade do sentimento de pertencimento e identidade com o lugar, elementos estes apreciados nas expressões e falas de cada ser.

As obras literárias em seu amplo jogo de ideias e conceitos, proporcionam uma reflexão e imaginação de tudo aquilo que está sendo descrito, oferecendo ao homem uma formulação de questionamentos e hipóteses ao que constitui o meio. E, isso faz da literatura uma fonte de conhecimento tornando-a uma grande aliada da Geografia ao buscar entender os elementos geográficos descritos em cada verso.

Ressalta-se que a literatura, através de suas obras, possui como proposta uma visão particular do mundo. Ela não substitui a Geografia, mas sim, a considera como complemento, contribuindo para a valorização do diálogo entre essas duas áreas do conhecimento (LIMA, 2017, p.14). É relevante enfatizar o uso da literatura pela Geografia, porém, sem esquecer que são ciências com objetos de estudo e métodos diversificados. Assim, ao realizar uma descrição de seus elementos faz-se necessário atenção ao jogo de ideias abordadas na construção desse diálogo interdisciplinar que vem ganhando reconhecimento no campo do conhecimento.

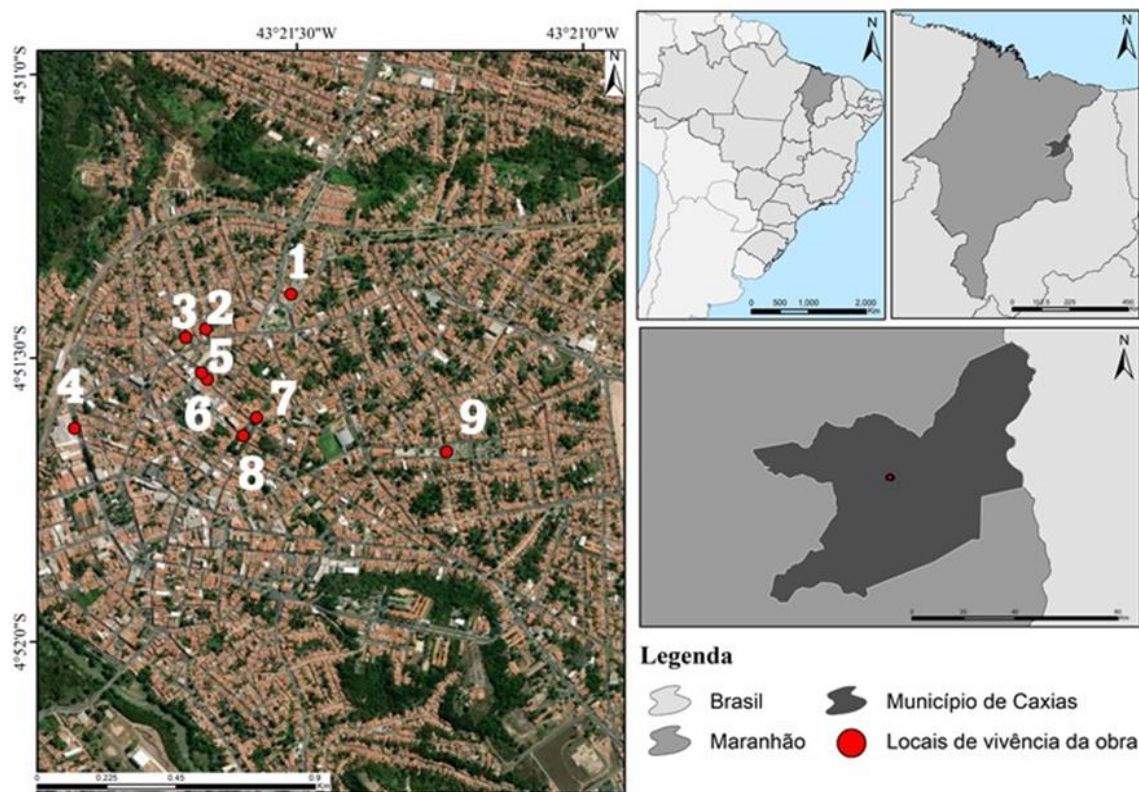
Baseando-se nas descrições do mundo geográfico em constante processo de transformação, realizamos um estudo da obra *Julietta Coisa e Tal* de Osmar Rodrigues Marques com intuito de compreender como os conceitos geográficos são apreciados por autores da literatura e qual a influência desses conceitos na dinâmica social do lugar. No caso, o lugar é e está na cidade de Caxias - estado do Maranhão, visto sob a perspectiva das vivências no prostíbulo Casa Amarela, situado na “rua da Areia” também conhecida como “rua do Cabaré” e, selecionado por Osmar Rodrigues Marques para desenrolar uma trama romanesca.

Nesse contexto, este estudo foi conduzido pelas seguintes perguntas norteadoras: **i)** pelas experiências adquiridas com as relações entre outros personagens mostradas no enredo, de que forma o sentimento de pertencimento se destaca na personagem Julieta? **ii)** o nome “Coisa e tal” representa identidade de Julieta? **iii)** De que maneira o lugar geográfico, prenhe de sentimentos, influencia na construção da identidade dos personagens? **iv)** Há uma articulação entre o enredo, o narrador, os personagens e os espaços de Caxias/MA ambientados na obra? Isto é, as relações “de dentro para fora e de fora para dentro” da Casa Amarela se articulam na construção da identidade com o lugar? **v)** Como o lugar vai se constituindo para Julieta pelas vivências e experiências ao tempo em que constitui referente para ela? Diante dessas indagações o estudo foi delimitado pelo seguinte objetivo geral: Analisar o sentimento de pertencimento e identidade presente na geografia e na história da personagem Julieta no romance literário “Julieta Coisa e Tal” de Osmar Rodrigues Marquês, considerando a articulação entre o enredo, o narrador, os personagens e o espaço da obra, a cidade de Caxias-MA.

Em seguida, formulamos os seguintes objetivos específicos: **i)** Identificar as relações, experiências e vivências de Julieta construtoras e constituintes de sua identidade. **ii)** Conhecer as distintas formas de apropriação do sentimento de identidade de Julieta e, **iii)** Refletir sobre a identidade espacial assim como o sentimento de pertencimento ao lugar geográfico expressos na obra de Rodrigues Marques.

A construção do sentimento de pertencimento é um elemento relevante em todo enredo da obra em questão. Os personagens em sua essência existencial, o comportamento e expressões de quem habita o prostíbulo criam, ao longo da narrativa, um sentimento de afeto e participação ao tempo em que ao leitor é possibilitado transitar por ruas, praças e pelo interior da Casa Amarela. A figura 1 mostra a localização da cidade de Caxias e a situação de alguns referentes da geografia do romance.

Figura 1: Localização da área de estudo.



1-Cemitério São Benedito; 2- Prédio atual do prostíbulo Casa Amarela; 3- Prédio atual do prostíbulo Calçada Alta; 4- Mercado Central; 5- Prédio atual do prostíbulo Casa Verde 6- Prédio atual do prostíbulo Cabaré da Diracy; 7- Igreja São Benedito; 8- Praça São Benedito; 9- Cemitério dos Remédios

Foto: AZEVEDO, A. C. Nunes. Fonte: Percurso etnogeográfico, abril de 2022.

O mapa tem como finalidade, situar a área de estudo da obra, chamando atenção para os cemitérios, antiga Casa Amarela, igreja e praça, mencionados no enredo como espaços de vivências dos personagens. Os cemitérios São Benedito e dos Remédios são inseridos na obra

nos momentos de perdas; a igreja e praça São Benedito compõem os espaços ‘permitidos’ às meninas dos prostíbulos, mas embora não explicita, destacamos a devoção de São Benedito pelas classes sociais menos desprovidas, bem como sua associação ao sincretismo das religiões africanas nas manifestações populares. As fotos 2, 3, 5 e 6 correspondem aos prédios onde, nas décadas de 1970/80 – portanto, no tempo da ambiência do romance, funcionavam nessa ordem, os cabarés Casa Amarela, Calçada Alta, Casa Verde, Diracy e, atualmente, uma farmácia – a Ultra Popular, uma escola municipal- nomeada “Joaquim Francisco”, uma clínica – a Medcenter multi e uma casa de preservação e memória ao cabaré da Diracy – a Boate Madri.

A realização deste trabalho está pautada em inúmeros elementos, dentre os quais destacam-se o interesse de reconhecer a literatura como fonte de conhecimento geográfico, sua infinidade de questionamentos sociais responsáveis por guardar a memória e identidade humanitária, sua manifestação de grande importância para a cultura brasileira, por oferecer conhecimentos que explicam os verdadeiros elementos que norteiam uma sociedade.

Ademais, está ancorado na fenomenologia, ciência eidética que se procede por descrição - e não por dedução, e seus fenômenos são os vividos pela consciência. Descrever é recriar alguma coisa que alguém deseja dar a conhecer a outrem. Ela envolve uma seleção temática e recortes da realidade. Quem ouve ou lê esta descrição recria a imagem do que foi descrito, mas que não teve contato (Campos, 2011).

A ideia dos conceitos em sua dinâmica geográfica proporciona uma ampla reflexão consigo e com o meio, identificando suas relações decorrentes da ação e experiência cotidiana. A literatura em sua ampla compreensão espacial, possibilita conhecer as mais diversas categorias de conhecimento, partindo do senso comum ao campo científico, podendo entender que ambas necessitam do outro para existir, tendo a relação da sociedade com o meio um elemento de inspiração, motivação e resistência para uma infinidade de criação e interpretação.

É na experiência vivida que se encontra o sentido e o significado da vida. Campos *op. cit.* (2011) reforça ainda que a fenomenologia procura demonstrar que não existe diferenças entre sensação e percepção, pois nunca se tem sensações separadas de cada qualidade que depois seria juntada e organizada com percepção pois, sentimos ou percebemos totalidades dotadas de significação.

Assim, os elementos literários têm ganhado relevância nos estudos geográficos, como uma herança que capacita o ser humano entender os aspectos relacionados aos saberes, práticas, costumes e expressões que constituem a base de conhecimento do espaço como lugar de memória. Tornam-se evidentes os valores sociais propondo o reconhecimento de sua base

histórica e os fatores que constroem sua atual dinâmica social.

Isto posto, alcançamos nossos objetivos e estruturamos a dissertação em quatro seções. Na primeira "*Julieta, coisa e tal*": *trilhando os espaços pela Geografia Literária* tratamos em três subseções: os referentes teóricos e metodológicos são abordados inicialmente através de autores e procedimentos delineados pelos limites dos objetivos e, apresentamos a geografia da cidade a partir dos referentes citados na obra. A terceira subseção finda com a exposição da árvore das gentes e dos lugares da obra, em que retratamos a sensibilidade de Rodrigues Marques para com Caxias e Caxienses, tanto quanto principiamos a abordagem sobre os liames entre geografia e literatura.

A seção seguinte, "*Aproximações entre Geografia e Literatura no romance 'Julieta, coisa e tal'*" tratamos em três subseções: o elo entre Geografia e Literatura com o objetivo de apresentar as relações existentes entre ciência e arte. Em seguida enfatizamos o lugar e espaço em obras literárias, com o intuito de analisar os elementos que constitui a categoria geográfica lugar. Finalizamos a terceira subseção com as abordagens relacionadas aos aspectos da arte como imitação da vida.

A terceira seção, "*Ver e sentir o romance: Espaços, vivências e lugares de existências em Julieta, coisa e tal*" dedicamos em três subseções abordagens relacionadas a casa amarela, mais particularmente, aos lugares de sentimentos do personagem Julieta ao pontuarmos a Casa Amarela como o lugar onde tudo aconteceu com os personagens, assim como o posicionamento crítico do autor com relação a sociedade caxiense. Na terceira subseção realizamos uma abordagem relacionada ao antes e depois de Julieta, enfatizando sua trajetória e conquistas. O texto finda com as considerações finais e se completa com as referências, apêndices e anexos.

1-“JULIETA, COISA & TAL”: TRILHANDO OS ESPAÇOS PELA GEOGRAFIA LITERÁRIA”

Simplesmente

Mulher nua e crua
Mulher da rua
Mulher feita
Na cama desfeita

Mulher semi morta
Mulher torta
Mulher desencantada, desvergonhada
Mulher nada

Mulher que ri, mulher que chora
Mulher que serve, mulher que tem hora
Mulher doente, carente.

Mulher sem vida, abatida
Mulher sem querer, sem prazer
Mulher vivida, dolorida
Mulher sem corrente, penitente
Mulher simplesmente!

Silvana Meneses

JULIETA, COISA
&
TAL

RODRIGUES MARQUES

1.1 REFERENTES TEÓRICOS: LUGAR, IDENTIDADE E MEMÓRIA

Desde as sociedades ditas primitivas até o homem contemporâneo, a precisão, necessidade da especulação geográfica, é uma necessidade básica, fundamental e intrínseca do homem; necessidade de posicionar-se em relação ao lugar em que vive (Monteiro, 2002. p.136). O espaço geográfico enquanto elemento de produção e reprodução, caracteriza-se por dinamizar o meio físico e social, através das práticas cotidianas capazes de atribuir elementos favoráveis ao seu processo de formação. A geografia humanista proporciona uma análise da interação espacial, um ambiente de fortes pensamentos e reflexões que enfatiza uma cadeia discursiva sobre a valorização dos conceitos relacionados ao homem e o meio, desenvolvendo indagações e questionamentos referentes ao passado, presente e futuro, procurando ampliar um leque de discussões ao cotidiano do homem, estabelecendo uma conexão de entendimento às suas ações e experiências.

Compreendemos com base em Holzer (2016) que o aporte humanista, dentre outras contribuições, encaminhou uma revisão das abordagens sobre as relações homem-meio, sociedade-natureza, reabilitando a Geografia clássica com novos olhares para com a paisagem e a territorialidade pela condução etnogeográfica da pesquisa de campo. Com isso, sublinha a aproximação da Geografia com a literatura, psicologia, antropologia¹.

Os diversos campos do saber, a religião, a arte, a filosofia e a ciência convergem para um único ponto: a apreensão da realidade, resguardadas, claro, suas peculiaridades investigativas e metodológicas. A ciência geográfica vem procurando alternativas de apreensão do espaço geográfico, especialmente, com a abordagem cultural que se lança com novas perspectivas nos estudos socioespaciais. Uma dessas perspectivas é a compreensão da realidade pela influência da cultura na produção do espaço, assim como a significação da espacialidade vivida. Desse modo, credita-se à Literatura, que coexiste como modalidade da arte e como constituinte da cultura, a possibilidade de ela intermediar a compreensão da relação do homem com o meio por ele produzido e valorado (Olanda e Almeida, 2008).

O conhecimento geográfico espontâneo surgiu para atender as necessidades básicas, como localização da aldeia ou do campo de caça e de pesca; deslocamentos; levantamento de recursos naturais; ou orientação em relação ao vento, chuvas, rios, tribos, marcha aparente do

¹ Nesse sentido, nosso estudo foi conduzido pela proximidade e pelas imbricações entre a Geografia cultural e a Geografia humanista, com destaque para a partilha e consideração do contexto histórico, das temáticas de interesse e, ainda, pela abordagem fenomenológica, enfim, considerando que ambas são uma demonstração do humanismo em Geografia. A esse respeito ver também SUESS (2017) que reforça a atenção da Geografia (leia-se cultural e humanista) para com os sujeitos sociais, as subjetividades e as relações espaciais.

sol. Em atendimento aos mapeamentos e tradições, os mapas surgiram antes da escrita, traduzindo os registros de lugares e de outros grupos humanos ou de animais. As viagens decorrentes de anseios de aventura e de precisão, e nelas foram cruzados lagos, mares e oceanos, percorridos rios e montanhas e penetrados continentes e ilhas, sempre perpetuadas com descrições orais e registros em pedras, papiros, folhas ou troncos (OLIVEIRA, 2017). A mediação responsável pela instalação de um vínculo entre o leitor e o espaço criado na narrativa literária passa pelos vocábulos, porque o espaço literário é antes de tudo, palavra (TEIXEIRA, 2020).

Ao propor interpretar a categoria lugar a partir da existência dos personagens no romance *Julieta, Coisa e tal* de Osmar Rodrigues Marques, com enfoque na perspectiva da protagonista Julieta, encontramos nas vivências dos envolvidos diferentes maneiras de ver e sentir o espaço Caxiense, observando nas ações e práticas cotidianas a construção do sentido de habitar e pertencer a um lugar com significados distintos.

Há uma coerência entre a descrição do autor e a narrativa da personagem memorializada como aponta Monteiro (2002, p.117), ao se referir que os autores romanescos destacam com evocações pessoais e sentimentos para ressaltar os estados de espírito dos personagens. Com essa ideia é possível pensar a existência de Julieta para o autor, a capacidade de descrever sua estrutura física e emocional, poderia ser oriunda de uma observação direta aos aspectos do vivido, a maneira de ver e sentir da jovem provoca no imaginário do leitor a capacidade que o espírito romanesco tem para observar e apreciar a realidade.

Se por um lado a literatura exprime a realidade físico-humana por meio da dinamicidade da trama - a diegese para os teóricos da literatura, por outro, a abordagem cultural na geografia coloca a cultura e o homem como centro para compreender a construção do meio, repleto de significados e de processos que criam identidades. Vemo-nos assim diante dos elos entre a Geografia e a Literatura (Olanda e Almeida, 2008). Desvendar aspectos geográficos na literatura é o desafio motivador desse estudo.

É com base no pensamento de Dardel (2015) - que a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes, que encontramos em Rodrigues Marques o amor ao lugar Caxiense, a inspiração para escrever o romance enfatizando sua sensibilidade, a observação da dinâmica espacial e relações cotidianas da sociedade, o enredo que realiza uma demonstração dos aspectos naturais, sociais e econômicos da cidade. Tudo isso provoca a geografia a pensar o significado desses elementos para a construção do sentido e simbologia do viver e habitar o lugar.

O ser humano sempre esteve presente nas investigações geográficas, todavia a

perspectiva humanista buscou alargar o conceito de indivíduo, ou seja, procurou ampliar a visão de pessoa humana e as suas ações. Para Olanda e Almeida (2008), o viés humanístico avança no sentido de investigar como as atividades humanas e os fenômenos geográficos podem revelar a qualidade da conscientização humana em relação ao meio em que vive.

A subjetividade está na pauta do humanismo, como traz o enfoque fenomenológico. Este resgata o mundo vivido como escala e categoria de análise, permitindo a compreensão mais orgânica da relação homem-meio, através do conceito de lugar e o estudo da memória, dos símbolos e da identidade. Estes tornam esta relação mais viva e humana. Desloca-se o foco das macrofunções e macroestruturas para os sentimentos e as relações, sem ignorar tais macroprocessos. Não se trata de negar outras posturas metodológicas, e sim de enriquecer o estudo geográfico, adicionando a ele outras dimensões (Marandola Jr, 2005).

O diálogo entre geografia e literatura pode acontecer de diversas formas, nesse sentido três pontos comuns nas abordagens literárias e geográficas podem ser destacados: a dimensão espacial, a dimensão temporal e a atuação dos sujeitos sociais. Um caminho interessante é contextualizar o papel de alguns/algumas personagens importantes com conceitos geográficos relevantes, como paisagem e lugar (CASTRO, 2015, p.39). Pela permanência do elo entre tais ciências conseguimos identificar no romance em estudo os constituintes da dinâmica do tempo, espaço e sujeitos, encontrando nas ações e envolvimento com o lugar Caxiense elementos necessários para entender o processo de construções identitárias.

No dizer de Olanda e Almeida (2008), a Geografia Cultural construiu seu arcabouço teórico metodológico a partir da concepção de pesquisa como sendo o captar do significado dos fenômenos e da aceção de ciência como a compreensão dos fenômenos em suas diferentes manifestações contextualizadas e particularizadas. Nessa abordagem prioriza-se o sujeito sobre o objeto, ou seja, valoriza o sujeito, a subjetividade e a experiência, alicerçada na visão de Homem como ser integral e em construção.

As sensações são uma apreensão do real, mas só se tornam seguras quando assumem uma forma estável. Isto ocorre quando se superpõe a sensação a uma percepção. Os homens quase sempre ouviram falar de lugares que eles abordam antes de os pisarem, de modo que seu olhar não é mais perfeitamente novo. Sua experiência é guiada por aquilo que eles aprenderam ao escutarem as pessoas em torno deles e discutindo com eles. A geografia que estuda grupos humanos se detém nos discursos e nas representações que os codificam, uma vez que estas últimas traduzem maneiras de ver padronizadas (Claval, 2015).

Se pensarmos a Geografia como uma árvore do conhecimento, podemos admitir que a Geografia Cultural é um dos seus ramos mais frondosos e carregados de frutos. Engloba,

atualmente, um vasto temário, que compreende os aspectos clássicos da cultura material, como as técnicas, tecnologias, artes e modos de vida, e aspectos antes pouco valorizados pela Academia, referentes à cultura imaterial, como as religiões, as festas e os sistemas de crenças (Lima, 2017).

Não é fácil definir cultura, visto que ela possui inúmeros significados, em diversos contextos, inserida em diferentes territórios. O conceito de cultura mais aceito pela Geografia advém da Antropologia Cultural, pois esta reconhece que os seres humanos vivem num mundo que foi construído por eles mesmos e nele encontram significado. A cultura é constituída pelo mundo cotidiano vivido por todos nós e onde todos nos movimentamos, relacionando-nos entre nós e com o entorno. Este mundo vivido acontece, entre outras dimensões, num território, cujas territorialidades se definem pelas diferenças culturais e onde o poder se manifesta (Rocha e Almeida, 2008).

É nessa perspectiva que o lugar é anterior e posterior à geografia, como palavra que precede e dá prosseguimento ao conceito. Ainda que a geografia seja pensada de uma forma mais ampla, ela sempre será apenas uma parte da cultura que toma o “lugar” como um de seus modos de dizer o mundo, que toma a palavra “lugar” como sendo, ela mesma, parte da cultura movente, cultura esta que será sempre outra, toda vez que “lugar” ganhar outros contornos, outros usos, outras poéticas potencialmente produtoras de outras geografias (Oliveira Junior, 2014).

Os grupos humanos possuem símbolos, língua, costumes, religiões, crenças que os distinguem uns dos outros. A diferença é que forma o mosaico dos povos. Normalmente, cada grupo com características culturais diferentes dos outros habita um território contínuo com suas diversas territorialidades onde o poder é exercido e seu mundo é vivido, percebido e concebido. Essas diferenças é que constituem a cultura que se manifesta através de uma linguagem verbal, com suas músicas, língua, mitos, lendas, crenças, e a não-verbal, com seus símbolos, ícones e índices (Rocha e Almeida, 2008).

Nesse sentido, o texto literário cria as condições de ampliar e lançar a construção de conhecimento, de maneira a formar novos conjuntos de ideias, imbuídas da narrativa vivenciada e da objetividade buscada pela ciência, via a inserção das obras da literatura e da geografia (Araújo, 2010.p.36). Os romances revelam a intensidade emotiva dos sujeitos aos lugares, as experiências do vivido oferecem uma compreensão de realidades que incorpora sentidos e significados distintos.

Aportando no pensamento geográfico, tais colocações podem ser ampliadas. O conceito de lugar na geografia pode ser associado a uma análise marxista, pensando-se os lugares como

as distintas versões dos processos de reprodução do capital ao redor do mundo ou, ainda, sob uma abordagem fenomenológica e humanista, sendo entendido como *lócus* da reprodução da vida cotidiana, permeada por diferentes visões de mundo e diferenciadas ideias de “cultura”. Tais abordagens suscitam questões sobre o papel dos lugares nas cidades contemporâneas, em um contexto de metropolização, fragmentação e homogeneização, que vai conformando lugares hierarquizados por lógicas economias e políticas, em geral de caráter extralocal. É nesse sentido que Serpa (2019) afirma que a metrópole parece negar os lugares, sobrepondo valores e conteúdos hegemônicos às experiências enraizadas na vida cotidiana de cada lugar.

Qual o sentido do lugar e do tempo? O lugar acompanha o homem desde sua gênese e sua definição perpassa sobre o sentido do tempo, dia, mês, ano, século, em que a vida é estabelecida, construída e transformada pela ação do trabalho, resultando em espaço produzido socialmente a partir das necessidades e relações humanas (Oliveira e Passos, 2020. p.91). Em *Julieta, Coisa e tal* a vida dos personagens incorpora diferentes maneiras de ver e sentir o lugar Caxiense, a temporalidade é um evento importante para analisar a simbologia do lugar e os aspectos que compõe os enlaces da afetividade.

Entende-se a geografia dos espaços vividos como aquela que reconhece e busca revelar o papel de intermediação do cotidiano e das representações espaciais, nas relações sociedade-espaço, o cotidiano visto aqui como um conjunto de momentos e eventos espaço temporais, que dão concretude aos processos de alienação e desalienação, revelam os limites das análises estritamente morfológicas e/ou ecológicas pela mediação das dimensões material e abstrata (Serpa, 2019).

O que o sujeito vive não está à parte no tempo, é dele que se extrai o que sentia no passado e sente no presente, mirando o futuro. O sentido de lugar, ou seja, a atribuição que o sujeito dá ao lugar coopera para a constituição do grupo, de sua identificação, de seu pertencimento a determinado grupo. Para Freitas e Almeida (2016, p.236), essa identidade é arquitetada no lugar, de modo a possibilitar compreender em maior densidade o ser e estar no lugar. No mundo literário o diálogo existente entre os personagens tem a capacidade de demonstrar o significado afetivo das pessoas para com os lugares, a vida de cada integrante é construída em diferentes momentos e situações e, assim, podemos perceber as diferentes simbologias e experiências com os lugares, pensando o passado como reflexo das ações e comportamentos do presente.

Diante do exposto, Souza (2013) disserta que o conceito de lugar, não é a dimensão do poder que está em primeiro plano ou que é aquela mais imediatamente perceptível, diferentemente do que se passa com o conceito de território; mas sim a dimensão cultural-

simbólica e, a partir daí, as questões envolvendo as identidades, a intersubjetividade e as trocas simbólicas, por trás da construção de imagens e sentidos dos lugares enquanto espacialidades vividas e percebidas, dotadas de significado.

Acrescenta-se ainda que a identidade depende da memória para se construir, assim como a alimenta. Freitas e Almeida (2016, p. 236) sublinham que identidade e memória são vitais para a dialética do lembrar e pertencer constituintes na amálgama da construção do sujeito no mundo e de seu lugar de pertença. No mundo literário a construção de identidades e sentimentos de pertencimento atribui valores aos aspectos do vivido, os lugares aproximam realidades e comportamentos, as ações do cotidiano qualificam novas experiências, e a temporalidade realiza um enlace aos aspectos das memórias e construções afetivas.

Tuan (2013) expõe que um homem pode se apaixonar à primeira vista por um lugar como também por uma mulher. A primeira visão do deserto através de um desfiladeiro na montanha ou a primeira entrada na floresta virgem pode não apenas provocar alegria, mas inexplicavelmente uma sensação de reconhecimento como um mundo cristalino e fundamental que sempre se conheceu. Uma experiência breve, mas intensa é capaz de anular o passado, de modo que estamos dispostos a abandonar o lar pela terra prometida.

Tuan *op. cit.*, expõe que para fortalecer nosso sentido do eu, o passado precisa ser resgatado e tornado acessível. Existem vários mecanismos para escorar as deterioradas paisagens do passado, por exemplo, vamos ao bar: temos a oportunidade de falar e transformar nossas pequenas aventuras em epopeias, e dessa forma as vidas comuns alcançam reconhecimento e até uma pequena glória nas mentes crédulas dos companheiros ébrios. Os amigos vão, mas suas cartas são evidências tangíveis de que sua estima persiste. Os parentes morrem e, no entanto, continuam presentes e sorridentes no álbum de família.

A respeito do lugar - categoria de análise do espaço geográfico, ele é compreendido como um espaço dotado de símbolos e significados, os quais proporcionam sensações e sentimentos, pois é nele que acontecem as atividades cotidianas, mesmo que, para muitos, um determinado espaço possa gerar afetividade, repulsa ou outros sentimentos, a depender da vivência ou experiências de cada um (Batista, 2010. p.109).

Enunciar lugares pressupõe que as representações espaciais sejam “comunidades”, daí a importância do acesso às técnicas de comunicação e sua apropriação enquanto tecnologia. E o discurso dos grupos e as iniciativas analisadas nunca estão isolados do contexto de enunciação, revelando ainda que os lugares enunciados não podem ser compreendidos como objetos dados. É o que nos coloca Serpa (2019), o lugar processual e articulado com diferentes espaços de conceituação dos grupos envolvidos, o lugar e sua acessibilidade ao meio técnico

disponível em cada lugar concreto.

É relevante mencionar a capacidade que o homem tem de expressar sentimentos através da linguagem oral e escrita, e são essas atividades que desenvolvem um campo de análise em diversas áreas do conhecimento, proporcionando ao pesquisador estudar, descrever e tentar conhecer como é a representação simbólica da realidade do meio social. Os romances tem o objetivo de recriar a realidade do lugar, escutar os sujeitos através do imaginário incorpora a ideia da sensibilidade humana ao expor seus anseios e experiências vivenciadas em um determinado espaço e tempo.

Em resumo, podemos dizer que lugares muito queridos não são necessariamente visíveis, quer para nós mesmos, quer para os outros. Os lugares podem se fazer visíveis por inúmeros meios: rivalidade ou conflito com outros lugares, proeminência visual e o poder evocativo da arte, arquitetura, cerimônias e ritos. Os lugares humanos tornam-se reais por meio da dramatização. Alcança-se a identidade do lugar pela dramatização das aspirações, necessidades e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos (Tuan, 2013).

A memória ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa tal como colocado por Candau (2011, p.16), acrescentando, ao final, resta apenas o esquecimento. Na arte literária a memória desenvolve uma função importante para descrição dos acontecimentos e existência dos personagens, são nas experiências do vivido que o autor encontra elementos favoráveis para imaginar e refletir os sentidos e significados da realidade social.

Segundo Candau (2011), enquanto a memória do tempo profundo tende a enfraquecer consciência identitária, a memória longa a reforça. Essa memória é menos uma memória profunda do que a percepção de um passado sem dimensão, imemorial, em que se tocam e por vezes se confundem acontecimentos pertencentes tanto aos tempos antigos quanto aos períodos mais recentes.

Berdoulay e Entrikin (2014) trazem o entendimento de que a identidade espacial ocupou um lugar relativamente ambíguo nas discussões sobre a modernidade. A política da identidade desempenhou um papel importante nas sociedades industrializadas, mas ela esteve mais frequentemente ligada a questões de classe, etnia, gênero sexual ou ainda a debates sobre a sociedade de consumo, ligando o desejo de consumir à necessidade de construir ou mudar a própria identidade.

Observa-se a relação que o morador mantém com o lugar onde vive determina seu olhar

sobre ele. Tradutores desses olhares revelam o sentimento do morador em relação a esse lugar, atribuindo significados a seus espaços. A própria literatura torna-se uma narrativa contra o esquecimento da cidade e revela as contradições e as transformações que se produzem pelo processo modernizador (Araújo, 2010. p. 47). Em *Julieta, Coisa e tal* o significado do lugar foi construído pelos aspectos das vivências das moças e rapazes que habitavam e frequentavam a pensão e atribuíam suas simbologias a ideia do cotidiano e experiências que marcavam suas existências no espaço Caxiense.

Lugares e tempos são sempre versados em poesias e muitos se reportam à memória sobre o vivido e o experienciado. Oliveira e Passos (2020) abordam que há muito de geografia na literatura quando os poetas buscam em suas memórias os espaços vividos, percorridos, experienciados e os retratam em versos, prosas, contos, os quais mexem com a criatividade do leitor, buscam lembranças dos lugares e dos tempos vividos.

A importância conceitual desse ponto de vista sobre o sujeito e o lugar é reforçada pela possibilidade de encontrar, para ele, um prolongamento metodológico. A análise epistemológica do discurso geográfico, segundo Berdoulay e Entrikin (2014) já permitiu resgatar a tendência narrativa presente em certas correntes da geografia, a fim de estruturar o esquema casual que era aí privilegiado. Ora, a propriedade que a trama narrativa possui de colocar em coerência os elementos diversos do ambiente natural e humano estende-se a toda experiência que visa o mesmo objetivo.

Topofilias e toponímicas, assim como a memória e a identidade se concentram em lugares, e em “lugares privilegiados”, quase sempre com um nome, e que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo. A razão fundamental de ser de um lugar de memória, observa Pierre Nora, “é a de deter o tempo, bloquear o trabalho de esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte” A função identitária desses lugares fica explícita na definição que é dada a eles pelo historiador: “toda unidade significativa, de uma comunidade qualquer (*apud* Candau, 2011. p. 156).

Vale aqui ressaltar a importância da memória como elemento da identidade e de pertencimento do morador de um lugar. Assim, o Centro Histórico ‘requalificado’ torna-se inviável para seus antigos moradores, devido à valorização imobiliária, convertendo-se numa constante e crescente tensão entre uma permanência material estilizada e uma profunda ruptura social, tristemente acompanhada da impossibilidade de vida urbana que lhe dava sentido (Araújo, 2010. p.45). Encontrar a estrutura física dos lugares torna-se uma herança que valoriza inúmeras histórias e vivências, no romance em estudo; a inexistência da Casa Amarela, proporciona um vazio ao olhar da realidade dos personagens, pensar o lugar é permitido apenas

pela descrição do autor, que com muita sensibilidade oferece uma visão do espaço onde foram construídos identidades e sentimento de pertença.

Pelo exposto, a cidade como espaço de relações e de existência, é um *lócus* de compreensão de realidades nas mais diversas áreas do conhecimento. Ao privilegiar um desses saberes, a ficção contribui para o debate sobre as suas possibilidades de se conhecer espaços e lugares, uma vez que é na cidade e a partir da realidade concreta que o escritor deixa fluir sua imaginação e, assim, registra um conhecimento sobre ela (Andrade e Andrade, 2010).

O pensamento contemporâneo geográfico vem assistindo e participando de revoluções tecnocientíficas e de informática e, sobretudo, adotando como método de investigação a interdisciplinaridade científica. A nomenclatura geográfica tem incorporado ao seu corpo de conhecimento novas visões de homem e de mundo. Tem se beneficiado e muito das imagens de satélites, das técnicas matemáticas e estatísticas, de programas de computação, e trocado ideias com as demais disciplinas científicas. Talvez o mais importante seja ter se engajado na busca de saídas satisfatórias para a questão do meio ambiente, do social e do demográfico (Oliveira, 2017).

Nossa geograficidade é permeada por sonhos, imaginações e memórias sobre o que vivemos, queremos viver ou acreditamos ter vivido. Para Dias (2020, p.141), nossas ações e deslocamentos espaciais também são marcados por esses aspectos e, portanto, nosso modo de ver e nos relacionar com a Terra. Essas experiências geram marcas e poderemos conhecê-las quando alguém nos endereça sua narrativa. O convite é para nos aproximarmos das pessoas e ampliarmos nossa condição de escuta para encontrarmos a geograficidade do outro por meio de sua palavra. Já no contexto da geopoética como uma geografia dos mundos interiores, Kozel (2012) considera que permeamos as representações e adentramos nos mundos interiores dos seres humanos advindos de suas vivências e particularidades.

A arte, assim como a Ciência, também brota da relação orgânica do homem com o meio, e por isso é tão importante para a geografia. Marandola Jr. (2010) ressalta que nas manifestações artísticas estão inscritas geografias da mesma forma que foram necessárias geografias para concebê-las. Tanto o conhecimento existencial do artista quanto seus referenciais culturais estão embebidos de geograficidade, pois esta é inalienável do ser humano e de suas realizações.

Entendemos como Monteiro (2002, p. 128) ao afirmar “Quero deixar claro que nesta procura do “geográfico” nos espaços romanescos não há “cobrança”, mas uma simples sondagem, elucubrações de um geógrafo que, ao valorizar a descrição geográfica, na sua pretensão científica, recorre aos mestres de nossa literatura para constatar, no âmbito de suas criações “artísticas”, como pode-se extrair valioso acervo geográfico que, se não substitui o

trabalho profissional do geógrafo, enriquece-o sobremaneira, e pode auxiliá-lo muito. (MONTEIRO, 2002, p.128)

1.2 - CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para a construção da dissertação realizamos uma pesquisa documental e teórica com o intuito de aproximar e entender a realidade do objeto de estudo, ressaltando a relevância dessas análises para compreensão dos elementos que movem a pesquisa e auxiliam na busca e entendimento da problemática, proporcionando um levantamento de ideias e questionamentos a todos os objetivos alcançados.

A abordagem humanística baseia-se na contribuição teórica sustentada em autores como Yi- Fu Tuan, Anne Buttmer e Edward Relph, e “possui a fenomenologia existencial como a filosofia subjacente” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 21). Agrega-se as colocações de Holzer (1992) sobre a contribuição de David Lowenthal na sistematização epistemológica da corrente Humanista.

Tomamos como base fundamental para investigação do sentimento de pertencimento e identidade do lugar na vida dos personagens as obras de Maurice Merleau-Ponty (2018) “Fenomenologia da Percepção”; Eric Dardel (2015) “O homem e a terra: natureza da realidade geográfica” e, de Yi-Fu Tuan (1980; 2013), respectivamente, “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente”, e “Lugar e Espaço: a perspectiva da experiência”.

Outro autor relevante para a construção da pesquisa foi o professor Carlos Augusto Figueredo Monteiro, com o livro “O mapa e a trama: ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanesas” (2002). Ele trouxe um estudo das obras *Corpo de Baile* de Guimarães Rosa, *O cortiço* de Aluísio de Azevedo, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, *Triste Fim de Policarpo de Quaresma* de Lima Barreto, *Canaã* de Graça Aranha. Em sua imersão, o prof. Carlos Augusto buscou o conteúdo geográfico favorável para entender a dinâmica socioespacial da terra e, portanto, favorável para compreender a geografia presente em *Julieta, Coisa e tal*.

Diante disso questionamos como o fez Monteiro (2002, p.13) “que isomorfismo poderíamos querer encontrar em coisas tão díspares quanto a Crítica Literária e a Geografia uma vez que a Literatura é “criação artística” e a Geografia é, ou pelo menos pretende ser, “construção científica”? A noção de localização espacial configurada no “lugar” aparece como denominador comum no princípio dessa possível aliança”.

Outro autor importante para a descoberta das relações cotidianas foi o professor Angelo

Serpa, com sua produção intitulada “Por uma geografia dos espaços vividos” (2019), em que realiza uma abordagem relacionada com a construção das perspectivas da fenomenologia sobre o conhecimento das categorias geográficas. Ele apresenta um percurso para a redução fenomenológica que proporcionou o encontro entre a realidade do vivido e aspectos cotidianos dos lugares habitados, favorecendo nossa interpretação do corpo como representação de diferentes experiências.

Segundo o autor (Serpa *op. cit.*), essas relações podem se manifestar de maneira centrípeta (para dentro) e/ou centrífuga (para fora) quando se trata de intersubjetividade e modos de existência frente ao diferente e/ou ao igual (a mim). A forma como agentes / sujeitos/grupos/indivíduos/classes vão reagir ao outro é, enfim, o que “ser lugar” ou “ser território” manifestam enquanto essência nas mais diversas escalas espaço-temporais. Concordamos com ele ao entender que quando voltamos intencionalmente para dentro e nos colocamos entre iguais ou quando estamos voltados para fora e entre diferentes é possível perceber a constituição de momentos e princípios existenciais dialeticamente relacionados, mas distintos enquanto manifestações do ser-no-mundo.

É essencial para nosso estudo ressaltarmos a presença inicial da profa. Maria Geralda de Almeida e o legado de sua obra, com destaque para a coletânea de textos de sua autoria reunidos no livro “Geografia Cultural – um modo de ver” (2018). Seus textos nos conduziu a compreensão do pensamento as diferentes maneiras de sentir os lugares, territórios e paisagens, propondo perceber nos aspectos das relações culturais e enlace afetivo as condições necessárias na construção identitária.

É possível afirmar que a natureza e a sociedade são representadas num universo unitário, porém, elaborando heterogeneidades. A prof. Maria Geralda de Almeida em seu artigo: Identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo nos diz que o *habitat* e a paisagem de cada sociedade não são unicamente consequência da “oferta natural” de solo, clima, vegetação, altitude, mas sim o produto de um conjunto de dispositivos que se fortalecem, assim como esgarçam-se ao comporem os territórios dos sertões, tornando-os diversos. Posto que as identidades são dinâmicas, pode-se dizer que elas se relacionam com um contexto socioespacial e, no caso dos sertões, a existência de identidade múltiplas é parte desse processo (Almeida, 2018, p.310).

O livro “Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas (2020), organizado por Jussara Fraga Portugal, reúne ensaios de diferentes geógrafos, que realizam uma análise relacionada aos conceitos geográficos, memórias e experiências nas narrativas, evocando reflexões aos elementos da subjetividade.

Em conjunto, os textos conduzem ao entendimento de que a geografia está presente nas narrativas e estabelece caminhos para pensar uma geografia para além do imaginário. Dentre eles, destacamos a produção de Jésus e Léda (2020, p.273 a 296), pertinente para a compreensão das relações sociais e cotidianas através do conceito de lugar. Para eles, é desse lugar da vida, dos conflitos e contradições que lhe sejam inerentes que se constrói a possibilidade de lê-lo criticamente e, sobretudo, geograficamente. É preciso, enfim, firmar um ponto de vista fundamental: o lugar, naquilo que traz de enriquecedor como categoria abstrata e transcendente para a interpretação do ser humano no mundo, deriva inexoravelmente de vivências e práticas em lugares, partes específicas e tangíveis das múltiplas e inumeráveis experiências dos seres humanos neste mundo. É ao fim e ao cabo de tais vivências significativas que os lugares ganham sentido pleno, e, afinal, se “lugarizam”.

A coletânea “Geografia e literatura: Ensaios sobre geograficidade – poética e imaginação” organizada por Eduardo Marandola Júnior e Lúcia Helena Batista Gratão (2010) foi acessada para o diálogo e compreensão do objeto de nosso estudo. São vários ensaios com o objetivo de promover uma reflexão sobre os aspectos da construção afetiva e dos elementos que constituem o cotidiano da sociedade o que possibilitou a compreensão da geopoética e das relações identitárias.

Nesse sentido, reconhecemos o imaginário de certa forma, em algum traço da existência, e é esse o caminho por onde procuramos trilhar. Um trilhar de experiência como num ato explorador que busca as inerências de uma cidade. Gratão (2010, p.313) explicita esse ato como um (des)cobrir experiencial e vivencial que des(vela) as “coisas mesmas” no espaço existencial. Um ato de (a) ventura geográfica que desafia o traçado dos caminhos formais da geografia.

Paul Claval em seu livro “Terra dos homens: a geografia” (2015) convida-nos a pensar as relações da existência humana na terra, as discussões realizadas sobre o significado dos saberes, práticas, habilidades e experiências e, assim, favorece uma compreensão dos elementos que constituem o comportamento e a consciência de uma sociedade, promovendo diferentes análises a respeito dos sentidos da essência geográfica.

Para ele, os componentes geográficos das práticas indispensáveis a qualquer vida social compreende tudo aquilo que torna possível habitar a terra e aí se instalar. Eles norteiam a escolha dos sítios favoráveis, guiam não somente o desenho das vias e redes de comunicação, mas igualmente os materiais e as formas que convêm dar aos lugares, às necessidades daqueles que ali vivem e às atividades que estes ali desenvolvem (Claval, 2015).

Retomando à análise da geografia na literatura, o livro “Geografia, literatura e arte: reflexões” (2010), organizado por Maria Auxiliadora da Silva e Harlan Rodrigo Ferreira da

Silva mostram, em diferentes romances, assuntos relacionados ao conceito e cotidiano das cidades, dentre eles, as vivências do sertanejo e sua simbologia afetiva, a poética e o sentimento de pertencimento dos lugares. Em paralelo, com a intenção de oferecer à nossa pesquisa uma abordagem relacionada a cidade de Caxias, encontramos no livro “Percorrendo becos e travessas: feitos e olhares das histórias de Caxias” (2010), organizado por Jordania Pessoa e Salânia Melo, ensaios relacionados à simbologia e inspiração literária, bem como à construção histórica e geográfica da cidade, seu patrimônio cultural, lugares de memórias, entre outros, os fundamentais para uma melhor contextualização do passado Caxiense.

As obras literárias podem ser consideradas como flagrantes de uma época. No transcurso dessas tramas percebe-se a forma como o autor ou autora leem a paisagem, descrevem lugares, regiões. Castro (2010), aponta um caminho interessante para colocar em prática o diálogo entre geografia e literatura fazendo a relação entre os sujeitos da trama literária e os seus espaços de moradia, trabalho, deslocamento, deslumbramento, medo, alegrias, conflitos, ludicidade, ou seja, a relação entre o personagem e as múltiplas ambiências e lugares.

Logo, em conformidade com a ciência, registra-se a contribuição para o embasamento teórico referente à Geografia Humanista que se destaca ao inserir os sujeitos no centro dos trabalhos de inúmeros geógrafos, evocando o método fenomenológico. Os sentimentos dos indivíduos em relação ao espaço e ao lugar, onde realizam experiências e vivências é o principal fundamento estabelecido nesta corrente de pensamento.

De maneira geral, considera-se que o desenvolvimento de análises que congregam os conhecimentos produzidos em ramos distintos do conhecimento, como a Geografia e a Literatura, auxilia a ampliação das perspectivas de entendimento das dinâmicas abordadas com o intuito de tornar mais claro a sequência dos passos previstos no método de análise de conteúdo. E, nesse contexto, nossa pesquisa foi conduzida pela abordagem qualitativa, por considerar, tal como baliza Gil (2002), o ambiente natural como fonte direta de dados, o pesquisador como principal instrumento e, além disso, pressupor a existência de uma relação dinâmica entre a realidade e o sujeito.

Para tanto, consultamos materiais já elaborados em relação aos temas abordados na pesquisa. Sobre esta modalidade de pesquisa, Gil (2002) afirma que a principal vantagem é no fato de permitir ao pesquisador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampliada que aquela que poderia ser pesquisada diretamente.

Assim, a busca para se alcançar cada objetivo foi realizada de acordo com as exigências específicas de cada um. Para identificar a relação de identidade da personagem Julieta e dos demais personagens na perspectiva de suas experiências e vivências na obra foi empreendida

pesquisa bibliográfica em livros, artigos, e revistas, na tentativa de compreender os conceitos geográficos e seus nexos presentes na obra. A pesquisa se complementou com o levantamento documental no acervo do Instituto Histórico Geográfico de Caxias – IHG-MA, no Memorial da Balaiada, como também em arquivos pessoais de acadêmicos da Academia Caxiense de Letras, que gentilmente nos receberam e expuseram seus arquivos e memórias. Dentre os documentos de época levantados ressalta-se os registros fotográficos sendo estas fontes essenciais para o alcance dos objetivos, partindo da ideia de que os espaços de vivências ficaram no imaginário, e a imagem concreta pode proporcionar um sentido real de como era os espaços de vivências dos personagens.

A contextualização da pesquisa e o conhecimento de autores que trilham a mesma abordagem é, também, considerada fundamental para a sua construção, sendo esses os responsáveis pelo direcionamento das ideias do objeto de estudo. Ressaltamos autores já citados e acrescentamos outros, como: ANDRADE & ANDRADE (2010); ARAUJO (2010); BATISTA (2010); BREDÁ (2020); CANDAU (2021); CAVALCANTE (2019); COLLOT (2012); CUNHA (2011); DIAS (2020); LIMA (2017); MARANDOLA (2014); OLANDA&ALMEIDA (2008); OLIVEIRA (2020); SANTANA FILHO (2020); SILVA (2010); SUZUKI (2017); TEIXEIRA (2020).

Na expectativa de conhecer as distintas formas de apropriação e criação do sentimento de identidade, por meio das ações dos personagens da obra “*Julieta, Coisa e Tal*” realizamos uma análise da obra, acreditando em sua relevância para o reconhecimento da identidade dos personagens através de suas ações e comportamentos. Para tal, procedemos uma decodificação da obra agrupando lugares, pessoas, expressões de sentimento etc., pela construção da ‘árvore do romance’², o que possibilitou sua compreensão pelo olhar relacional.

Observa-se que a pesquisa documental proporcionou um diálogo junto ao conhecimento e identificação da categoria lugar, possibilitando uma conexão dos discursos e ações dos personagens, assim como o reconhecimento do autor, junto as suas ações enquanto escritor. Mas, a pesquisa de campo tornou-se necessária para se realizar imersões nos espaços relatados na obra com interesse de conhecer como era estabelecida as relações, vivências e participação dos personagens nos lugares marcados por desafios e resistência da personagem Julieta. Decidimos pela abordagem etnogeográfica, isto é, retomando os ‘percursos’ da personagem, seja pela observação dos espaços e pela escuta de entrevistados. Para Peirano (2016) a

² A escola francesa clássica trata esse tipo de análise como um ‘canevas’, ou seja, a identificação do conjunto de elementos que compõem o todo estudado. Sobre essa construção ver “Ninguém ouviu melhor cada um em casa”: Lugar, texturas e existências na lavoura arcaica de Raduan Nassar (SOUZA JÚNIOR e ALMEIDA, 2022)

realização de um percurso etnográfico deve ser considerada, inclusive, como técnica que proporciona reflexões e revisões teóricas e, Vargas (2020, p. 100), acrescenta a possibilidade dos percursos etnogeográficos “desvelarem analítica e criticamente” o lugar pesquisado.

Foi assim que procedemos, caminhando atentamente pelos espaços prechos de sentido do romance; bem como pela descrição e apreensão das falas das pessoas que se prestaram a participar de nossa busca. Isso se deu pela intenção de refletir sobre a identidade espacial expressa na obra de Rodrigues Marques, através das experiências vividas e o resgate da memória, assim como o sentimento de pertencimento do lugar geográfico presente na obra realizamos inserções ao campo, isto é, mais especificamente no centro urbano de Caxias e arredores da Casa Amarela, com a ideia de desvelar sua importância na construção do romance. Registra-se nesse contexto a relação com as praças da cidade, lugares onde as moças frequentavam diariamente, com a intenção principal de atrair rapazes para a Casa Amarela. Essas inserções foram feitas ancoradas pelos roteiros etnogeográficos de observação, entrevistas e registros fotográficos, sem prescindir de diálogos com comerciantes e populares que têm conhecimento da existência da Casa Amarela (apêndice).

Entrevistamos 31 pessoas durante os percursos realizados no centro, mas também, consideramos a entrevista do Sr. Rodrigo Baima, membro da academia Caxiense de Letras e contemporâneo de Rodrigues Marques. As falas estão no texto nas seções 2 e 3, onde apresentamos aquelas representativas dos conteúdos tratados.

Os registros fotográficos atuais dos referentes urbanos presentes na obra - praças, prédios, igreja, dentre outros, foram considerados como instrumentais necessários à análise e alcance dos objetivos, pois entendemos que essas imagens oferecem uma ampla reflexão ao resgate da memória e pertencimento de Julieta no lugar geográfico. A análise literária permitiu um paralelo entre as informações adquiridas e, certamente, a validação da proposta.

Concordamos com as afirmações de Männich (2013) acerca da abordagem metodológica fenomenológica adotada para a realização desta pesquisa. Através desse método, tornou-se possível compreender as experiências do local, destacando-se o estudo das percepções na Geografia Humanista, o qual pode ser fundamentado em uma filosofia fenomenológica. Essa abordagem viabiliza a investigação de elementos subjetivos, como experiências e sentimentos, enriquecendo assim a análise do tema em questão. Nesse sentido o método fenomenológico proporcionou explicação e aproximação dos fatores que envolvem o meio, proporcionou observar objetividade sobre experiências, sensações e emoções, caracterizando seu significado para a realidade de cada indivíduo e, assim, foi possível perceber que esse método tem a capacidade de enriquecer a construção epistemológica e metodológica

da categoria lugar na geografia.

Acreditamos que através da memória literária expressa na obra de Rodrigues Marques foi possível conhecer as manifestações culturais de um grupo social, os retratos dos lugares e das paisagens e os tempos nos quais as cenas se desenvolvem. Afinal, como expressado por Dardel (2015), em tal aproximação com a arte, a ciência tende a gerar novas compreensões sobre o habitar humano sobre a terra.

1.3– AS GEOGRAFIAS DO ROMANCE NA CIDADE CAXIAS NOS ANOS 1970/1980

A ocupação do atual sítio da cidade de Caxias começa no século XVII com o movimento das entradas e bandeiras no interior maranhense apoiado pelo trabalho catequético dos padres jesuítas. No cartório da escravidão Manoel Vicente Canejo em Caxias, guardava-se um processo, que houve entre os jesuítas, ali residentes, e um criador de gado, sobre questão de limites ou propriedade de terras. Nele constava, segundo informações de pessoas, que no lugar em que hoje está Caxias, tinha sido demarcado um terreno a um fazendeiro, que ali estabelecera uma fazenda de criação, em torno da qual fora aglomerando a população e com o tempo se criara um arraial. Há controvérsias, pois praticamente toda a documentação foi destruída durante a rebelião da Balaiada.

A Balaiada foi uma rebelião provincial no Maranhão ocorrida entre 1838 a 1841, motivada pela insatisfação popular com a pobreza e a desigualdade social ali vigente. A rebelião evoluiu com a disputa de dois grupos pelo poder, localmente denominados “bem-te-vis (liberais que apoiavam os balaaios) e cabanos (conservadores, contra os balaaios)”. Cerca de 12 mil sertanejos e escravos morreram nos combates. Os revoltosos foram anistiados pelo imperador D. Pedro II e, o coronel Luís Alves de Lima e Silva (futuro Duque de Caxias) que comandou uma tropa com mais de 8 mil homens, foi agraciado com o título de Barão de Caxias. (ALBUQUERQUE,1992)

As ocupações indígenas deram -se em várias áreas às margens do rio Itapecuru, reunidos, mais tarde, pelos jesuítas que vieram da região do São Francisco influência da língua indígena foi fundamental no período colonial, quando muitos acidentes geográficos e povoamentos receberam nomes Tupi-Guarani. A palavra Itapecuru que dá nome ao rio, é um desses exemplos que quer dizer “água que caminha entre as pedras”, devido as lajes que se formam em sua extensão. Outras palavras como Sanharó, Inhamum, foram incorporadas aos acidentes geográficos de Caxias. Outros nomes indígenas, como o da própria região da cidade se perderam por falta de registro ou preservação documental (Barros Neto, 2020).

Para entender a construção literária e artística da cidade, fez-se necessário buscar em sua história os acontecimentos e elementos da dinâmica espacial. Caxias oferece inspiração e visibilidade por guardar no Morro do Alecrim as ruínas do quartel da Balaiada, contempla os visitantes com a exuberância das igrejas seculares, recebeu um longo período industrial, os cemitérios com diferentes modelos arquitetônicos, as praças como espaço do cotidiano, além dos aspectos naturais (reserva ecológica do Inhamum, balneário Veneza, rio Itapecuru, piscina da ponte, entre outros) que com suas singularidades caracteriza o perfil do lugar Caxiense.

A figura 2 caracteriza uma manchete de jornal publicada em 29.01.1978 cujo conteúdo tem como objetivo ressaltar as transformações socioespaciais da cidade, contextualizando a exuberância das serpentinas e confetes no período carnavalesco, mesma situação que Rodrigues Marques descreve ao falar dos carnavais da cidade e festividade dentro da Casa Amarela. O texto chama atenção para os aspectos da alta sociedade, destacando os estilos, consumo e vestuários, algo que proporciona encontrar no enredo o perfil do personagem Rafael que adentrava a pensão usando esporras de pratas, e ao sentar-se à mesa exigia o melhor whisky escocês. Na sequência é mencionado os velhos tempos quando as fantasias carnavalescas direcionavam as pessoas aos bailes, na mesma intensidade que Rodrigues Marques revela as atitudes do prefeito, delegados, guardas que festejavam o carnaval no prostíbulo fantasiados para evitar reconhecimento e críticas oriundas da sociedade em decorrência de suas visitas ao espaço. O autor do texto também observou “as deusas de cabaré na ânsia insopitável para gozarem as delícias da vida com alegrias camufladas, mas contagiantes” mesma visão de Rodrigues Marques ao descrever a existência das mulheres da Casa Amarela.

[...] – Vê se você adivinha o que eu estou fazendo.

- Sei não.

- Não sabe mesmo?

- Não sei mesmo.

- Estou cortando minha fantasia. Depois vou costurar no *Ninho de Ouro*. Lá tem uma mulher que tem uma *Singer*.

- Mas o Carnaval está tão longe ainda, Maria Gorda.

- Longe? Não falta nem um mês, minha filha. Desde janeiro que tem baile de Carnaval por aí...

- Você vai se fantasiar de quê?

- É segredo. Você só vai saber quando estiver pronta a fantasia (MARQUES, 1986.p. 24).

Osmar Rodrigues Marques nasceu em Caxias, no Maranhão, em 23 de janeiro de 1929. Tinha vocação para escrita desde sua infância e publicou seu primeiro conto aos doze anos de idade. Era de família humilde, sua mãe, Maria Lurdes Marques, foi dona de casa e doceira; o pai, Dionizio Rodrigues Marques, era marceneiro e apicultor. Aos 21 anos mudou-se para Rio de Janeiro onde conviveu com grandes escritores, alargando seu ciclo de amizades intelectuais.

No ano de 1961 formou-se em Direito pela Faculdade do Estado de Guanabara – UEG, mas também, fundou a Editora Caminho se enveredando em eventos literários (Lima Júnior et al., 2021).

Figura 2: Descrição afetiva do lugar Caxiense.

Página 05

O PIONEIRO

29-01-78

Posição

... VELHOS TEMPOS ...

Delmar Silva

Eu vi Caxias imperialmente festejando em velhos tempos os dias maiores do seu Carnaval com todas as vestes ornamentais a tremulizarem: eram homens fantasiados de Rei, mulheres fantasiadas de Rainha. Todos a desfilar em pelas ruas com seus cetos de reinado efêmero.

Eu vi Caxias enfeitada de serpentina e de confetes. Eu vi nos salões carnavalescos a algazarra contagiante dos pierrots e das colombinas e dos alerquins: eram homens e mulheres em delírio sorvendo o éter clorofórmico das lanças perfumes a perder-se nos seus sentidos. Eu vi homens e mulheres bebendo bebidas das marcas famosas, desde a brahmânica cerveja Bock-Ale ao escocês uísque White Horse, sem falsificações, num todo como infernal, a que muitos se precipitam...

Eu vi Caxias com o seu corso de automóveis ornamentados de serpentina multicores, conduzindo grupo de senhorinhas, todas com as pernas voltadas para fora da carroceria, cantando numa atitude impudica «Mamãe eu quero, mamãe eu quero, mamãe eu quero».

— Não. Eu vi automóveis, conduzindo rapazes de alta sociedade, vestidos de mulher e completamente embebedados a soltarem, aqui e ali, pilhérias agressivas ao decoro social. — Não.

Eu vi também blotes de cidadãos circunspectos, trajados a rigor ou à fantasia, cantando sob a vibração de pandeiros e das cuicas, trejeitando-se numa atentatória involução de sexo. — Não. Era apenas uma alucinação envolvente, característica da

época. Eu vi, por fim, uma alegria de pecado: homens e mulheres empolgados pelos arebatamentos sensuais, com as mistéris e as grandezas das sociedades humanas, esquecidos das suas próprias responsabilidades e deslembrados dos alicerces da Moral Cristã. — Também não.

Eu vi esbanjarem-se dinheiros, às largas, nas bacanais carnavalescas da Província. Eu vi deusas de cabaré na ansia insoprável para gozarem as delícias da vida com alegrias camufladas mas contagiantes. Eu vi a flor do pecado florescer nas casas aonde se mercadejam os prazeres. Eu vi, ao depois de tudo, nos figurantes, apenas atulhos de palhaços, em expansão de alegrias, sob os clarins do próprio império...

Tudo, no entanto, já está

volto nas beiradas de um passado distante que vive apenas, nas fimbrias das saudades, de muitos. Era muito «bacana» e «muito legal» o Carnaval de Caxias.

Estamos vivendo agora num fim de festa... Sobrevivem folclore e blocos sujos. Perícos e latas velhas fazem às vezes das cuicas e dos pandeiros. A maizena e o pó de arroz substituído as lanças perfumes. Apenas umas tantas bicicletas desfilam com rapazes desesperaçados, em lugar dos cursos de automóveis. Alguns poucos de algebeira ao par. Rapazes inteligentes, sem justas explosões de alegrias, que se frustram, encucados, ante os vestibulares. Homens prósperos, vacilantes, ante a inflação, que lhes subtrai o capital de trabalho. A onda de doença mental cresce. O bocio de Koch rodela os lares. Os blocos são como uma proclamação de degenerados, buscando, na cachaca, para retratarem ser, figuras humanas miserandas, maltrapilhos, que se cobrem por pilharras ou com uma toga qualquer, em sinal de protesto. E, pelas mil dificuldades da vida, que vivemos ou pela fruição de tal aspiração.

Uma gente pois que não tem os seus próprios devaneios na espontaneidade dos seus gestos e, naturalmente, a gente existe, encoberta. São os sinais dos tempos. São as gritantes transformações por que passam as sociedades humanas. São os novos tempos formando um conglomerado de pessoas com leis novas para se regerem e regerem o meio ambiente, aflorando-se-lhe, problemas de terra, de refúgio, de família, de economia, de sobrevivência, de sorte que ninguém pode esquecer os velhos tempos, apesar da voragem mórbida dos pecados.

(Caxias — Ma.)

Laboratório Caxiense — Análises Clínicas

Dr. Aluizio Albuquerque

Exames parasitológicos, hematológicos, sorológicos, imunológicos e bioquímicos.

Travessa José Guimarães, n.º 3

Caxias — Maranhão — Brasil

MAVEL

Maranhão Veículos Ltda.

Compra e Venda de Veículos Novos e Usados

AV. Nereu Bittencourt, s/n Fones 318 e 337 End. Teleg. ZEQUEIROZ

Caxias Maranhão

Renor Novidades

Tudo pelos menores preços

ATAcado E A VAREJO

Ao seu dispor em Caxias e em Coratá

Fonte: Jornal Pioneiro 29/01/1978 In Instituto Histórico Geográfico de Caxias-IHGC.

Seu talento literário e artístico já se manifestava no período em que cursava o ginásio, quando escreveu suas primeiras poesias e chegou a concluir um caderno de histórias - em quadrinhos. Em São Luís, já era copiosa a sua produção poética, em condições de publicar um livro de duzentas páginas. No entanto, Almada (2014, p.44) nos diz, sem maiores explicações, que Rodrigues Marques privou seus leitores dessa parte de sua produção literária. Destacamos

sua posição de Patrono da cadeira 10 da Academia Caxiense de Letras, bem como ter sido agraciado com o nome da biblioteca. Ele faleceu em 26 de agosto de 1999 em Niterói, no Rio de Janeiro. Antes, porém, retorna a Caxias em 1998 sendo sua última visita à cidade natal.

Em sua trajetória ganhou prêmios importantes em reconhecimento e valorização de seus escritos, dentre os quais citam-se os seguintes: Prêmio Orlando Dantas no IV Centenário do Rio de Janeiro; Prêmio Graça Aranha e Coelho Neto pelo governo do estado do Maranhão; Prêmio de Ficção do Banco Regional de Brasília no IV Encontro de Escritores; Prêmio de Ficção do Governo do Distrito Federal; Prêmio Adelino Magalhães com o livro *Os sinos de Madagascar* pelo Departamento de Assuntos Culturais da Secretária de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro; Concurso de contos da Tribuna da Imprensa no Rio de Janeiro por 8 vezes; Prêmio do Jornal do Brasil com o tema ‘Escreva sua história de carnaval’; Prêmio de Romance do Governo de Goiás; III Concurso Petrobrás de literatura. (Carvalho Júnior, 2019). A figura 3 atesta a repercussão de suas premiações pela imprensa caxiense.

O texto da esquerda (Pioneiro de 18/05/1988), chama atenção para a premiação de Rodrigues Marques, ao ser classificado em concurso literário em âmbito nacional, entre centenas de candidatos com um livro inédito intitulado: *Eles pensam que eu tenho medo de ter medo*, por ter conquistado a 3º colocação e ser considerado o “Papa prêmios”. Na época residia em Niterói e trabalhava no Ministério Público do Rio de Janeiro. A matéria enfatiza também a fidelidade de Marques a cidade natal, pois embora afastado, continuava fazendo de Caxias o palco de suas histórias. Ao lado encontra-se uma página publicada em 31.01.1987, de autoria de Ubiratan Teixeira, com o objetivo de demonstrar a relevância do romance *Julieta, Coisa e tal* a dinâmica da sociedade da época, enfatizando a visão de Marques ao descrever a efervescência dos cabarés dos lugares caxienses.

Figura 3: Premiações de Osmar Rodrigues Marques noticiadas na imprensa caxiense



Fonte: Jornal Pioneiro 18/05/1988 e 31/01/1987 In: Instituto Histórico Geográfico de Caxias-IHGC In

A figura 4 destaca páginas de edições do Jornal Pioneiro publicadas no ano de 1970, que nos chamaram atenção pelo fato de tratarem de locais e eventos relatados no romance Julieta Coisa e tal. As manchetes que informam o período de festividade na igreja São Benedito, as críticas às condições estruturais do cemitério dos Remédios e exaltam as novas instalações do hotel Excelsior, referem a ambientes frequentados e mencionados por Rodrigues Marques na trajetória e ações do enredo. E, a matéria que destaca a qualidade do arroz produzido “tipo exportação”, mostra que para a época era atividade que viabilizava a economia da cidade, uma questão que o autor ressaltava ao mencionar os viajantes que adentravam o espaço Caxiense.

Figura 4: Lugares e fatos do romance *Julietta coisa e tal* destacados em edições do Jornal Pioneiro em 1970



Conhecer os romances de Rodrigues Marques é buscar na essência de suas palavras diferentes maneiras de ver e sentir o lugar, o espaço Caxiense recebe descrições e simbologias pelo viés de uma linguagem literária com capacidade de alcançar os conceitos do conhecimento geográfico. Suas obras revelam o amor para com a cidade natal e os lugares de suas vivências revelados em contos, versos, romances, mantendo assim, uma relação com a realidade, pela sensibilidade como expunha as palavras e a percepção da dinâmica do lugar.

Em trinta anos de carreira literária Osmar Rodrigues Marques publicou onze livros dos quais seis receberam premiações e reconhecimento literário, podendo assim mencionar: *Noite sem Limite* (contos) – 1954; *Chão de Inferno* (romance) – 1957; *Os Quatro filhos do papa* (contos) – 1959; *Linha do vento* (novela) – 1963; *Os recém-casados ou Amor de cama e mesa* (novela) – 1968; *Geografia do vão território* (romance) – 1972; *Duas mulheres de Terramor* (romance) – 1976; *O sino Madagascar* (contos) – 1976; *De como José encontrou o mar e, ajoelhado, esperou as gaivotas* (contos) – 1981; *Julieta, coisa e tal* (romance) – 1986; *Eles pensam que eu tenho medo de ter medo* (contos) – 1995.

Sobre nossa imersão na obra de Rodrigues Marques concordamos com Almeida (2010) a esse respeito, pois ela nos diz que existem literaturas geográficas que, em sentido *stricto*, pode-se afirmar serem aquelas que foram obra de geógrafos no exercício de seu labor; e existem as outras literaturas de interesse geográfico, frutos de intenções criativas nas quais o geográfico aflora de modo indireto, como parte de uma ficção, do imaginário, de uma sensibilidade do autor para ler a paisagem, o lugar e o mundo. Esses aportes literários ratificam o fato de que em cada realidade geográfica convivem sempre uma dimensão real e outra percebida, e que esta última é aquela que dá o componente conotativo que acaba sendo, também, parte inseparável da mencionada realidade.

Se estivéssemos incumbidos de definir Rodrigues Marques como um escritor que se dedicou ao verídico ou à fantasia, não poderíamos simplesmente encaixá-lo numa única categoria, é o que afirmam Lima Junior; Oliveira e Costa Filho no texto “*Da areia movediça ao hotel familiar: tiquira, arroz, babaçu e “assaltos” em Julieta, Coisa e Tal*” (2021.p.3). “Eles complementam que em sua obra, toda ela escrita em prosa, ele não economizou pena para descrever situações em que o maravilhoso surge e se impõe de maneira clara, às vezes bruscamente, aparecendo quase como uma interrupção de uma narrativa realista que aparentava querer sustentar-se na verossimilhança. No entanto, é lícito dizermos que o cotidiano de pessoas simples, uma pequena cidade, a vida monótona de homens e mulheres humildes são uns dos elementos facilmente identificáveis nos enredos do autor. A sua memória é útil às suas histórias,

é a ela que ele recorre para resgatar personagens, lugares e costumes que fizeram parte da sua modesta juventude nordestina”.

A cidade proporcionava inspiração para Rodrigues Marques dialogar com a realidade, revelar a geografia em seus versos, demonstrar a relevância da afinidade com lugares de sua existência, sentir os elementos que constituem a dinâmica socioespacial, categorizar a sensibilidade afetiva e o sentimento de pertença para com sua cidade natal.

Sobre esse aspecto, Almeida (2010) argumenta de que o sentimento de pertença a um lugar sustenta-se numa memória coletiva, esta depende de práticas de (re)conhecimento para que a sociedade se aproprie de seu patrimônio cultural, que pode ser visto como alimentadores das ligações afetivas e emoções que, por sua vez, renovam o sentimento de pertença entre as pessoas. Ela acrescenta, o patrimônio apresenta-se assim, como um valor da memória que de certo modo, projeta na contemporaneidade a presença daquelas origens que os sujeitos protagonistas da atualidade, constituem como seus.

Ao estudar o romance *Julieta, Coisa e tal* observamos que Rodrigues Marques com uma sensibilidade afetiva singular, apreciava o patrimônio cultural da cidade. Pelo viés literário o autor expressa das igrejas católicas à exuberância dos casarões como espaço de memórias habitadas, bem como a área central com sua estrutura arquitetônica colonial sinalizando para a manutenção histórica e geográfica da cidade. Retratamos na Figura 5 sua sensibilidade para com Caxias e caxienses na árvore dos personagens e dos lugares postos no romance que nos prontificamos observar e compreender os liames entre Literatura e Geografia. São esses locais da cidade em que se criam, transformam e se realizam as narrativas do cidadão enfatizados por Barros Neto (2020), isto é, o espaço público chamado rua, praça ou outra denominação que se dê ao logradouro público em que cada um reside ou transita. A cidade de Rodrigues Marques está repleta de lugares de fortes vínculos afetivos, de grandes relações pessoais ou profissionais, que nos moldam a partir de cada percepção. Esses locais têm nomes, tem histórias e podem nos contar muito sobre nossa vida.

“Dessa forma, casarões e edifícios seculares, praças, ruas outrora calçadas de pedras, são associados aos ‘feitos’ históricos e a existência presente do passado, como se uma memória coletiva estivesse sedimentada na concretude da cidade.” Assim, a apropriação simbólica feita pelos habitantes de Caxias do patrimônio edificado está acumulada de sentimentos de pertença, como coloca Almeida (2010, p. 154), o que particulariza e o transforma em lugar de memória”. É no enlace da coletividade que a cidade proporciona inspiração para estudar as vivências de uma sociedade que, em passado recente, compartilhava o cotidiano e o sentido do lugar.

Figura 5- Gentes e lugares da obra *Julieta Coisa e Tal*.



Fonte: Marques, O. R. (1986); Organização: Azevedo, A.C.N.; Vargas, M. A.A. 2023

“O centro é uma parte da cidade delimitada espacialmente, integradora e simbólica. É o lugar de encontro com o outro, e é por essa razão que o Centro é o ponto de reunião de toda cidade. Quando se exprime a imagem da cidade, a tendência é para restringir, concentrar, condensar o centro. Por isso é vivido como lugar de troca das atividades sociais, ou seja, de socialidade” (Miranda, 2010, p.60) Rodrigues Marques atribui valor afetivo ao centro da cidade, no romance *Julieta, Coisa e tal* com descrições da área pela ênfase da dinâmica da Casa Amarela, ou seja, as andanças dos personagens pelas ruas do centro da cidade demonstrando vínculos e a realidade do lugar.

As cidades são ‘espaços’ que ligam os indivíduos e os grupos em suas práticas sociais. Esses, por sua vez, não podem ser concebidos apenas a partir de conceitos urbanísticos ou políticos, mas como o lugar da pluralidade, das diferenças sociais. Por serem múltiplas, as experiências citadinas se expressam de várias maneiras como resultado da mistura de laços

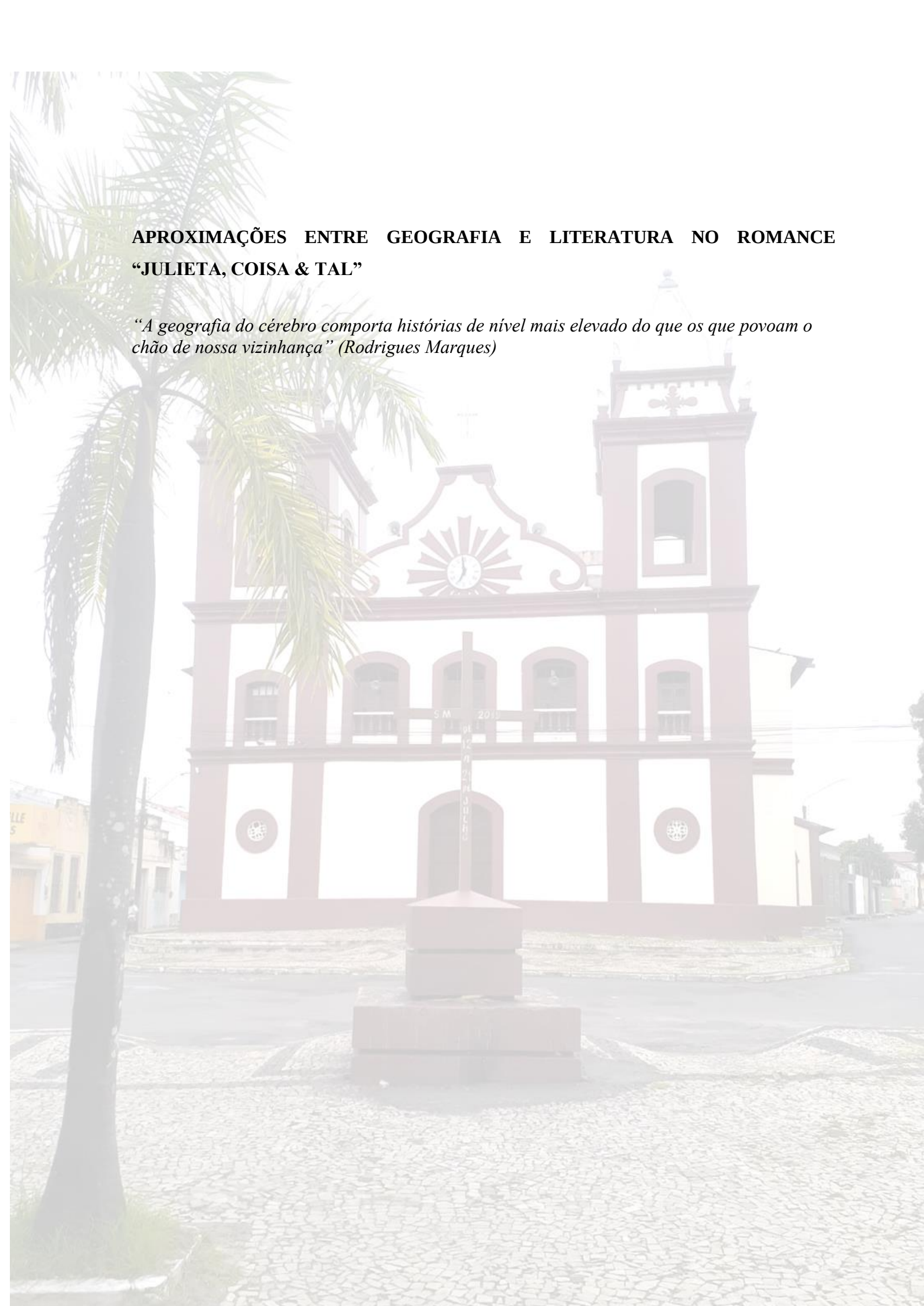
culturais, étnicos e sociais, os quais criam elementos de sociabilidade e reciprocidade específicas. De outra forma, em um determinado espaço coexiste uma infinidade de experiências vinculadas aos diversos grupos sociais que as produziram (SOUZA, 2010).

A cidade de Caxias além do nome de princesa do sertão recebe a simbologia de berçário poético posto que grandes nomes da literatura encontram em suas origens inspirações para expressarem admiração, angústias e críticas. Nesse sentido, podemos mencionar Gonçalves Dias com sua famosa *Canção do Exílio* (1843) no poema em que o autor ressalta a exuberância natural da cidade e os elementos da afetividade, enfatizando um sentimento nostálgico e de saudades da terra natal. Coelho Neto em sua coletânea de sete contos, *Sertão* (1897) realiza abordagens aos assuntos relacionados aos aspectos socioeconômicos e espacial da sociedade, visibilizando os aspectos naturais que caracteriza os lugares. Teófilo Dias em seu poema *Matilha* (1882) ressalta o erotismo e desejo ao corpo feminino. Osmar Rodrigues Marques no romance *Julieta, Coisa e tal* (1986) e geografia do Vão Território (1972) contempla o pensamento geográfico com os elementos da dinâmica social, enfatizando o cotidiano como suporte a construção identitária e de pertença.

Entre a narrativa literária e a compreensão da vida social, é possível encontrar na biografia uma das dimensões para pensar o narrado e o vivido, um exercício para o entendimento dos entrelaçamentos das relações sociais e individuais. Seria uma das formas de pensarmos o próprio conhecimento que produzimos? Silva (2022) finaliza essas colocações questionando as fronteiras do que é narrado, escrito e vivido? São essas inquietações que se tem colocado para nós no sentido de pensar as dimensões sociais e antropológicas pela trilha das trajetórias, das narrativas e do romance. Para esse autor, é possível pensar no vivido de Rodrigues Marques a capacidade para narrar a existência de Julieta, a intimidade com a vida da protagonista e o espaço da Casa Amarela que proporciona pensar sua integração para com o meio para além de observador. Com efeito, Rodrigues Marques narra, escreve e vivencia o romance.

Porém se o saber geográfico deve ser visto como uma empreitada de elucidação relevante a partir da experiência de uma participação primordial, vivida sem poder ser exprimida, agora o discurso encarregado de conduzir essa elucidação não poderá, para chegar a transcrever esse encontro mudo de um universo de sentidos, se contentar com um único registro referencial. O saber geográfico dá forma a uma emoção, o que significa dizer que ele ordena a memória: para restituir a própria natureza desse choque, para guardar intensidade, a linguagem deverá ir direto à presença da imagem a seu poder de evocação e de fixação de uma direção do sentido (Dardel, 2015).

As memórias dos habitantes de Caxias revelam, quando convidados a (re)visitarem os lugares, as edificações, uma cidade monumental, de passado glorioso, que demonstra a herança recebida, complementada com o toque do presente, numa dinâmica que por vezes se constitui num verdadeiro desafio. De fato, as edificações seculares, as manifestações artísticas dos poetas, escritores e artistas, fornecem uma amostra do desenvolvimento histórico-cultural, tal como posto por Almeida (2010), expresso não somente diante da cultura material, mas também, pela vasta produção literária que imortalizou a imagem da cidade no Brasil e no mundo.

The background image is a faded photograph of a church with a clock tower and a monument in the foreground. The church has a white facade with red trim and a central clock face. The monument is a tall, dark, rectangular structure with a cross on top. A palm tree is visible on the left side of the image.

APROXIMAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA NO ROMANCE “JULIETA, COISA & TAL”

*“A geografia do cérebro comporta histórias de nível mais elevado do que os que povoam o
chão de nossa vizinhança” (Rodrigues Marques)*

2.1 ELO ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

A literatura em sua naturalidade proporciona a geografia reflexões e abordagens de suas categorias geográficas, trazendo em sua essência uma infinidade de discussões relacionadas as ações do meio. É relevante mencionar a capacidade que a geografia tem de se encontrar nas artes literárias, facilitando um entendimento do que poderia ser os conflitos e ações do cotidiano, tais como: conceitos da dinâmica territorial e ambiental, disputas territoriais em seus costumes e práticas, a ideia de identidades do lugar, elementos e construção da paisagem entre outros conceitos da ciência geográfica, que vai pontuando de maneira objetiva cada etapa do mundo literário.

É evidente que na literatura o romance ganha uma forte interação com espaço, através das descrições e criação de um mundo imaginário marcado por um reflexo do que poderia ser as práticas sociais em um determinado espaço de tempo. Assim, a geografia propõe e faz uma discussão sobre tudo aquilo relatado e sentido.

A geografia em sua ampla concepção pode ser considerada uma disciplina relevante aos estudos voltados para compreensão da natureza e os fenômenos que compõem sua espacialidade. Mas, para analisar a relação entre geografia e literatura entendemos ser necessário entender as etapas que constituem a ideia de evolução do pensamento geográfico viabilizando o uso de suas correntes de acordo com os conceitos analisados em seu espaço e tempo.

Entender a união dessas ciências permite que haja uma reflexão sobre a grandeza de sua relação com o espaço, pois o homem em suas fases de desenvolvimento tem sua condição de pensar instituída a partir de histórias que são contadas e imaginadas por uma longa trajetória existencial e, assim, podemos compreender que a força de inspiração humana tenha como ponto de partida, algo que já fez parte de suas experiências e vivências.

A realidade dos indivíduos é um dos pontos de observação sendo a dinâmica comportamental do espaço ou lugar objeto de estudo da geografia, pois suas análises cotidianas visam descrever a ação humana junto ao meio e, nesse sentido, relacionar geografia e literatura é necessariamente buscar nos romances aspectos que direcionam a uma investigação das práticas humanas junto a sociedade.

Nos últimos anos, devido às novas formas de compreensão da realidade, o impulso e o empenho crescente em atender e replicar as questões atuais presentes na ciência, fortaleceu a aproximação entre a geografia e literatura. Aos geógrafos abre-se um leque de caminhos para tal realização. Um desses caminhos é a abordagem cultural na geografia que propõe a cultura como uma das vias para compreender as relações humanas e a sua influência na organização

espacial (OLANDA e ALMEIDA, 2008)

A abertura do leque de caminhos aos geógrafos propõe discursos sobre os aspectos da realidade humana que podem ser discutidos e dialogados com os assuntos relacionados aos lugares e suas diversas atribuições de valores existenciais, assim como a possibilidade de validar os espaços de liberdade que em sua essência configuram as expressões e ações do meio como elementos favoráveis a dinâmica espacial.

É relevante salientar a representatividade que uma obra literária pretende oferecer quando todo o enredo gira em torno da necessidade de caracterização de conceitos do meio, os elementos geográficos nas artes literárias proporcionam uma sensibilidade de encontrar nas entre linhas e falas dos personagens a estrutura do comportamento e ação humana.

Não podemos negar que a literatura nos possibilita sentir, imaginar, experimentar, ver a vida e o cotidiano por outro ângulo, com outros olhos, e perceber as diferentes nuances do tempo e do espaço. Esses aspectos são relevados por Oliveira e Passos (2020), pois diferentemente do que estamos habituados, instiga-nos, por exemplo, a conjecturar sobre quem somos, que tipo de sujeito estamos nos constituindo e que tipo de sociedade ajudamos a construir.

Em uma arte literária a geografia tem o interesse de apreciar suas contribuições ao conhecimento da realidade, interpretar a categoria lugar nas vivências romanescas e isso dignifica sua capacidade de influenciar outras ciências. É na literatura que a contextualização do vivido encadeia o sentido dos espaços de liberdade, pois é através dos diálogos, contos e poesia que o autor adquire o anseio de expressar suas inquietações.

Para tratarmos estas questões, precisamos acompanhar a formação do pensamento geográfico sobre a literatura, suas tentativas de incorporação e a forma como hoje, geógrafos e literatos, têm convergido compreensão da espacialidade e da geograficidade nas obras ficcionais. Marandola Jr e Oliveira (2009) esclarecem que este caminho nos leva por um número grande de trabalhos que têm sido realizados por geógrafos e literatos no Brasil e em outros países, aos quais procuramos visitar para compor uma visão abrangente desta fronteira interdisciplinar e das suas possibilidades para pensarmos as dimensões espacial e cultural no mundo contemporâneo.

A arte literária caracteriza manifestações dos valores espaciais e particulares de uma sociedade, os aspectos do cotidiano disponibilizam para os romancistas atrativos para inspirações a realidade do meio. O espaço vivido na literatura é atuante na construção do imaginário que através de descrições e nomeações os lugares são representados com características afetivas distintas, provocando à geografia reflexões baseadas nos elementos que

direcionam as sensações de pertencer ou basicamente observar determinados lugares.

Para uma incursão entre a Geografia e Literatura baseamos nas premissas de que os aspectos geográficos se revelam no espaço romanesco e que, segundo uma das concepções sobre a literatura, esta é uma representação da realidade. Pela leitura, interpretação e contextualização da obra literária, a partir das ideias e imagens contidas nos fatos, cenários e nos personagens da narrativa, podemos associar e conjecturar todos os elementos revelados nas obras literárias e descortinar aspectos socioespaciais, históricos e culturais da sociedade nele representada. Nesse contexto, concordamos com Olanda e Almeida (2008), na perspectiva da abordagem cultural, entende-se que o ponto convergente entre ambas é o lugar e o homem, que é possível aproximá-las e, por conseguinte, tornar a literatura uma fonte enriquecedora da investigação geográfica.

Pensar a relação entre Geografia e Literatura oferece ao leitor uma investigação dos elementos que compõem a dinâmica espacial, pois os literários são sensíveis ao observar e descrever a cultura, costumes e saberes de uma sociedade, ao escrever seus romances, ao atribuir nome e personalidades aos seres com base na realidade de suas vivências, ao referenciar os lugares pelas de estruturas físicas e sociais, encontrando nas ações dos seres humanos os constituintes da realidade do mundo.

A Literatura ao abordar os costumes e saberes oferece à Geografia uma interpretação de realidades pautadas em versos e diálogos, bem como a possibilidade de encontrar nas vozes e ações dos personagens os elementos do mundo geográfico que iluminam a compreensão dos saberes e suas particularidades, a cultura associada aos aspectos do meio, e os costumes como uma prática das relações sociais.

Nesse sentido, Santana Filho (2020. p.172) afirma que o conhecimento geográfico oferece ferramentas teóricas e conceituais para a interpretação, compreensão, explicação e representação sobre o espaço geográfico – o mundo em suas escalas-, e poder-se-ia dizer que também almeja ampliar nossa capacidade de intervenção na produção do mundo, das paisagens. As categorias estruturantes do pensamento geográfico são, portando, ferramentas conceituais importantes para esse campo de investigação que é essa relação da dimensão do geográfico com o literário.

No imaginário da arte literária é possível estabelecer uma relação com os anseios da humanidade, por exemplo, relatar que os fatores condicionantes do meio podem ser interpretados como uma manifestação das experiências e vivências dos seres humanos. Os romancistas podem ser compreendidos como construtores de memórias e conhecimentos em que a arte de descrever os elementos físicos, naturais e sociais da terra, qualifica sua relevância

para a construção de acontecimentos que pertenceram a sociedade em um determinado espaço e tempo, algo que favorece o encontro de outras realidades no contexto da contemporaneidade.

Sendo o homem é um ser simbólico, sua relação com o mundo, trabalho, lazer e turismo é sempre revestida de significações e valorizações. Todas as suas relações são mediadas pelo significado ou pela perspectiva simbólica, a começar pela linguagem, seu pensamento e comportamento se fortalecem como uma rede simbólica de mitos, artes, religiões e ethos (jeitos de ser de cada sociedade (CORIOLINO,2001, p.208). É através desse pensamento que conseguimos compreender a condição humana como elemento do conhecimento, pois relacionar a distinções da sociedade pode ser considerado fatores essenciais ao estudo da relação existente entre geografia e literatura.

Para Serpa (2019) o sentido de ser-no-mundo assumido nessa discussão remete a possibilidade de uma ontologia espacial que relaciona experiência e processos espaciais específicos: quer dizer, sobretudo, que os agentes/sujeitos/grupos/indivíduos/classes estão implicados nesses processos e que é fundamental para o desenvolvimento de uma reflexão geográfica, relacionar experiências cotidianas (pré-científicas) de apropriação /criação/produção de espaço com a elaboração conceitual de caras à geografia acadêmica, como lugar e território.

A descrição literária do lugar geográfico possibilita uma comparação entre as circunstâncias do real e imaginário, os efeitos do passado e presente, ambos são decorrentes das transformações espaciais, que em seu ritmo acelerado avança junto ao processo de modelagem e significado dos lugares. É com esse sentido que ao descrever os lugares presentes em Julieta Coisa e tal foi possível distinguir a intensidade das transformações dos lugares percorridos pelos personagens, em especial o espaço da Casa Amarela e seu entorno. Trazer essas discussões sobre a caracterização dos lugares no enredo, salienta a importância das experiências e vivências do lugar que tem como ponto de partida os aspectos do cotidiano, a relação com o meio, as identidades espaciais que ao longo da arte literária foram proporcionando ao leitor descobrir os anseios e sentimentos atribuídos ao lugar.

Outro aspecto a considerar é levantado por Santos (2010), ao apontar para as múltiplas faces da realidade capazes de aproximar Geografia e arte, possibilitando releituras múltiplas do espaço geográfico e favorecendo originar variados significados da paisagem pela experiência de cada observador, uma vez que se entende a arte como resultado da sensibilidade do sujeito fruto, algumas vezes, da interação deste com a sua realidade que procura ordená-la através do subjetivo. Portanto, tem-se nesse processo uma maneira particular de construção do conhecimento que se mostra operacional e salutar quando se pensa em investigar os sentidos.

Entre os espaços da vida, próximos ou distantes, ou ainda imaginados, todos os territórios vividos e/ou pensados são através de categorias que se referem a situações da experiência relacional de vida. Portanto, pela reconstituição das tramas do imaginário espacial compreende-se como se instalam e desenvolvem os gêneros de vida sobre os territórios e as práticas que resultam destes (ALMEIDA, 2018).

Ora, a Literatura e a Geografia, ambas se entrelaçam com as descrições, expressões, imagens etc. contidas no corpo romanesco. Através das categorias de análise geográfica, neste caso “lugar”, o autor apresenta nuances dessa categoria que beneficiam a construção textual, permitindo que o leitor centralize o enredo a um ou mais lugares pela forma que é apresentado.

O romance *Julietta, Coisa e tal* auxilia no entendimento de que o lugar na literatura pode ser uma manifestação de sentimentos diversificados, pois pelas falas e ações dos personagens expõem sensações a respeito do afeto com o lugar, em especial a Casa Amarela e espaços ao entorno. Nessa vertente compreendemos as relações identitárias dos personagens que pelas ações junto a sociedade viabiliza os aspectos de suas vivências e experiências.

Rodrigues Marques demonstra sua atenção enquanto indivíduo pertencente ao meio. Ele traz descrições dos viajantes que chegavam na cidade e encontravam as moças da Casa Amarela o que marca um momento relevante na memória do lugar; registro de um período de intenso fluxo econômico decorrente do extrativismo vegetal, em especial o babaçu, à época a atividade capaz de oferecer suporte ao comércio em diversas escalas.

Julietta observava tudo com festa nos olhos. Caminhões passavam pela estrada em frente, carregados de arroz e babaçu. O empregado trouxe duas doses de tiquira e depois foi jogar água na estrada para evitar a poeira. Maria Gorda quis saber: Gostou do lugar? (MARQUES, 1986.p.17)

A abordagem da geografia na literatura também a entende como linguagem que expressa a experiência espacial do autor e do grupo social ao qual ele pertence. A literatura evoca a alma dos locais, o cotidiano dos sujeitos em suas vivências e em seus lugares. É como se, segundo essa abordagem, a literatura pudesse apresentar uma linguagem subjetiva complementar à linguagem objetiva da geografia. Todavia, esse suposto diálogo no qual estaria reservado à geografia toda a objetividade e à literatura toda subjetividade, não poderia resultar em complementaridade (CASTRO, 2016).

Um momento marcante da trama é o contexto em que o autor caracteriza a exuberância dos casarões e das igrejas da cidade formalizadas em uma arquitetura diferenciada e características das transformações do momento. Nessa ambiência ele introduz fatos sociais e políticos ocorridos que demonstram o poder de atração, mas também, proporcionavam

inspiração aos poetas e romancistas que com intensos sentimentos de afetividade ofereciam vidas aos espaços marcados pelas experiências desse período.

Essa é, sem dúvida, uma das maiores virtudes de um diálogo entre Geografia e Literatura, buscar os traços essenciais da experiência geográfica do mundo. Mas, ao invés de carregar para dentro da literatura conceitos geográficos, trazer da experiência de mundo narrada na pena do escritor os sentidos para a geografia (MARANDOLA JÚNIOR, 2010).

Outra vertente dessa leitura literal concebe o romance mais como o testemunho das pessoas “reais” que ele traz para cena sob a capa da ficção, e não, necessariamente, como o reflexo fiel de uma realidade geográfica. O romancista seria então um porta-voz das populações cujos gêneros de vida descreve. Ele nos mergulharia nas atitudes, nos valores e conflitos das pessoas de uma região determinada, face ao seu meio ambiente (BROSSEAU, 2007). Assim, também, descortinamos o romance *Julieta, coisa e tal*.

Acrescenta-se os significados das imagens tofólicas e tofóbicas, derivadas da realidade circundante. As pessoas atentam para aqueles aspectos do meio ambiente que lhes inspiram assombro ou lhes prometem sustento e satisfação no contexto das finalidades de suas obras. As imagens mudam à medida que as pessoas adquirem novos interesses e poder, mas continuam a surgir no meio ambiente: as facetas do meio ambiente, previamente negligenciadas, são vistas agora com toda clareza (TUAN, 2012, p.170). É exatamente em decorrência do sentimento tofílico que Rodrigues Marques descreve as vivências da Casa Amarela, atribuindo-lhe sentidos e significados aos lugares e indivíduos pertencentes ao meio.

Conhecer o imaginário literário é uma descoberta de sentimentos e visões diferenciadas do mundo, suporte para a geografia conhecer características regionais, costumes e saberes, dinâmica populacional dentre outras, ou seja, vivências que aproximam realidades. Nessa vertente, a literatura oferece à geografia a oportunidade de conhecer outros mundos através da escrita e da imaginação e, na mesma intensidade, a geografia oferece os espaços e lugares para vivenciar, sentir e compor suas inspirações marcadas por sensações e simbologias de uma imaginação que explica a realidade.

O lugar nessa outra concepção é considerado um espaço existencial, contexto geohistórico onde o homem se insere por meio do seu corpo. Esse caráter do lugar suporia, portanto, a corporeidade, uma vez que ela tornaria o homem um ser espacial. A corporeidade, seria, com isso, condição fundamental para a existência espacial de Julieta já que ela própria estaria no espaço por meio do seu corpo e a partir dele se reconheceria e reconheceria concomitantemente o outro (em sua sociabilidade). Como expõe Gomes Júnior (2016), o corpo nesses termos, seria a localização do indivíduo concreto no espaço; condição do agir;

objetivação da consciência e por isso mesmo, materialização das possibilidades presentes no mundo.

É na essência do elo entre Geografia e Literatura que permeiam os aspectos da corporeidade relacionados à existência do autor em relação a cidade e ao lugar referente de seu enredo. Com efeito, é possível perceber sua interação e participação na sociedade da época, favorecendo um entendimento junto a sua condição de observador e integrante do cotidiano da Casa Amarela.

A madame chamava todas as mulheres da Casa Amarela de minhas filhas. “Minha filha, você está muito bonita com esse vestido. “Minha filha, você precisa dormir mais, de dia, para não ficar cochilando de noite, na mesa.” “Minha filha, você não está dando lucro nenhum à casa; se continuar assim, sou obrigada a mandar você embora” (MARQUES,1986. p.19).

Observamos a existência de uma ação da corporeidade presente no trecho citado. O autor na sua condição de ser no lugar, caracteriza um aspecto marcante do linguajar caxiense, o termo “minha filha” exprime o sentido afetivo da cultura popular que resiste a temporalidade e caracteriza o regionalismo local. Rodrigues Marques em sua condição de indivíduo do lugar em questão, viabiliza a intimidade e a expressão direta da fala, a sensível maneira de descrever ações, linguagem, saberes e costumes, pois incorpora a naturalidade de seu corpo presente no cotidiano vivido.

Pelo exposto, a cidade é o espaço de relações e de existência, o *locus* de compreensão da realidade nas mais diversas áreas do conhecimento. O intuito da ficção ao privilegiar um desses saberes é contribuir para o debate sobre as suas possibilidades para conhecer espaços e lugares, uma vez que é na cidade e a partir da realidade concreta que o escritor com sua imaginação, registra um acontecimento sobre ela (ANDRADE e ANDRADE,2010).

Os romancistas seriam então porta-vozes das populações cujas condições de vida descrevem. As narrativas induzem a reflexões sobre pessoas e acontecimentos, conforme o modo como os romancistas desenvolvem suas ideias com aporte em contextos históricos (JESEUS e LÉDA, 2020. p.293). Nessas circunstâncias é relevante ressaltar que a Literatura encaminha a Geografia a discutir assuntos referentes aos aspectos da realidade humana, encontrando nas relações da socioespacialidade elementos favoráveis à interpretações da dinâmica dos espaços existenciais.

“Os autores da literatura brasileira nos brindam, por exemplo, com a procura do cerne de nosso sentimento como nação. A linguagem literária engloba a nossa linguagem geográfica. É campo que se estende `a nossa frente a procura dos pontos de contato entre a paisagem e a arte, necessários aos encontros entre literatos e geógrafos. Pois, são estes ficcionistas que criam

personagens e os coloca em cenários cotidianos, como expressão da vida, penetrando e identificando múltiplas realidades. Portanto, além ou aquém é entre a Literatura e a Geografia que reside o segredo do sagrado, do mistério, da imagem de nossa nação e de nossa brasilica” (MARANDOLA JR e OLIVEIRA, 2009)

Estudar essa relação e considerá-la uma estratégia marcante para a manutenção do conhecimento, possibilita entender estruturas e processos da sociedade, proporciona articulação e comparação de realidades experienciadas por uma dada sociedade em um determinado espaço e tempo.

Ao defender que nossas interações e experiências com o espaço são lidas com o auxílio de nossas memórias e corpos, o exercício da narração e escrita de memórias e de espaços afetivos torna-se mais uma possibilidade de extrair dessas experiências um pensar geográfico. Com isso, estar no espaço, sentir o espaço, representar e narrar sentimentos no/do espaço vão além da supremacia do visível (BREDA, 2020). E, assim, as obras literárias podem ser mencionadas como uma fonte de investigação geográfica, pois é notável que suas práticas abrangem as inúmeras possibilidades de compreender o espaço e os elementos que o compõe.

Literatura e Geografia se manifestam com os elementos culturais, ambas incorporam denominações que se destacam pela maneira com que revelam a realidade e as visões de mundo. O investimento no estudo da relação entre elas vem se apresentando como uma estratégia promissora para o diálogo interdisciplinar, além da possibilidade de buscar respostas não convencionais para o mundo complexo e multifacetado que se expõe diante dos sujeitos históricos que somos. O que se pretende é compreender a geograficidade encontrada no texto como dimensão estruturante de nosso estudo sobre pertencimento e identidades pelas relações com o lugar (SANTANA FILHO, 2020).

2.2 O LUGAR E ESPAÇO EM OBRAS LITERARIAS

Interpretar o espaço em seu vasto mundo geográfico nos direciona a entender os elementos principais para as possíveis reflexões, encontrando nos conceitos geográficos as possibilidades de questionar princípios, conceitos e ideias que podem e são adaptadas a diferentes olhares. Assim, compreendemos que a maneira de observar o espaço é dada pelas diferenças existentes entre momentos históricos, identidade, senso comum, costumes, vivências, entre outros pilares que fazem do lugar um espaço de fontes inspiradoras.

Na construção da geografia e literatura, tanto estudiosos da geografia como da literatura colocam possíveis relações entre espaço e a palavra escrita. De um lado, o olhar geográfico no

entendimento dos textos literários, do outro, a compreensão literária do problema e do espaço. Ambos empenhados na apreensão do mundo. O que temos são as diferentes formas de como a Literatura amplia a nossa compreensão do espaço geográfico ou mesmo os modos como a Geografia adensa os mapas das tramas literárias (CAVALCANTE, 2020).

Quando dizemos espaço geográfico, paisagem, território, lugar, a quais conteúdo do mundo objetivo nos referimos e como os tornamos conceitos pertinentes? Veja-se então, que o que temos feito tem sido criar narrativas, formas de ler, apreender e compreender o mundo que reconheçamos, não se esgota na ciência geográfica e está também nas histórias ficcionais, na poesia - ainda que para nós geógrafos as palavras paisagem, espaço, território, lugar tenham uma complexidade inerente por traduzir um conjunto nada simples de objetos, de ações, normas, formas, estruturas, etc. (SANTANA FILHO, 2020)

A literatura possibilita entender os principais desafios socioculturais, encontrando nesses escritos vários relatos e vivências que constituem e fazem parte de toda uma dinâmica social. Ela proporciona questionar os conceitos geográficos a partir da observação, da visão holística, percepção e tudo aquilo que gira em torno do observador, sendo este um espaço que tudo acontece, é através dessa ideia que o sentido do lugar pode ser considerado como um instrumento de pesquisa atrelado às transformações socioespaciais.

O interesse da Geografia pela literatura ocorre através da espacialidade explícita das narrativas, do modo pelo qual a realidade é retratada e isso desperta interesse no leitor, principalmente no que tange as descobertas que podem ser feitas ao longo da narrativa. Esse tipo de abordagem expressiva está ligada à condição da literatura no período de formação da ciência geográfica (século XVIII e XIX), momento em que assume as feições do romance moderno. Foi nesse período que surgiu os estados-nacionais que sistematizaram e institucionalizaram várias ciências, bem como a expansão do positivismo e do racionalismo enquanto formas privilegiadas de pensamento (MARANDOLA JR e OLIVEIRA, 2009).

É na descoberta das inspirações literárias dentro do mundo geográfico que observamos as possibilidades de entender o espaço e sua dinâmica, que através de uma investigação cotidiana possibilita localizar elementos e seres pertencentes ao lugar. Nesse sentido o romance na literatura ganha uma forte interação espacial, pois as descrições e criação de um mundo imaginário propõem uma discussão sobre tudo aquilo que se preocupa relatar articulando as memórias como descrição do sentimento de pertencimento.

Lembrar e pertencer (re) constroem o(s) lugar(es) do sujeito, o que ele vivência e mesmo o que sonha. O sujeito, ao estar em um lugar, não necessariamente se sente daquele lugar e, por isso, ele faz uso das lembranças que o transportam para seu lugar, onde ele é. Essa dinâmica

rica e complexa adensa o sentido e significado do lugar. No lugar, os sujeitos se adaptam se conhecem, se identificam, mas também lembram e, no lembrar, por vezes, se transportam para outros lugares, para lugares que ainda estão neles, mesmo que tenham saído deles. O estar em devir assim não é estático nem único, é relacional e complementa o sentido da vida (FREITAS e ALMEIDA, 2016)

No romance *Julieta, Coisa e tal*, procuramos entender assuntos relacionados a construção do sentimento de pertencimento associado ao lugar que acontece o enredo. Essa foi uma razão relevante no conhecimento dos assuntos relacionados as vivências cotidianas e aspectos da realidade humana junto a sociedade. Afinal, podemos observar nas obras romanescas os aspectos da razão e emoção, o individualismo apresentado no enredo nos momentos em que anseios de pertença e o convívio com o lugar fortalecem a ideia da percepção e modo de ver e sentir a vida em sociedade.

A vida atribuída aos personagens oferece a Geografia o conhecimento da visão de Rodrigues Marques sobre os anseios existenciais dos indivíduos, assim como sobre os outros lugares já vivenciados pelos personagens, antes de chegar na cidade de Caxias, e dessa forma, ele viabiliza ao leitor uma interpretação do significado de pertença de lugares distintos no espaço e no tempo. Pelas ações e expressões os indivíduos evidenciam seus sentimentos afetivos com os espaços, e a ideia de comparar os lugares vividos sempre foi um comportamento marcante na sociedade, talvez essas atitudes sejam decorrentes da maneira como os espaços são apreciados e sentidos.

Lugares e tempos são sempre versados em poesias e muitos se reportam à memória sobre o vivido e o experienciado. Há muito de geografia e literatura quando os poetas buscam em suas memórias os espaços vividos, percorridos, experienciados e os retratam em versos, prosas, contos, os quais suscitam a criatividade do leitor, buscam lembranças dos lugares e dos tempos vividos (OLIVEIRA e PASSOS, 2020). Nossa intenção foi trazer essa discussão do vivido dos indivíduos de forma a proporcionar uma reflexão a respeito da construção do sentimento de pertencimento. Viver lugares é sinônimo de sensações e emoções e a ideia de os escritores encontrarem nas narrativas a liberdade para expressar seus anseios, provoca o conhecimento científico na tentativa de aproximação de inúmeras realidades.

Por tudo isso, insistimos no caráter transformador que o diálogo entre geografia e literatura pode ter, qual seja, emergir paisagens e narrativas invisibilizadas, silenciadas, esquecidas e que só podem ser alvo de atenção pelo olhar de sujeitos cujas capacidades cognitivas estejam aguçadas, pela mirada de um leitor-viajante curioso, inconformado, munido de espírito questionador e inovador (SANTANA FILHO, 2020). Para nós, Rodrigues Marques

põe em relevo a rua da Areia e a vida noturna em diversos prostíbulos da redondeza, encontrando em Julieta, habitante da Casa Amarela, o personagem que faz elo entre a invisibilidade das prostitutas e a visibilidades dos padrões de comportamento da sociedade naquele tempo, naquele lugar Caxias.

A geografia literária, pode enfim, realizar uma geografia da literatura. Nelas, as espacialidades e geograficidades do leitor são evidenciadas pelo modo como funcionam os espaços de leitura. Nesses espaços, lugares de resistência se conformam afetiva e politicamente, na discussão de temas relevantes, na realização de atividades diversas, na construção de um sentido de mundo para aqueles que de outro modo ou por outros meios dificilmente teriam acesso a esse tipo de cultura. A geografia da literatura é uma geografia preocupada com a força da palavra, da escritura, da leitura na fundação e significação do mundo, especialmente do mundo daqueles que têm na literatura um dos únicos meios de mudar ou de sonhar com outra vida (CAVALCANTE, 2020.p.199) Com ênfase nesse pensamento os indivíduos são provocados a pensar a respeito da relevância da leitura dos lugares, assim como o sentido das experiências a construção afetiva, nessa vertente podemos imaginar a capacidade do olhar geográfico atento as transformações socioespaciais.

Pensar o sentimento de pertencimento associado ao romance *Julieta, Coisa e tal*, é um encontro de sensações e emoções diversificadas, em todo o enredo a vida dos personagens é um elemento significativo a ser apreciado pelo leitor. As falas e expressões cotidianas provocam uma aproximação com suas vivências anteriores, algo que possibilita uma reflexão sobre o significado e singularidade dos lugares na vida de cada integrante.

Um dia Julieta estava escovando os dentes, quando caiu sobre ela, mais uma vez, a saudade da família. Outras vezes já havia acontecido aquilo, mas era uma saudade geral, quase compacta. Agora não. Agora era uma saudade em pedaços. Pedaços para mãe. Pedaços para o pai. Pedaços para a irmã. Pedaços para o irmão mais velho. Mas principalmente, para o irmão caçula que morreu por seu vício (MARQUES, 1986.p.13).

Analisar as relações afetivas dos personagens é importante para o conhecimento da realidade, tanto quanto a maneira de ver e sentir os lugares é um processo marcado na individualidade de cada integrante. Em todo o enredo é possível perceber que a existência de Julieta ganha sentido pela saudade e emoção de suas antigas vivências que foram essenciais para a construção do sentimento de pertencimento ao seu lugar de origem, cidade de Imperatriz, também localizada no estado do Maranhão.

Experimentar, marcar, esquecer e lembrar. Falta um outro a quem isso é endereçado. Falta sinalizar que essas lembranças podem ser narradas e podem ser ditas a alguém. Uso o

verbo “poder” e destaco que nem todas as experiências serão ditas a alguém em algum momento da vida, muitas se constituem em seus silêncios. O que já é outra coisa: uma vivida, uma impressa como marca, uma lembrada e outra narrada. Então, temos outras experiências: a do lembrar e a do narrar. Por isso a pergunta: como nos lembramos de algo? (DIAS,2020).

Geralmente as lembranças estão aprisionadas no sentimento de pertencimento. O ser humano, em suas ações existenciais, tem a tendência de recordar lugares vividos e experienciados, lugares que por algum motivo foram responsáveis pela construção afetiva e identitária. Talvez, uma das intenções do autor narrar a vida de Julieta seria realizar uma descrição da realidade dos indivíduos associados às suas simbologias, ao pertencimento aos espaços percorridos, como uma alternativa de aproximar seus desafios e emoções serem interpretadas como uma manifestação relacionada aos anseios da sociedade.

A vida dentro e fora da Casa Amarela favorece a criação de laços afetivos com integrantes do prostíbulo, em especial Maria Gorda, como também com frequentadores que apreciavam suas práticas e ações, com destaque para o Dr. Armando sendo este um personagem marcante na permanência e existência de Julieta na cidade.

Por mais que o escritor tenha em suas (con)vivências e experiências a base para a sua criação literária, o vivido se entrelaça à imaginação na (re)criação dos mundos que lemos em suas obras. É desse modo que o escritor traça outros contornos para as paisagens e lugares que conhece e atribui novas características para as pessoas com as quais convive. (CAVALCANTE, 2020)

A riqueza da literatura situa-se, justamente, na possibilidade de ir além do que está dado e do que está dito, daí que a narrativa literária desafia e problematiza a realidade. Um romance, mesmo para uma leitura geográfica mais comprometida com o conhecimento do mundo exterior, não oferece uma resposta pronta. É preciso perceber que sempre há algo por desvendar, deixando em aberto a instável e sutil fronteira entre imaginação e mundo real (JESUS e LEDA, 2020, p. 292).

A identidade com o lugar é uma presença primordial nos estudos referentes a Geografia e Literatura, a ideia de discutir esses elementos intensamente presente nos contextos literários, ocasiona um conhecimento pautado na atribuição de valores e significados dos indivíduos aos lugares. O processo de construção identitária pode ser considerado uma etapa característica do vivido e, é nesse momento que os seres humanos dignificam os espaços de interação ampliando o aprendizado, as práticas de costumes e saberes. No mesmo direcionamento realiza-se a ação de entrelaçar as experiências oriundas da ideia e princípio de ser pertencente ao meio.

A identidade cultural se manifesta num determinado espaço tornado lugar pela história

de relação dos indivíduos e das sociedades com seu meio pelos sentimentos de pertencimento, os quais se constituem no mundo-vivido, ou seja, o lugar onde acontecem as relações com o meio, com outros indivíduos. E, como expõem Rocha e Almeida (2008), é neste mundo vivido que o cotidiano acontece, as relações se processam, os conflitos ocorrem separados ou não, ou seja, o contato com o mundo externo é feito.

Ora, a construção identitária de Julieta em Caxias foi marcada por conflitos pertinentes a realidade de seu ambiente de convívio. Em suas falas o autor enfatiza o sentimento de que as adversidades familiares são mais toleráveis e fáceis de resolver se comparadas a sua nova realidade. Nesse sentido é relevante mencionar a vida e existência da personagem como reflexão sobre os elementos fundamentais para a construção do sentimento de pertencimento e identidades do lugar.

Há, portanto, a proximidade entre sujeito e o lugar através do sentimento de pertencimento. Este pertencimento para Marandola Jr. (2005) apresenta-se não somente através da região, mas também da paisagem e dos lugares. Para ele, a língua, a linguagem, a ordem simbólica, consciente e inconsciente tornam-se distintas deste espaço na vida pela experiência e identidade com a região entendendo que é este humanismo o que mais se aproxima da geografia cultural e da abordagem cultural em geografia.

A personagem aprecia, em suas andanças pelas ruas da cidade, as características naturais dos espaços percorridos, relatando para sua amiga Maria Gorda a exuberância das paisagens, proporcionando ao leitor captar a essência afetiva era um elemento primordial dos lugares.

Julieta respirou fundo, encheu os pulmões. Da esquina vinha o cheiro de suco de maracujá preparado para o refresco. O cheiro de laranjas descascadas. Pitombas em cachos enchiam um tabuleiro. O vendedor de refresco raspava com um ralador de alumínio a barra de gelo que depois acrescentava a bebida de um ou outro freguês. Era quase madrugada e o céu sem estrelas. O vento morno levantava a areia da rua, rodopiava como as folhas secas caídas da cajazeira do terreno em frente. Lembrou-se de Maria Gorda: Maria Gorda gostava de madrugadas iguais àquela. A primeira vontade que lhe vinha, em noites assim, era a de sair para comer um peixe num bar bem distante, num ambiente calmo, parecendo estar sempre fugindo. “Vamos, Julieta. Uma noite dessas merece um peixe com muito molho e muita pimenta de cheiro.” (MARQUES, 1986. p.52)

É, pois, pela atribuição de valores e sentimentos que se entende o espaço geográfico. Nessas circunstâncias o lugar ganha significado para a personagem. Embora em sua permanência na cidade experienciasse desafios, as identidades foram construídas em decorrência do vivido e dos laços afetivos consolidados na dinâmica da Casa Amarela.

O desejo de pertencimento do indivíduo ao grupo e do grupo ao meio pode ser compreendido como um processo essencialmente subjetivo, que está ligado à questão da identidade: quem sou eu? Para Berdoulay e Enrikin (2012), essa subjetividade não chega, entretanto, a retirar de uma problemática social a questão da identidade, no sentido de que sua resposta implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de memória.

Observa-se essas questões presentes no texto literário ao realizar a análise de uma trama associada ao cotidiano. É fácil perceber na vida de cada personagem sentimentos e sensações com sentidos diferenciados, podendo assim mencionar a memória que se mantém viva ao relatar o passado, a busca de oportunidades em outros lugares como tentativa de mudar a realidade, o significado da rua na construção de suas identidades, a saudade e nostalgia para com seu lugar de origem trazendo, amores passados nunca esquecidos, dentre outros fatos dinamizadores dos lugares.

Reconhecer o passado no cotidiano também é vê-lo de modo humano. Vivemos reconhecendo pessoas, objetos e lugares que, de algum modo, já experimentamos anteriormente, seja por experiência direta ou mediada. Como se o conteúdo residual nos lembrasse, ou não, daquilo que foi vivido anteriormente. Dias (2020) aponta que ao refletirmos pela psicanálise, nossas ações, de algum modo, têm origem ou têm um marco em experiências vividas no passado que podem ser localizadas na infância. Aquilo que foi vivido e gerou tal marca não nos é apresentado de forma consciente para que possamos viver diferentes temporalidades em nossas vidas. Para ela, trata-se de algo que está presente sem que seja de nosso conhecimento, algo definidor, mas não consciente

Assim, a importância da memória é posta como elemento da identidade e pertencimento nos faz refletir sobre a realidade, o meio social, a criação do afeto que se carrega, o apego e devoção ao lugar o que vai fazendo daquele ambiente um local de inúmeros pertencimentos onde cada indivíduo vivencia seus prazeres existenciais em sua mais profunda individualidade, assim tudo vai formalizando e ganhando sentidos, na medida que se vive e aprecia a grandeza de seus lugares.

A experiência é construída de sentimentos e pensamentos. Apreendemos isso com Tuan (2013), pois o sentimento não é uma sucessão de sensações distintas, mais precisamente, a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiências de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento. É uma tendência comum referir-se aos sentimentos e pensamentos como opostos, um registrando estados subjetivos, o outro reportando-se à realidade objetiva. De fato, estão próximos às duas extremidades de um *continuum* experimental, e ambos são maneiras de

conhecer.

Observa-se, são essas questões que possibilitam ao pesquisador aprofundar o conhecimento a respeito das situações cotidianas dos lugares, pois a análise da vivência e pertencimento, proporciona um certo estímulo a raciocinar como se viveu ou vive. Mesmo não fazendo parte daquele meio, é possível sentir os mais diversificados sentimentos que são transmitidos pelas falas e ações, algo que ocasiona certas inquietações ao observador.

Meleau-Ponty (2018) esclarece que a síntese espacial e a síntese do objeto estão fundadas neste desdobramento do tempo. Em cada movimento de fixação, o corpo atua em conjunto um presente, um passado e um futuro, ele secreta tempo, ou antes torna-se este lugar da natureza em que, pela primeira vez, os acontecimentos, em lugar de impelirem-se uns aos outros no ser, projetam em torno do presente um duplo horizonte de passado e de futuro e recebem uma orientação histórica.

A esse respeito, Marandola Jr. (2014), expõe que o tempo é vivido como memória, e por isso memória e identidade adensam o lugar. A memória é a experiência vivida que o significa, definindo-o enquanto tal. Não é à toa que pensar em lugar é mais fácil recuando no tempo: lugar de nascimento, lugar de lembranças, lugar de saudade, lugar de memória, lugar de identidade. Ele parece mais conectado a uma tradição, a uma experiência profunda de entrelaçamento com terra. Um ritmo lento onde o sentido da permanência prevalece. Mas não apenas isso.

Conhecer os lugares caxienses na vida dos personagens é realizar uma filtragem dos significados da existência dos integrantes da Casa Amarela. Para Julieta o lugar em questão pode ser considerado como o lugar de memória e identidades, para Dr. Armando lugar de nascimento e identidades, enquanto para Maria Gorda seria um lugar de lembranças e memórias. Essa reflexão é baseada na análise do comportamento dos personagens no enredo, por suas apreciações dos lugares incorporadas a simbologias diferenciadas, as atuações no meio de acordo com as necessidades em sua individualidade e, ainda, as ideias de pertencer ao lugar pelas práticas e ações do meio.

Com esse pensamento é possível indagar a importância da cidade de Imperatriz-MA para Julieta. Certamente, tem um sentido de lugar de lembranças e saudade e, também, o seu lugar de nascimento. Já a simbologia de Codó para Maria Gorda refere-se a vibração para com um lugar de memória e não de nascimento, enquanto que para Carmosina o estado de Mato Grosso é o seu lugar de saudade e identidades.

2.3 – A VIDA IMITA A ARTE

Analisar essa dinâmica do lugar junto a Casa Amarela nos levou a refletir a respeito da

importância desse lugar para a vida de cada personagem. Entende-se o sentimento de pertencimento de Maria Gorda e Julieta com relação à Casa Amarela pelo fato de ambas serem migrantes, oriundas, respectivamente, de Codó e Imperatriz, em busca de novas oportunidades e mudanças. O estilo de vida dos personagens traduz os espaços vividos bem como a dinâmica da Casa. Apreende-se, por exemplo, no espaço-residência das prostitutas, os comerciantes e padeiros como frequentadores do ambiente somente após o término do expediente e, o prefeito, que não poderia ser reconhecido dentro do estabelecimento recorrendo ao uso de máscara. Essas ações permitem, pela investigação do cotidiano do lugar, destacar o comportamento dos personagens e, como tal, traduzirem elementos que põem o espaço vivido em relevo:

Julieta, na sua inexperiência, achava graça: pouco depois do meio dia começavam a chegar os homens idosos. Ela ainda não conhecia nenhum e brincava de adivinhar pela cara, pelo jeito, o que eles eram. Até se divertia quando um sumia num dos quartos dos corredores desertos. “Aquele deve ser comerciante”. Apostava com ela mesma: “Garanto que é funcionário público”. “Aquele tem jeito de advogado, de doutor”. Mais tarde soube que nunca acertou com nenhum. O dono de padaria que ela julgava ser...era um pastor protestante recém-chegado de São Luis; o funcionário público era o dono de uma mercearia lá para as bandas do ponte. Assim por diante (MARQUES, 1986.p11).

Nesse sentido é permitido um olhar geográfico para as práticas cotidianas, que em sua individualidade têm a capacidade de atribuir diversos significados ao lugar. É com essa perspectiva que observamos os elementos favoráveis à construção do sentimento de pertencimento com relação à Casa Amarela e os outros lugares favoráveis a atender os anseios em suas diferentes necessidades como a praça, estabelecimentos comerciais, ruas, igrejas, balneários, entre outros.

A descrição das práticas cotidianas dos personagens nos é fornecida pela observação e vivência do autor. Sua sensibilidade oferece ações ao enredo, a exemplo das andanças de Julieta e Maria Gorda pelas principais ruas da cidade, do conhecimento da elite que frequentava o cabaré, dos viajantes atraídos pela ‘fama’ da Casa devido a elegância das garotas, da percepção das praças como lugares de encontros. Ademais, ele registra o nome de outros cabarés de forma ao leitor apreender a efervescência noturna dos arredores, ou seja, daquele lugar da cidade de Caxias. São eles, a Pensão Ninho de Anjo, Ninho de Ouro e Noite Feliz, trazidos como pontos de referência para justificar o fluxo de pessoas ao entorno.

Assim, a identificação da categoria lugar foi realizada na obra Julieta Coisa e Tal. Com objetividade, Rodrigues Marques descreve as praças da cidade, identifica os aspectos naturais da região, proporciona uma abordagem sobre os aspectos que movimentavam a economia da época, enfatiza a ideia do fluxo migratório, aborda as questões inerentes à distinção de classes

sociais, caracteriza a relevância turística da cidade e, pela vida oferecida aos personagens, descreve suas ações no tocante aos costumes enfatizando os regionalismos.

- Os homens descobrem e depois trazem a gente. Você ainda vai conhece os banhos maravilhosos aqui de Caxias. A maioria só conhece o Ponte e a Veneza. Mas tem banhos melhores. O Iamun, por exemplo. A limpeza. No Iamun não precisa escurecer pra gente tomar banho nua, qualquer hora é hora... (MARQUES, 1986. P.17).

Pelas descrições dos lugares é possível avaliar quanto a experiência humana é uma temática relevante na literatura e, é nesse sentido que o comportamento se tornou fundamental para o estudo das relações do meio, assim como um elemento que direciona a observação sobre detalhes dos lugares.

Rodrigues Marques oferece a compreensão de suas experiências com a cidade de Caxias, percebida pelos percursos na cidade descritos através das experiências das moças da Casa Amarela com os lugares. Assim, ele transmite suas vivências com o meio, quais sejam, a rua da Areia onde o prostíbulo estava situado, a igreja de São Benedito como espaço de devoção, os cemitérios próximos a área central da cidade, a prefeitura e câmara como pontos de referência, as praças e suas respectivas memórias.

Figura 6: Lugares mencionados na obra em fotos da época: 1- cemitério dos remédios
2- Praça São Benedito 3 - Prefeitura Municipal de Caxias





Fonte: Instituto Histórico Geográfico de Caxias-IHGC.

As fotos elencadas estão postas no sentido de entender a trajetória de Rodrigues Marques aos espaços citados na obra. O cemitério dos remédios, foi posto como espaço de referências da dinâmica social da época; a Praça São Benedito como um lugar de intenso fluxo populacional, principalmente no período de festividade e, a Prefeitura Municipal de Caxias, como um espaço relevante localizado na área central da cidade. O cemitério é mencionado como o possível lugar de sepultamento de Maria Gorda e Madame Esmeralda, a praça São Benedito era um dos pontos das prostitutas e, a prefeitura, como o lugar de encontro de populares e gestores, citado também pela presença das mulheres do prostíbulo, quando suplicaram ao prefeito auxílio necessário ao funeral de Maria Gorda.

O autor realiza uma abordagem a respeito do cotidiano da Casa Amarela, ressaltando o cego que ficava cantando na calçada do prostíbulo, o cheiro das flores de caju que espalhava pelas ruas, a dureza da madame com as moças que ali habitavam, os homens casados e suas

tentativas de manter aparência, o fluxo contínuo de pessoas nos quartos da pensão, os desafios internos em noites de tempestades, entre outros apontamento, que nos permitiu imaginar sua sensibilidade como observador e escritor do comportamento social – individual e coletivo, traçando para o leitor o caminho para a construção das identidades com o lugar.

A trajetória de vida de Julieta emociona o leitor em todas as passagens do romance o que aproxima do sentimento de pertencimento. Rodrigues Marques situa a origem de sua personagem central, seus conflitos internos, sua personalidade - única e marcante, a exuberância e beleza de sua figura, a sensibilidade de seu olhar para com as pessoas, a fidelidade para com a amiga Maria Gorda.

Araújo (2010), ao se referir às mulheres em situação de prostituição, demonstra em seu estudo que os significados atribuídos ao espaço são reflexos das experiências vividas por cada pessoa o que permitiu a compreensão mais profunda das próprias percepções e vivências com o lugar. As moças que habitavam a Casa Amarela eram provocadas a refletir sobre o sentimento de pertencer àquele lugar e, na mesma intensidade, entenderem que suas vidas eram marcadas por inúmeras vivências e desafios. Essas expressões no texto trazem, em sua originalidade, experiências e situações diversificadas. Em conversa com Maria Gorda a Madame ressalta:

Aquele homem foi quem me tirou de casa. Quis casar comigo. Eu disse que não carecia casamento. Morei com ele uns cinco anos. Depois apareceu um rapaz de Fortaleza na minha vida e ele me abandonou. Quis me matar. Atirou em mim umas cinco vezes. Só por sorte estou contando isto agora a você. Disse que era melhor carregar um remorso pelo resto da vida do que um par de chifres. O rapaz de Fortaleza fugiu só de camisa e nunca mais teve notícia dele. Seu Rafael, de vez em quando aparece. Some uns tempos, depois aparece assim como você viu. Como se só viesse para avisar que ainda está vivo. – Suspirou:- Aquelas esporas de prata foram presente meu. Ele não tira dos pés. Até quando está sem cavalo, ele não tira aquelas esporas dos pés (MARQUES, 1986. p.35).

Nesse resgate da memória é possível compreender a dinâmica dos lugares no que se refere as relações com o meio, pois o passado pode refletir nas ações presentes sejam nos anseios caracterizados pelo medo - desafiadores para a construção de uma nova realidade, sejam pelo rompimento de laços afetivos – desencadeadores de inúmeras incertezas.³

Preocupados com a restituição do sentimento para com os lugares (sebs of place), geógrafos humanistas ancorados na abordagem fenomenológica valorizaram os textos literários por conta da qualidade do testemunho sobre a experiência concreta nos lugares com a transcrição da experiência perceptiva e do vivido. Esses trabalhos visaram remeter o sujeito,

⁴Abordaremos o sentido da casa, como tratado por Bachelard (2008) na terceira seção.

seus valores e sua carga biográfica ao centro da disciplina geográfica. Na maioria das vezes, trata-se de um imaginário geográfico de um sujeito que, por meio de sua experiência aplica sentimento aos lugares ou a eles reafirma um sabor por intermédio de sua obra literária (ALMEIDA, 2018, p. 244). É nesse sentido que as experiências dos lugares têm a capacidade de direcionar, a construção das narrativas, que em sua ideia central são oriundas de uma observação junto aos aspectos do meio social.

O imaginário ganha presença e proporciona a compreensão das práticas cotidianas dos indivíduos.

Outros perguntavam como podia ser aquilo: no lugar da placa da Câmara dos Vereadores, uma pequena tábua mal pintada indicava que era ali a Barbearia do Anísio. E no lugar do Jornal O Cruzeiro a do Armazém São José; e no lugar da Leitaria Esperança a da Papelaria Popular, e no lugar da Alfaiataria Tesoura de Ouro, a da Igreja Batista; e no lugar da Farmácia Caxiense, a da Tenda de Vovó Calunga (MARQUES, 1986. P. 31).

A presença do autor no lugar do romance é elemento primordial para entender a intensidade do pertencimento. A sensibilidade ao caracterizar e distinguir os espaços demonstra a afetividade, como também a capacidade de observar os estabelecimentos das práticas econômicas da cidade, algo que caracteriza a atenção e cuidado ao relatar os elementos no meio.

Pode-se generalizar que todas as sociedades dispõem, por conseguinte, de métodos graças aos quais os seus membros conseguem localizar reconhecer e se dirigir aos destinos. Colocamos uma etiqueta em cada lugar conhecido, de modo que possamos nomeá-los. A primeira geografia é a da orientação, completada pelos parâmetros linguísticos: ela é necessariamente parte de qualquer cultura (CLAVAL, 2015. p. 19).

É, percorrendo os lugares que adquirimos a necessidade de relatar nossos anseios, pois são nas relações cotidianas que encontramos os aspectos das vivências, assim como os objetivos necessários para compreensão do espaço.

Do exposto das vivências e dos sentimentos que fixam o pertencimento nas existências individuais e coletivas, é pertinente colocar que o lugar de origem inculca identidade ao indivíduo e o grupo. Entretanto, no mundo atual, as influências dos outros estilos de vida e outras formas de pensar, seja pelos meios de comunicação e pelo contato com o “outro”, também contribuem para o delineamento da identidade. A identidade é algo que, em grande medida, se constrói. Entendemos como Almeida (2018), muitas vezes, em face das outras identidades, o “Outro”, reafirma-se, reelabora-se, nega ou reforça sua própria identidade ao compará-la com as demais.

No tocante as decisões referentes as identidades o sentido atribuído ao lugar é percebido

de acordo com os relatos e manifestações observadas na fala, esses princípios facilitam compreender a relevância do afeto para com o espaço de Caxias e da Casa Amarela. A vida dos personagens no romance proporciona o entendimento de identidades com base nos desafios provocadores a resistências.

Embora Dr. Armando nunca tivesse dito uma palavra sobre o assunto, nem a Madame revelado nada, Julieta tinha quase a certeza de que fora ele quem pagara suas dívidas nos seus primeiros tempos de Casa Amarela. Uma vez tentara agradecer, mas ele fez cara de espanto: - Conta? Que conta? E eu sei lá de conta, mulher? Você está doida? (MARQUES, 1986. P. 32).

É possível perceber as dificuldades encontradas por Julieta ao chegar à cidade de Caxias, as primeiras relações com o lugar foram calculadas em desafios ameaçadores a sua permanência dentro da Casa Amarela:

Eu tinha uma dívida de mais de quinze diárias e estava na véspera de ser jogada na rua. Alguém sem me falar nada, liquidou a dívida. Eu gostaria de agradecer, mas não sei a quem... (MARQUES, 1986. P. 32).

Nesse contexto falar desse prostíbulo é desvelar o imaginário de um lugar que foi além da ficção. A Casa Amarela realmente existiu na cidade de Caxias, como descrita por Osmar Rodrigues Marques, localizada na antiga rua da Areia, popularmente conhecida como “rua do Cabaré”, assim como “rua da Alegria”. Nos arredores haviam outros prostíbulos de nome Calçada Alta, Boate Madri, Casa Verde, entre outros que conformavam um lugar de intensa festividade, habitado e frequentado por moças e rapazes de outros estados e cidades vizinhas.

Só, sem destino, lenta, sem pensamentos na cabeça, ou muitos, embaralhados, entrou por uma rua de calçamento rude, saiu em outra passou por becos imundos, pontilhões. Numa esquina viu redes abertas e coloridas a espera de compradores muitos homens idosos jogando gamão. Em frente a um talhão de bilhar leu as palavras de um cartaz: “Consulte o bolso antes de pagar no toco”. Quase tropeçou num homenzarrão com um amarrado de galinhas numa das mãos, a outra na cintura, olhando dois rapazes jogando bilhar. Passou por uma praça onde as palmeiras morriam de velhice e a grama secava sem tratamento. E, nos bancos, rapazes e moças em algazarra uniformizados, os livros amontoados nos canteiros, fazendo gazeta (MARQUES, 1986. p. 46).

As trajetórias de vida de Julieta, Maria Gorda e Carmosina, traduziram uma caminhada solitária. Seus diálogos e ações evidenciavam, no presente, desafios de suas experiências passadas, a sensação de andar pela cidade, pode ser considerada como um momento de encontro com realidade, a descrição dos lugares demonstrava a atenção e reconhecimento de um espaço que lhes proporcionava possibilidades de sobrevivência, assim como a oportunidade de se sentirem pertencente ao lugar. A esse respeito, Batista (2010), sinaliza que para muitos, um determinado espaço não simbolize nada, por não lhe serem atribuídos significados, para outros tantos, esse mesmo espaço pode gerar afetividade, repulsa ou outros sentimentos, a depender

da vivência ou experiência de cada um.

A construção do sentimento de pertencimento à cidade ganha significado individualizado e o sentido de pertencer ao lugar muitas vezes limitou a essência da afetividade de Julieta e de outros personagens. O anseio de vivenciar novas histórias na cidade, era o objetivo de cada moça que chegava a Caxias, a exemplo, Julieta oriunda de Imperatriz, Maria Gorda de Codó e Carmosina de Mato Grosso. Em determinados momentos acreditavam que poderiam ‘apagar’ lembranças do passado desafiador.

Maria Gorda dizia sempre que a zona era de areia movediça: quem nela pisasse não teria outro recurso senão se afundar mais e mais. Apesar disso, frágeis esperanças persistiam em Julieta. Não seria possível que ninguém -uma mulher que fosse- conseguisse, com força de vontade ou com a ajuda de alguém, um homem bom abandonar aquela vida. E as madames nunca mudavam para melhor? Nunca conseguiam sair para uma vida mais digna? Perguntas se enrolavam em perguntas e quanto maior ficava o novelo delas mais a noite parecia crescer também, amanhã quase inalcançável (MARQUES 1986. p. 38).

O vivido anuncia a construção identitária para Julieta pelas situações do presente que tinham a capacidade de ameaçar expectativas futuras. Embora o passado parecesse à ela distante, suas lembranças traziam antigas vivências, o pertencimento construído em outros lugares oferecia o anseio a solidão e saudade da família algo que despertava a dor da realidade.

A noite era enorme. Naquela noite cabia todo o seu passado-passado que chegava manso, mas doído, aceito, mas indesejável. Até os curiosos da alfaiataria ao lado, que sempre trocaram o dia pela noite e se perdiam na sua serenata, conservavam os bicos fechados, esquecidos do conto. Julieta enchia seu quarto já quase cheio de bibelôs com as pessoas queridas de sua cidade. Era como se a mãe estivesse sentada na beira de sua rede e a devorasse com suas repreensões e conselhos. E ela só se defendendo (MARQUES, 1986. p. 38).

O romance Julieta Coisa e Tal retrata uma realidade da cidade em meados da década de 1970/80, período em que os prostíbulos constituíam lugares com atividades socialmente estabelecidas para a época. Para conhecer a relevância da Casa Amarela para a cidade de Caxias, com interesse de compreender como acontecia a dinâmica daquele lugar, foram aplicados 31 questionários entre homens e mulheres na faixa etária de 54 a 94 anos. Os relatos dos indivíduos entrevistados, proporcionaram a compreensão do intenso fluxo de prostituição da época, de que as atividades desenvolvidas na cidade tinham a capacidade de atrair rapazes e moças para o interior desses estabelecimentos, e que a zona de cabarés formados na área central da cidade fortalecia o fluxo econômico e populacional.

A presença da população Caxiense é marcante para a pesquisa, pois as contribuições oferecidas pelas entrevistas, viabilizaram confirmar a sensibilidade de Rodrigues Marques para

com os lugares de Caxias descritos no romance, sobretudo a Casa Amarela que, para alguns deles era tida como um espaço de diversão e acolhida. Observamos o comportamento e expressões desses entrevistados referentes ao orgulho de ter conhecido e frequentado a Casa Amarela o que lhes garantia afirmar com propriedade suas experiências assim como partilhar conosco suas lembranças. *“Na época o Cassino Caxiense, União Artística, Centro Artístico eram muitos movimentados, e depois das festas a gente se direcionava para a Casa Amarela e Calçada Alta, para terminar a noite”* (entrevistado 5). Nesse sentido, as práticas cotidianas da Casa Amarela oferecem dinâmica ao lugar e a frequência caracteriza a funcionalidade do mesmo.

A Casa Amarela, plantada na calçada de quase dois metros e meio de altura, de dia parecia uma casa qualquer de família. De noite, virava quase um palácio. As luzes, em excesso, a destacavam no meio das outras, iluminadas com lâmpões ou com menor quantidade de lâmpadas. E, cedo logo, a radiola, no último volume, fazia o convite da noite [...] (MARQUES 1986. 59).

A ideia de comparar o conhecimento adquirido na pesquisa de campo em relação a descrição do enredo, possibilitou a compreensão do romance ancorado na representação social. A narrativa dos entrevistados revelou que a produção do texto *Julieta Coisa e Tal*, foi oriunda das experiências do autor, e a inspiração para centrar a obra na Casa Amarela poderia ter sua origem nas vivências com aquele lugar. Com efeito, de acordo com o entrevistado 17: *“O autor frequentava a Casa Amarela e esse foi o motivo que deu inspiração”*.

“Nesse universo descrito detalhadamente, configura-se um lugar de acolhimento, de pertença ou ainda, de repulsa pelas atitudes cotidianas nas quais assentam as relações socialmente construídas. O espaço real é incorporado na ficção como elemento imprescindível da narração, um apelo ao realismo, mais do que verossimilhança, que envolve o romance” (JESUS, LEDA, 2020, p. 289). É pois, no envolvimento com o lugar que o autor encontra sentidos e significados para descrever os personagens, em especial Julieta. Ora,

Nossa geograficidade é permeada por sonhos, imaginações e memórias sobre o que vivemos, queremos viver ou acreditamos ter vivido. Nossas ações e deslocamentos espaciais também são marcados por esses aspectos e, portanto, nosso modo de ver e nos relacionar com a terra. Essas experiências geram marcas e poderemos conhecê-las quando alguém nos endereça sua narrativa. O convite é para nos aproximarmos das pessoas e ampliarmos nossa condição de escuta para encontrarmos a geograficidade do outro por meio de sua palavra (DIAS, 2020, p. 141).

Nessa aproximação e escuta encontramos a geograficidade dos entrevistados e a maneira como as vivências do passado foram relevantes para suas práticas e existências como pode ser observado em suas falas quando questionados se conheciam a Casa Amarela. Em resposta,

todos responderam positivamente. Essa pergunta proporcionou muitas descobertas a respeito de suas vivências uma vez que nos relatos eles expuseram além do conhecimento do lugar, enquanto espaço físico, as recordações das experiências vividas na Casa Amarela, caracterizava e confirmando para nós, a dinâmica daquele lugar.

Reafirma-se, o contato com os indivíduos que conheceram a Casa Amarela foi primordial para a análise do romance pois em cada relato foi possível encontrar situações do enredo. A escuta da população ocasionou o encontro com a vida dos personagens, as moças que habitavam a Casa Amarela permaneceram ‘vivas’ na memória das pessoas, as antigas práticas ganharam vida à medida que narravam os acontecimentos; o lugar Casa Amarela com suas marcas temporais foi referenciado pela pertença; a cidade como palco da experiência. Como elo de construção identitárias, eles operacionalizaram os lugares e a saudade dos mesmos exposta como elo de construção identitária.

O passado torna-se instrumento de conhecimento das práticas cotidianas dos indivíduos. Conhecer suas histórias e experiências proporciona compreensão sobre a relevância de lugares em determinado espaço e tempo. A capacidade de descrever suas antigas vivências fortalece o reconhecimento da relação com o meio, e nessa busca para compreender as práticas humanas, encontramos nas entrevistas com conhecedores e frequentadores da Casa Amarela, um vínculo para o entendimento dos elementos sociais contidos no romance.

Seus relatos qualificaram o lugar que guarda em sua essência o registro de inúmeras histórias, entre tantas, a relevância da Casa Amarela para a apreensão do sentimento de pertencimento. Como frequentador, o autor encontrou em suas vivências a inspiração para compor e manifestar os acontecimentos cotidianos e, nessa aproximação de antigas realidades, foi-nos possível refletir a respeito das identidades consolidadas ao tempo.

O que está sendo destacado é a memória e lembranças da realidade anterior, consideramos que a coisa lembrada traz consigo a marca temporal de quando foi vivida e outra, de quando foi recordada, além disso, o ato de lembrar como experiência, tem a ele imbricado a anterioridade do que foi vivido. Portanto, a relação entre o sujeito e a coisa lembrada coloca no mesmo instante momentos temporalmente distintos, dessa forma, não se trata de uma relação apenas construída exclusivamente em uma determinada circunstâncias. Essa anterioridade ou experiência regressa como aponta Dias (2020), é fundamental para entender a ideia de marcas adotadas como algo que foi vivido, como impresso em cada um de nós e nos acompanha nas experiências em diferentes temporalidades.

Nesse sentido além das personagens que moravam na Casa Amarela - Julieta, Carmosina, Maria Gorda, Madame, Mãe Amara e a cadela, o autor descreve os visitantes entre

eles Dr. Armando, Borba e Jarbas como pessoas que a frequentavam diariamente. Evidenciamos que 22 entrevistados afirmaram serem frequentadores assíduos daquele prostíbulo, ressaltando tratar-se de um espaço de muita diversão. Na fala do entrevistado 11 é possível entender como era constante suas visitas *“Eu era um fiel frequentador, inclusive tinha uma namorada lá...”* Com esses e outros direcionamentos evidenciamos que aquele lugar era um espaço marcante do cotidiano dos moradores da cidade.

Ainda no tocante ao conhecimento da Casa Amarela, apreendemos com os demais entrevistados na condição de observadores daquele lugar, pois embora não fossem frequentadores, mostraram-se conhecedores de sua dinâmica socioespacial. O entrevistado 10 ressalta *“Eu passava na frente para ir a maternidade e na época era muito conhecida e festejada”*; o entrevistado 1 explica: *“porque ficava localizada na rua que eu morava, e minha mãe ficou responsável por este estabelecimento por um determinado tempo”* e, o entrevistado 2 complementa *“através de minha avó que era cafetina”*. Tem-se, no presente, o registro da memória afetiva e funcional da Casa Amarela.

Na escrita do romance, Rodrigues Marques traz o quanto a Casa Amarela foi marcante na sociedade caxiense. Assinalamos como ele provoca o leitor a interpretar elementos socioespaciais através do comportamento dos personagens. Ao narrar as atitudes do Dr. Armando no lugar, ele nos incita analisar sua postura; era um homem de relevante poder aquisitivo, pertencente à alta sociedade e mantinha relacionamento afetivo com Julieta pela frequência aparentemente cotidiana à Casa Amarela.

Dr. Armando desfez um embrulho enorme e começou a distribuir presentes com as mulheres. Para Carmosina entregou uma bolsa que, segundo ele, era a última moda no Rio. As mulheres, com quem tinha pouca intimidade, presenteou com brincos, broches, perfumes, miudezas. Estranhou a ausência de Julieta e da Madame. Ainda com presentes numa sacola de papel, retirou um e brincou: - Este aqui é para madame. A velha é enjoada, ranzinza, mas eu gosto dela... (MARQUES, 1986, p.81).

Na arte literária criar e oferecer nome a um personagem é uma estratégia de intitular suas ideias e consequentemente liberdade de expressão. Dr. Armando ganha presença marcante em todo o enredo com a narrativa de sua trajetória de convívio na Casa Amarela. De sua pessoa, evidencia-se seu casamento conflituoso com Adélia demonstrando o interesse de manutenção dos padrões sociais, suas relações afetivas com as moças, em especial Julieta e a familiaridade com o ambiente. Por sua presença são evidenciadas as práticas cotidianas dos demais visitantes, os encontros com amigos nas instalações internas, entre eles o prefeito, a frequência de outras pessoas da alta sociedade.

A esse respeito, entendemos que habitar não significa apenas dispor de um lugar onde

se resguardar da sociedade e onde viver sozinho ou em família. É também encontrar pessoas, levar uma vida social. A primeira esfera corresponde ao meio próximo, aquele dos vizinhos nos países de habitat dispersado, das aldeias na maioria das regiões do interior, ou do quarteirão e do bairro nas cidades. Os encontros que ali se fazem são variados: amigos próximos, comerciantes, o padeiro, o açougueiro, o jardineiro, todos estes cuja frequência era diária antes dos supermercados (muitos ainda os visitam todos os dias). Ao caso dos deslocamentos, as relações se entrecruzam, a gente para um instante, quando o tempo não nos apressa, a conversa começa. Ela discorre sobre o tempo que está fazendo, sobre a rapidez com que os meses desfilam, ou sobre a família, os acontecimentos esportivos, as últimas férias. Nós cumprimentamos algumas pessoas sem saber exatamente a razão, já cruzamos tantas vezes com elas que passam a integrar nosso ambiente, familiar: sabemos onde moram e até sua profissão, embora raramente lhe tenhamos dirigido a palavra (CLAVALL, 2015).

Encontramos no romance indivíduos percorrendo os becos característicos da cidade, os encontros inesperados com os amigos, os novos integrantes que chegavam em busca de oportunidades para a vida, as praças e igrejas como um cruzamento diário entre pessoas, os casarões centrais que resistem a temporalidade para manter a memória, as praças e igrejas como um espaço de encontros diário, a exuberância dos balneários com sua capacidade de atração e os cabarés como parte integrante da geograficidade caxiense.

A figura 7 mostra a Praça da matriz, situada no centro da cidade, em um momento relevante, quando foi inaugurado o Cristo Redentor. O sentido de demonstrar essa fotografia encontra-se associada a simbologia das igrejas católicas, importantes nas vivências do autor e no romance onde a religiosidade aparece marcante na dinâmica e crenças da sociedade.

Figura 7: Praça da Matriz 1970/1980. Inauguração da estátua do Cristo Redentor



Fonte: Instituto Histórico Geográfico de Caxias-IHGC.

Rodrigues Marques relata a trajetória da Casa Amarela que entre as décadas de 1970/1980 ofereceu forte construção ao conhecimento e análise do lugar. Toda a trama é marcada por aspectos da realidade humana, os conflitos internos foram expostos para facilitar o reconhecimento das práticas cotidianas assim como elucidar as atuações das pessoas pertencentes ao meio e, nessa perspectiva ressaltamos os segredos do passado da Madame

As conversas da madame com Julieta e Maria Gorda eram aleatórias, relatar suas íntimas aflições era considerada uma ação pouco provável, as angústias guardadas debaixo do mosquiteiro azul caracterizavam sua dura personalidade e a tristeza com a chegada de Rafael a Casa Amarela inquietava sua existencialidade, em conversa com Maria Gorda a mesma esclarece: - Já me humilhei para ele o mais que pude...quando pedia perdão, ele suspendia minha cara pelo queixo e dava enormes gargalhadas. Faz muito tempo que eu não peço perdão a ele. A impressão que eu tenho é que ele só fica feliz quando eu me humilho. – Um homem assim é um perigo. A gente nunca sabe o que ele está pensando, tramando. - Às vezes sonho com ele me matando. Eu acho que vou morrer nas mãos dele. Maria Gorda nunca havia escutado a madame falar do seu passado antes da Casa Amarela e estava surpresa com aquelas confissões. De repente, a mulher fria que parecia só pensar em dinheiro, ganhou uma outra dimensão para Maria Gorda. Virou gente de carne e osso. (MARQUES, 1986. p.36).

Os relatos da madame a aproximam de Maria Gorda pelas vivências do passado e assim, para o autor, viver na Casa Amarela era participar de outras vivências e experiências

provocadoras de questionamentos as mudanças de lugares dos indivíduos, que em sua maioria são oriundas de intenções diversificadas, e a fuga de outras realidades despertam na geografia uma ideia de investigação aos elementos que constitui o meio, assim como uma análise da essência da dinâmica dos lugares.

Conhecer esses modos nos possibilita aprofundarmos nas relações que homens e mulheres constroem com a terra e como constituem seus lugares. Existem diferentes campos para praticarmos nossas geografias, e não somente através de quantificações e definições especiais, mas também caminhamos ao encontro de pessoas. Pessoas que constroem seu cotidiano em experiências lugarizadas e que carregam as experiências de seus lugares para outros por onde se deslocam. Nosso desafio consiste em criarmos ou ampliarmos modos de nos aproximarmos de tais experiências vividas (DIAS, 1986. p. 126).

É nessa ambiência de aproximação entre frequentadores e integrantes da Casa Amarela que os personagens e nós leitores fomos surpreendidos com o falecimento da Madame, brutalmente assassinada por Rafael, seu companheiro do passado. Seu corpo sem vida foi encontrado por Mãe Amara e sua cadela e a notícia ocasionou surpresa e euforia a todos; pois muitos acreditavam que a Madame viveria para relatar suas experiências com as moças e rapazes que, por anos, vivenciavam o prostíbulo.

O soldado forçou a porta com um pé-de-cabra e foi o primeiro a entrar nos aposentos da Madame. Depois, as mulheres invadiram atrás e ele com os braços abertos, pediu: - Não toquem em nada. Feliz, por haver repetido uma frase lida numa revista em quadrinhos, suspendeu o filó do mosqueteiro e todos depararam com a Madame- os olhos verdes abertos-com a camisola empapada de sangue e um par de esporas de prata sobre o peito (MARQUES, 1986. p. 64)

A partida da Madame ocasionou tempos difíceis para aquele lugar. A Casa Amarela passa a ser gerenciada por Carmosina; Julieta parte em busca de novas oportunidades, a frequência dos rapazes diminui, muitas das moças migraram para outras regiões da cidade, para novos prostíbulos que foram surgindo e, como consequência, aquele lugar começa a perder sua simbologia.

A Casa Amarela, realmente, é fechada. Atualmente o prédio encontra-se com nova estrutura e funcionalidade, uma farmácia instalada oferece uma outra dinâmica para o lugar. Sobre seu fechamento, data e motivações os entrevistados relataram que nas décadas de 1970/80 outros cabarés foram surgindo, mas não há como mencionar um motivo decisivo. Ouvimos os que apontaram questões políticas, porém, sem contextualização, falta de cliente e mais preciso “... a dona faleceu e o filho dela tentou continuar, mas não deu certo” (entrevistado 21)

No tocante ao sentido do lugar, foi possível observar as relações da sociedade com os aspectos do meio e a atenção da população com relação à dinâmica da Casa Amarela. As

entrevistas ofereceram à pesquisa subsídios para interpretar o romance, proporcionaram aproximação entre realidade e ficção a respeito daquele lugar, garantindo a busca nas artes literárias dos elementos do mundo geográfico.

Pelo fluxo de consciência do personagem central é possível imergir nas relações que desdobram na dinâmica do lugar. Entre memórias, imaginações e sensações, a narrativa flui rumo a consubstancialização de componentes fundantes da experiência de realidade geográfica do lar e do lugar. A trama reverbera, destarte, as poéticas nefastas de um habitar que se realiza no mundo vivido em transcendência á topofilia e topofobia (ALMEIDA, SOUZA JÚNIOR, 2020).

Entre memórias e sensações levamos aos entrevistados a seguinte pergunta: - Na sua opinião a Casa Amarela foi importante para a cidade de Caxias? Por quê? Do quantitativo de 31 entrevistados 25 afirmaram que aquele lugar tinha significado relevante para a cidade, relatando a sua capacidade de atração econômica, espaço de diversão, encontro de amigos, atrativo a pessoas de outras regiões e, até mesmo, como amortecedor do índice de criminalidade uma vez que moças e rapazes direcionavam suas energias, para a diversão e convívio no prostíbulo. Ora, “...pois através dessas atividades chegavam pessoas de fora para visitar a Casa Amarela” (entrevistado 20), “...pois aquele cabaré movimentava tudo ali perto, sem falar que as moças de fora ganhavam muito dinheiro” (entrevistado 11). Nessa perspectiva o entrevistado 5 afirma: “...pois a Casa Verde, Diracy, Casa Amarela, eram lugares de diversão para os rapazes e moças”.

Na sequência de informações seis outros entrevistados relataram que a Casa Amarela não era importante para a cidade, explicando que aquele ambiente para alguns indivíduos não proporcionava simbologia pois promovia conflitos familiares: *Não. Porque lá muitas famílias foram destruídas em decorrência da traição*” (entrevistado 10).

As pessoas narram experiências que de algum modo deixaram marcas. Então, poderia dizer que existem as experiências que marcam mais e outras menos ou não deixam marcas. Isso, de algum modo, pode ser lido como experiências com intensidades diferentes, seja pela duração, pela energia despendida entre a experiência vivida e o registro de uma impressão, pela qualidade ou modo como a experiência foi vivida (DIAS, 2020).

Com essa ideia é relevante mencionar a capacidade que o homem em sua individualidade tem de expressar sentimentos através da linguagem oral e escrita, são essas atividades que desenvolvem o campo de análise em diversas áreas do conhecimento, possibilitando ao pesquisados estudar, descrever e tentar conhecer como é a representação simbólica da realidade do meio social.

A aproximação geográfica com o romance *Julieta Coisa e Tal* tem desencadeado questionamentos a respeito da dinâmica do lugar. O enredo provoca o pesquisador a investigar os elementos da realidade, sendo possível buscar nas relações e ações do meio, indicativos favoráveis ao conhecimento do que constitui e qualifica a categoria lugar. A sensibilidade do autor com a descrição da cidade de Caxias caracteriza o sentimento de sua pertença aos espaços, como por exemplo, os detalhes arquitetônicos e da ambiência das igrejas e praças como lugares de encontros de sujeitos para desenvolver diferentes atividades, do Mercado Central como lugar de intenso fluxo de pessoas e mercadorias.

E, assim, enquanto traço ontológico essencial a geograficidade faz parte da vigência das coisas, sendo impossível desviar-se dela. Afirmar que toda obra de literatura é essencialmente geográfica implica reconhecer a geograficidade como fundante do mundo e, portanto, de tudo que é vigente. A geografia não é apenas uma forma de ver o mundo (o que também é), mas é parte da essência do mundo (MANRANDOLA JR, 2010).

É no reconhecimento da geograficidade que viabilizamos o interesse de conhecer a relação identitária da Casa Amarela para os sujeitos pertencentes ao meio, a ideia tem como objetivo promover uma reflexão a respeito das identidades expressa nas ações dos personagens relacionado ao conhecimento da memória marcante na existência dos indivíduos que conheceram o lugar.

Nesse sentido direcionamos aos entrevistados a seguinte pergunta: - Você acha que a Casa Amarela deixou marcas na identidade da população Caxiense? Quais? Observamos que a maioria referenciou o prostíbulo como um espaço que influenciava construções identitárias, pois vinte e oito afirmaram que aquele lugar deixou marcas na “geração” de frequentadores. As manhãs de domingo na Casa Amarela são lembradas como diferencial assim como o lugar, sim, deixou marcas na cultura do povo de Caxias. Os relatos foram essenciais ao reconhecimento das identidades construídas com o lugar: *“Muita identidade. Pois lá acontecia muitas coisas e ficou marcado”* (entrevistado 6); *“Sim. Para a juventude de hoje não, mas o povo da minha época sim”* (entrevistado 21), *“Sim. Pois muitas pessoas conhecem e viveram por lá, hoje ela deixou muita saudade, principalmente para aqueles que frequentava”* (entrevistado 30).

Como contraponto, outros alegaram que a Casa Amarela não deixou marcas de identidades, pois não era um ambiente reconhecido por muitos que não gostavam de sua existência, um espaço que não promovia “evolução”. E, com base nesses depoimentos entendemos que a construção identitária pode ser promovida através da individualidade e que o sentimento atribuído aos lugares é constituído de diferentes simbologias. Dessa forma, é possível lembrarmos do que sentimos em determinada circunstância, mesmo que no momento

da recordação não tenhamos o mesmo sentimento. Esse sentido é dado a *posteriori*.

Com efeito, os afetos nos marcam e geram outros sentidos no ato de lembrar. É possível viver uma experiência de dor em determinado lugar e, no momento da lembrança o sentimento desencadeado por tal experiência poderá ser ressignificado. No entanto, existe um nó neste ponto. Uma coisa é a experiência vivida num determinado lugar e com a percepção dos afetos gerados, outra, é o ato de lembrar-se, outra é o que ocorre entre a experiência e a sua lembrança que pode intensificar, ressignificar ou provocar esquecimentos e, outra ainda, é narrar essas experiências vividas. Ou seja, não controlamos ou deliberamos sobre a intensidade de uma lembrança e sobre os afetos que nela foram impressos (DIAS, 2020).

Identities com os lugares podem ser articuladas com um mosaico de sensações e emoções ligadas às vivências e experiências dos seres no espaço e, realizar sua análise desencadeia uma série de conhecimentos atrelados a realidades distintas e individuais que despertam na literatura o interesse de conhecer o processo de consolidação e manutenção das identidades.

Foi, portanto, através desse despertar na literatura que buscamos obter informações relacionadas ao conhecimento do romance *Julietta Coisa e Tal* junto a sociedade, entrevistamos populares que conheceram o prostíbulo direcionando a seguinte pergunta: - Tem conhecimento de que a Casa Amarela está registrada em um romance? Conhece a obra, o autor. O que acha disso?

Vinte e quatro entrevistados responderam não ter conhecimento do romance e, alguns se surpreenderam com a existência da obra e, admirados ressaltaram o romance como a manutenção histórica “das vivências da Casa Amarela”. Observamos que o não reconhecimento do romance despertou nos indivíduos interesse de reencontro com aquele lugar, alguns realizaram questionamentos relacionados a trajetória do enredo e no momento de partilhar informações relacionados a realidade e ficção o entrevistado 8 explica: “- *Na Casa Amarela tinha uma moça chamada Julieta, só que todos chamavam de Júlia, pois ela não gostava de ter seu verdadeiro nome revelado*”.

Esse relato nos fez pensar sobre a importância do título do romance. Julieta era uma moça oriunda da cidade de Imperatriz que migra para Caxias em decorrência de conflitos familiares, chega à Casa Amarela em busca de oportunidades e sobrevivência, é descrita como uma mulher observadora e equilibrada cujas ações cotidianas dentro e fora da Casa Amarela, qualificaram o desejo de uma falsa identificação relacionada a originalidade de seu nome.

Nesse contexto, não revelar seu verdadeiro nome é uma prática marcante entre as moças dos prostíbulos, prática histórica resistente a temporalidade. O sentido de identificação do nome

atribuído a um fictício ou semelhante, tem o intuito de dificultar o reconhecimento das ações associadas ao próprio indivíduo, assim como adquirir na sociedade espaços de liberdade referentes as suas atividade e atuações.

Os participantes que tinham conhecimento do romance enfatizaram a sua relevância para a sociedade, alegando sua dimensão significativa ao encontro da memória e identidades do lugar, O entrevistado 3 menciona: *“Sim, Osmar Rodrigues Marques foi feliz em contar essas passagens e histórias de nossa cidade, uma sensação que ninguém explica”*. Ressalta-se ainda o depoimento do entrevistado 17: *“Sim. O autor era um grande amigo meu, ele ganhou um prêmio por esse livro, esse livro é tudo para a história de Caxias.*

**VER E SENTIR O ROMANCE: ESPAÇOS VIVÊNCIAS E LUGARES DE
EXISTÊNCIAS EM “JULIETA COISA E TAL”**

Canção do exílio



Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Gonçalves Dias

3.1 A CASA AMARELA, ONDE TUDO ACONTECE E OS PERSONAGENS

O lugar no romance *Julieta, Coisa e Tal* incorpora a existência humana na terra, a vida oferecida para os personagens é um ponto marcante para conhecimento e aproximação da realidade dos espaços e lugares vivenciados pela sociedade. Com essa ideia, é possível observar que o desejo de contar a história da Casa Amarela para Rodrigues Marques, pode ser interpretado como uma etapa marcante em sua trajetória enquanto indivíduo pertencente a este meio, visto que a intimidade com o lugar Caxiense realiza uma demonstração de sua afetividade com o espaço e os elementos que o constitui.

Os cabarés de Caxias, a cidade princesa do sertão maranhense, são considerados um marco significativo para conhecimento da dinâmica caxiense. A história da cidade memoriza acontecimentos essenciais no entendimento da efervescência dos prostíbulos, podendo assim mencionar as consequências do extrativismo vegetal do babaçu como uma atividade promissora ao crescente fluxo populacional da cidade.

Conhecer a história da Casa Amarela é apreciar uma relação entre prostíbulos presentes na época retratada pelo romance – entre 1970/1980, localizados na área central da cidade com uma proximidade significativa entre os recintos. Essa época foi marcada pela existência das boates/prostíbulo Madri, Casa Verde, Calçada Alta, entre outros. As ruas eram popularmente nomeadas e conhecidas como “Rua do Cabaré”, como também “Rua da Alegria”, correspondentes ao intenso fluxo de frequentadores e, assim, ganhavam sentidos e significados diferenciados.

A importância de conhecer a dinâmica espacial desses lugares, desencadeia uma observação referente a localização dos prostíbulos, situados próximos ao Mercado Central (Figura 6), aos cemitérios e praças, eram lugares que possibilitavam o reconhecimento e visibilidade. Destacamos a situação da Casa Amarela e da Calçada Alta na Rua da Areia, local de fácil acesso a migrantes e viajantes que chegam na cidade.

Sobre esse aspecto Marandola Jr e Grato (2010) ressaltam dentre as virtudes da literatura, a capacidade de ir do particular em direção ao universal. O drama humano, a história e uma cidade, os detalhes de um conflito não se limitam à trama de significados e sentidos que estão encetados em si próprios. Sua força reside no que aquelas narrativas específicas carregam do sentido universal de seus temas, conflitos e entendimentos.

Figura 8: Mercado Central de Caxias na década de 1980.



Fonte: Instituto Histórico Geográfico de Caxias-IHGC.

É a partir do sentido do drama humano que o romance *Julieta Coisa e Tal* categoriza um momento relevante na história da cidade associado a existência da Casa Amarela, que era um espaço de construção das relações socioespaciais, assim como a criação e manutenção dos laços afetivos referentes aos indivíduos pertencentes a aquele espaço. O olhar ao lugar em questão, motivou inspiração para poetas e romancistas a habilidade de descrever o cotidiano dos integrantes e da população que vivenciaram diversas experiências relacionadas a realidade do lugar.

Os enlaces pertencentes a simbologia do romance possibilitou aproximação a um período em que a sociedade reconhecia o surgimento dos prostíbulos como uma atividade decorrente do intenso fluxo populacional da cidade. São portanto, nessas circunstâncias que a descoberta desses espaços de liberdade e lugares de existência reforça o sentido literário regionalista ao executar a descrição dos elementos que constitui o seio social. A observação de Rodrigues Marques sobre o fluxo cotidiano da população, tornou-se elemento importante para a compreensão do enredo, a ideia de relatar os aspectos socioespaciais oferece ao leitor um imaginário da dinâmica do lugar que através das ações, falas e expressões tornou possível analisar as experiências e vivências dos indivíduos situados naquele âmbito.

Julieta em sua condição de protagonista, oferece ao enredo uma visibilidade dos dramas

vivenciados por mulheres que exercem a prática da prostituição. Sua chegada na Casa Amarela sinaliza a intensidade do fluxo migratório referente a busca por oportunidades e modos de sobrevivências. Mencionar a chegada de Julieta na cidade, suscita o destaque para os anseios da realidade de Maria Gorda, Esmeralda e Carmosina, todas oriundas de lugares distintos que adentram a cidade com objetivos semelhantes aos de Julieta, juntas realizam questionamentos passados, situações presentes e expectativas futuras.

O espaço pertencente ao enredo reforça a ideia de que o lugar constitui a existência humana, as relações cotidianas presentes dentro e fora da Casa Amarela permitem uma interpretação das vivências como um elemento de construção dos laços afetivos. O elo existente entre Julieta e Maria Gorda caracteriza conhecimento relevante das relações sociais, a cumplicidade de ambas referências no sentido de que a partilha de experiências qualifica a manutenção e permanência dos lugares habitados.

[...] Sempre se sentia bem na companhia de Maria Gorda. Maria Gorda passara a ser um espécie de sua família. Um dia chegou mesmo a confessar: “Você virou minha mãe, meu pai, minha irmã, meus amigos, minha cidade” ... Maria Gorda cortava essas palavras de Julieta pedindo uma bebida. “Dois conhaques”. Quando estava com dinheiro sobrando, batia na mesa: “Dois uísques” Julieta fazia sinal para que o garçom não trouxesse. Repetia: “Dois uísques. E do bom” (MARQUES, 1986. p. 52).

A permanência na Casa Amarela, provoca uma compreensão relacionada ao sentido da afetividade como um elemento relevante de análise comportamental dos personagens em todo o enredo. A afetividade entre Julieta e Maria Gorda é um aspecto marcante no início do enredo, pois as moças constroem uma união que em suas trajetórias existenciais tornou-se a base de manutenção e resistência para os desafios encontrados na cidade de Caxias.

-Maria Gorda, você me desculpe. Eu não sou boa aluna. Eu gosto de dizer o que eu sinto, fazer só o que me dá vontade. – Fez uma pausa fechou os olhos engraçada. Balançou o dedo no ar: - Ainda não estou bêbada, mas se eu beber mais um dedo de cerveja, vou confessar uma coisa para você que há muito tempo estou para confessar (MARQUES, 1986. p. 41).

Outro aspecto relevante é a influência que Maria Gorda oferece para Julieta, com os ensinamentos compartilhados, decorrentes de seu longo percurso de experiências relacionadas às práticas da prostituição. Entender e aceitar a realidade da Casa Amarela foi um elemento presente na vida de Julieta, pois pela observação, ela buscava em seus questionamentos compreender suas inquietações no tocante às prerrogativas do lugar e, encontrava nos aspectos do cotidiano e no comportamento dos frequentadores respostas necessárias para compreender as principais características do meio.

Julieta vivenciou momentos difíceis ao chegar à cidade. A construção identitária e de

pertencimento podem ser entendidas por etapas que têm em comum os desafios postos cotidianamente para apreensão de sua permanência em terra Caxiense. A moça era uma personagem expressiva, por suas falas e ações demonstrava sentimentos de angústias e insatisfações com relação ao comportamento dos indivíduos daquele espaço. Com base nesta abordagem é necessário destacar a relação afetiva existente entre Julieta e Madame, ambas encontravam na essência da Casa Amarela aspectos significativos para habitar e dividir experiências cotidianas.

Madame na condição de proprietária tinha como objetivo o acúmulo significativo de lucros e reconhecimento da pensão. Ela comandava as relações cotidianas com as moças que habitavam o lugar com o estabelecimento de regras de produtividade e de punições para os comportamentos tidos como contraditórios aos limites impostos para convivência. As atitudes da Madame provocavam, muitas das vezes, insatisfação nas mulheres que habitavam o prostíbulo. Julieta expressa as angústias com esse lugar de existência e a ausência de companheirismo e cumplicidade, como retratado no episódio do menino que ela e Maria Gorda levaram para a Casa Amarela.

- Foi o menino que quis acompanhar a gente, Madame Primeiro ele pediu para vir. A Julieta disse que não podia. Ele insistiu. Ralhei e ele ficou chorando na porta do restaurante. Quando a gente se espantou ele vinha seguindo nós duas de longe. Eu encontrava pra traz, lá vinha o diabo do menino acompanhando a gente. No lardo de São Benedito, já aqui pertinho, nós resolvemos: pelo menos aquela noite ele ficava aqui: Depois a gente devolvi ele.
- Pois tratem de levar esse menino daqui o quanto antes.
- A Julieta ainda está dormindo
- Acorda ela.
- Maria Gorda se levantou e disse:
- Pode deixar. Nós vamos levar de volta o diabo desse menino (MARQUES, 1986. p. 19).

O romance incorpora a experiência do autor com o lugar pela descrição da Casa Amarela ao expor sua sensibilidade na análise do comportamento e das relações de convivência presentes na sociedade. Diante disso as discussões que atravessam a afetividade na vida das personagens são elementos significativos a serem observados na trama, pois as relações cotidianas têm a capacidade de promover distinções de afeto entre os indivíduos. Nesse sentido, é importante ressaltar o elo existente entre Julieta e Dr. Armando, o vínculo amoroso presente na vida dos personagens caracterizava a permanência afetiva das moças que habitam e frequentam os espaços de prostituição.

Dr. Armando havia chegado cedo à Casa Amarela e agora reconhecia:
- Sabem de uma coisa, gente? Estou bêbado, bêbado, bêbado. Maria

Gorda olhou para Julieta e ambas ficaram sem saber o que ou fazer. Maria Gorda, por fim achou a solução:

- O senhor hoje dorme aqui. É melhor do que ir para casa nesse estado.

Dr, Armando levantou o dedo:

- Estou bêbado, mas não sou doido. Sou casado há vinte anos. Bagunço, trapaceio, forno, mas dormir fora... não durmo. Peço a alguém para ir buscar um carro de praça e vou-me embora (MARQUES, 1986, p. 33).

Dr. Armando pertencia a alta sociedade, era considerado um cidadão com influências significativas na cidade, conquistou respeito e admiração entre os populares e tornou-se um indivíduo familiar no convívio da Casa Amarela. A relação afetiva com Julieta caracterizou um percurso essencial para construção do sentimento de pertencimento da moça no lugar em que vive, pois através das dificuldades encontradas ao chegar à cidade, ocorreu uma aproximação decorrente do suporte necessário para sobrevivência, juntos desenvolvem um relacionamento amoroso, algo que garantia a Julieta a manutenção de sua existência e permanência naquele espaço.

Ora, a identidade cultural se manifesta num determinado território tornando lugar pela história de relação dos indivíduos com seu meio e os outros membros da sociedade, seu sentimento de pertencimento, o qual se constitui no mundo vivido, ou seja, o lugar onde acontecem as relações como meio, com outros indivíduos. É neste mundo vivido que o cotidiano acontece, as relações se processam, os conflitos ocorrem e são superados ou não (ROCHA e ALMEIDA, 2008).

Pela literatura é possível conhecer os costumes, o cotidiano e vivências de uma sociedade em temporalidades distintas, os diálogos, descrições e características permitem uma imersão em todo o contexto literário, é apresentado uma imagem do lugar e, conseqüentemente, uma aproximação dos aspectos que direcionam a existência dos indivíduos e suas relações socioespaciais. O romance Julieta Coisa e Tal viabiliza a interpretação da dinâmica espacial caxiense, a abordagem da categoria lugar oferece ao leitor compreensão das características naturais da cidade e sua influência no desenvolvimento da economia regional, as relações cotidianas atreladas às divisões de classes sociais, a influência da prostituição na construção identitária, o percurso migratório associado à dinâmica e realidade do lugar, e as vivências como um elo de partilhar experiências, emoções e sentimentos.

O mundo vivido seria, portanto, tudo aquilo que se desenvolve no espaço geográfico formado pelas pessoas, pelos objetos, pelas relações intersubjetivas e com as coisas, as instituições, os fluxos que levam mercadorias, ideias, pessoas, informações. Como atestam Rocha e Almeida (2008), este mundo vivido geográfico pode ser o de uma rua, de uma cidade

ou de uma paisagem.

É evidente que a criação literária mantém relações com a sociedade, a inspiração para compor poemas, poesias e romances são oriundos de observações e sensações que impulsiona o pensamento criativo a expor e discorrer sobre diferentes conceitos do espaço. Rodrigues Marques ao descrever a Casa Amarela se utiliza da escrita criativa para apresentar aspectos econômicos e sociais da época, e é com base nesta descrição e construção dos personagens que são atribuídos elementos necessários para argumentações e relatos da realidade do lugar.

Neste romance o autor evidencia as praças e igrejas como estruturas indispensáveis no contexto do enredo. As vivências incorporadas, os relatos e experiências que ocorrem nesses espaços, possibilitam uma compreensão sobre a influência religiosa na dinâmica social, encontrada nos espaços de lazer e devoção na capacidade de integrar pessoas com situações e interesses individuais. Outro ponto narrado, são os aspectos físicos da Casa Amarela, o recinto encontrava-se em situação desfavorável para habitação, com estruturas frágeis de madeiras que dividiam os cômodos, o que justifica serem as noites chuvosas como um fenômeno ameaçador para permanência dos integrantes e frequentadores do lugar.

A cerveja quente esquentava mais no copo. A empregada trouxe uma bacia e colocou-a no chão sob uma goteira. Disse que se tivesse de colocar bacia em tudo que era goteira não ficaria uma só nos cômodos das mulheres.

Olhando pela moldura da Janela os galhos agitados de um cajueiro, Julieta perguntou as horas para dizer alguma coisa.

- Nove.

- Hoje vai ser pior ainda do que ontem.

- Os homens estão aproveitando a chuva para chocar as mulheres em casa.

Julieta riu com as palavras da empregada e derramou a cerveja quente do copo na bacia da goteira (MARQUES, 1986. p. 7).

O narrador também chama atenção para os aspectos de infraestrutura do lugar, a rua da Areia, onde situava a Casa Amarela, ganha nomeação pelas características de seu perfil. Era a principal via de acesso para transporte de pessoas e mercadorias, na época era também conhecida popularmente como rua que direcionava para os cabarés.

[...] E se aquela chuva não parasse tão cedo? Os homens não iam deixar suas casas para enfrentar o aguaceiro e embarafustar no salão e nos quartos das pensões. Um ou outro motorista de caminhão, impossibilitado de continuar viagem, seria capaz de aparecer por ali, batendo com força nos ladrilhos as botas enlameadas, sacudindo a capa (MARQUES, 1986. p.7).

Conhecer os elementos que constituem o lugar caxiense pelo viés literário é uma etapa que promove a aproximação com tempo e espaço, na narração os lugares de existências ganham significados baseados nas vivências, as experiências dos personagens promovem uma apreciação dos aspectos que constituem o sentimento de pertencimento, o cotidiano oferece

sentido aos espaços de liberdade e as ações da temporalidade situam o leitor para compreender o processo de construção identitária.

Para formular uma ideia de configuração do mundo é fundamental se manter enquanto observador para que se estabeleça uma relação entre o observador e o observado. O meio ambiente, por meio de suas propriedades físicas, fornece as informações, e o observador, por meio de um sistema receptor visual, coleta essas informações, cujo registro lhe permite o conhecimento do mundo físico. É isso que nos coloca Oliveira (2017), ponderando que o espaço a ser considerado não é um simples vazio com três linhas que se conectam em ângulo reto, mas o espaço das habitações, dos caminhos, das regiões. É o espaço dos homens, um espaço percebido e vivido com fundamentos nas dimensões de altura, extensão e profundidade.

É no contexto dos registros da observação que a Casa Amarela é apresentada como um lugar significativo para o narrador. O sentido de vivenciar as ações do meio ocasionou a inspiração para recriar a realidade. Em *Julieta Coisa e Tal*, o modo de ser dos personagens expõe as práticas e costumes cotidianos por meio dos diálogos e da abordagem dos elementos essenciais para compreensão da dinâmica do lugar. A atitude de Julieta e do Dr. Armando ilustra.

Julieta disse que ia ficar um pouco do lado de fora do bar e aproveitando que ninguém se opusesse à saída da mesa, foi-se afastando lentamente para a Casa Amarela, carregando nos ouvidos as vozes das mulheres e a do Dr. Armando. Ele sempre repetia que não era bem um amante da poesia. “Sou um namorado velho da poesia”. Entre um gole e outro de uísque, declamava um poema de Gonçalves Dias. “Mas eu gosto mesmo é do Vespasiano Ramos”. Recitava “Samaritana”, vezes seguidas. Quando se esquecia de um verso, voltava, recomeçava (MARQUES, 1986. p. 53).

Dr. Armando precisou realizar uma viagem e, em clima de despedida, recitava poemas para as mulheres que estavam em sua companhia, a ação de anunciar sua partida causou em Julieta sensação de tristeza. A ausência da família e de Dr. Armando provocou um sentimento nostálgico em sua vida, a solidão parecia acompanhar sua existência, viver na pensão sem a presença do parceiro seria um desafio cotidiano. No entanto, é possível observar que os laços afetivos incorporam importantes elos na construção do sentimento de pertencimento, uma vez que é no convívio em sociedade que os lugares são ressignificados, os espaços transformados, e os indivíduos responsáveis pela construção de suas memórias e identidades.

A Casa Amarela, assentada em uma calçada de quase dois metros e meio de altura, à luz do dia parecia uma casa qualquer de família. Ao anoitecer, virava quase um palácio, como descrito na passagem da página 59 do romance. As luzes em excesso ampliavam seu destaque no meio das outras, iluminadas com lampiões ou com menor quantidade de lâmpadas. Logo

cedo, a radiola, no último volume, fazia o convite da noite. Meninos tocando burros lerdos eram os primeiros que apareciam, muito antes dos homens, vendendo barricas d'água (MARQUES, 1986, p. 59). No trecho citado o autor chama atenção para o sentido da percepção dos lugares, a consciência e sensibilidade de descrever a pensão e o cotidiano dos envolvidos estabelece uma compreensão da estrutura e dinâmica dos lugares de existência, com essa ideia de ouvir o cantar das radiolas e perceber as luzes em excesso desperta no imaginário do leitor um reencontro com o perfil da Casa Amarela.

Com essa descrição, acrescida dos percursos que fizemos nas ruas e locais do romance pela percepção dos entrevistados, procuramos uma aproximação com o objeto de estudo com a intenção de conhecer as memórias dos populares que acompanharam as vivências e estrutura física do prostíbulo. Esta foi uma etapa relevante da pesquisa para a compreensão das relações espaciais e apreensão da construção das identidades. Ao dialogar com os indivíduos que conheceram a Casa Amarela, o entrevistado 30 ressalta: *“Quando estava vindo de São Luís, que chegava na Rua da Areia, hoje avenida Central, eu observava aquela casa toda iluminada com luzes de várias cores piscando, eu achava aquilo muito bonito, pois chamava muito a atenção de quem passava na frente”*⁴. Com base nesse depoimento é possível perceber uma aproximação entre realidade e ficção, pois o indivíduo ao percorrer o espaço onde a pensão estava localizada, observa a exuberância e capacidade de atração na mesma intensidade que o autor descreve o lugar no trecho mencionado.

Com o incêndio do Ninho de Ouro, a Casa Amarela readquiriu a preferência dos homens e da Madame, incansável, procurava agradar à todos mandando buscar mulheres em Teresina e em São Luís, sem falar nas que vinham espontaneamente, de Codó, Coroatá, e Rosário e outras cidades mais próximas, pela fama da pensão. Num gesto de humanidade - que ela fazia questão de repetir a todo instante - acolheu na Casa Amarela mais da metade das mulheres do Ninho de Ouro. Mandou chamar, também, Madame e ofereceu os seus préstimos:

- Comadre, a Casa Amarela é sua. Você fique aqui até quando achar que deve ficar (MARQUES, 1986. p. 59).

A prática da prostituição é uma atividade que contribui com o fluxo migratório das moças que buscavam espaços distintos com o intuito de estabelecer vínculo afetivo e conhecer lugares com o intenso desenvolvimento econômico. A circulação de pessoas e mercadorias é um contexto pertinente no enredo, a cidade recepcionava diferentes histórias e experiências e os prostíbulos ganhavam reconhecimento por sua capacidade de atrair mulheres de outros estados e regiões.

- Eu vim em nome de Deus. Poucos padres aceitaram a minha missão.

⁴Avenida Central é um termo popular nomenclatura oficial é Rua da Independência.

Negaram pôr os pés nesta casa de mil pecados. Mas eu vim. A ideia partiu de mim mesmo. Vim porque é tempo de trazer mais ovelhas para o rebanho do Senhor. Muitas de vocês estão à beira do fogo do Satanás. Mas ainda é tempo de recuar. A minha visita não tem a finalidade de tirar ninguém da Casa Amarela. Pelo menos, de imediato. Sua proprietária vive do que a casa rende; vocês vivem do que ganham com o corpo...Quero, apenas, no momento, convidá-las a aparecer, uma vez ou outra, na igreja...Vou ficar em Caxias, pelo menos, uns seis meses...Tenho planos de abrir um curso de alfabetização...De dia...Em nada vai atrapalhar a vida de vocês. Além de aprenderem a ler e a escrever, vão se aproximando, cada vez mais de Deus. Aos poucos, redescobrirão o caminho do Paraíso. Deus é pai e é a salvação (MARQUES, 1986, p. 61).

Com essa descrição, reforçamos que o estudo da categoria lugar em um contexto literário, nos leva a um encontro com diferentes elementos e conceitos que constituem o espaço geográfico. Percorrer o romance *Julieta, Coisa e Tal*, foi ter a oportunidade de elencar diferentes aspectos que compõe o meio, a trama provoca no leitor uma análise de fatores atrelados ao regionalismo, desenvolvimento econômico, fluxo migratório, relações socioespaciais, dinâmica urbana, catolicismo entre outros conceitos.

A abordagem do catolicismo é um termo significativo observado na trajetória do enredo. Rodrigues Marques menciona as igrejas do Rosário e São Benedito (figura 9), localizadas na área central da cidade, como espaços de encontros e circulação de pessoas. A religiosidade é uma prática que influencia a história do lugar, a devoção caracterizava os costumes e atuações da sociedade, os encontros desenvolvidos pelas ações festivas era uma oportunidade de manifestar a fé e adoração, assim como atrair fiéis para as igrejas católicas.

Figura 9: Igreja São Benedito na década 1970-1980.



Fonte: Instituto Histórico Geográfico de Caxias-IHGC.

A visita do padre na Casa Amarela era uma atividade rotineira, no contexto dos costumes e valores da época. Era comum os integrantes das igrejas realizarem visitas nas boates e prostíbulo, com o objetivo de levar os princípios dogmáticos das religiões, ressaltando a ênfase do autor para com a religião católica. A Figura 10 mostra uma matéria do Jornal Pioneiro, confirmando a realidade caxiense e a inserção do padre e do pastor no romance.

A matéria realiza uma abordagem relacionada ao fluxo da prostituição a diferentes lugares, a reputação das mulheres que exerciam essa atividade, e a funcionalidade dos padres em conscientizá-las sobre os assuntos relacionados as suas atuações. No romance o autor relata a visita do padre a Casa Amarela, com o objetivo de inserir as mulheres ao caminho da religiosidade.

Figura 10: Destaque jornalístico ao contexto da prostituição.



Fonte: Jornal O Pioneiro 03/09/78. In: Instituto Histórico Geográfico de Caxias-IHGC

Chegamos aqui a uma recíproca cujas imagens deveremos explorar guiadas por Bachelard (2008): todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa. Nota-se, no decorrer da obra, como a imaginação trabalha nesse sentido quando o ser encontra o menor abrigo: observa-se a imaginação construir “paredes” com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção ou, inversamente, tremer atrás de um grande muro, duvidar das mais sólidas muralhas. Em suma, na mais interminável dialética, o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos.

Pensar os elementos que constituem a essência da palavra ‘casa’ é encontrar no conforto do seu significado a ideia de habitação, proteção e refúgio, é um imaginário que em seu sentido natural expressa a Casa como um espaço de representação e realidade humana. Os escritores ao situarem a casa e os aspectos relevantes para a construção da vida, encontram nas íntimas experiências fundamentos necessários para realizarem definições dos lugares de existências, muito embora, falar da ‘casa’ é ter a sensibilidade de expressar vivências com significados distintos, é o encontro de simbologias que expressam sentimentos topofílicos e topofóbicos, é a compreensão de sensações e emoções construídas na memória, individual ou coletiva.

Assim, a casa não vive somente o dia-a-dia no fio de uma história, as diversas moradas da vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradias, viajamos até o ‘país’ da infância, mortal, imóvel com o imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. Alguma coisa fechada deve guardar as lembranças deixando-lhes seus valores de imagens. As lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças de casa acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas o que sabe, a poesia perdida (BACHELARD, 2008).

O romance *Julieta, Coisa e Tal* oferece a oportunidade de conhecer diferentes maneiras de sentir e viver o lugar. É no espaço da Casa Amarela que se pode analisar a construção identitária dos indivíduos, a dinâmica do cotidiano, os enlaces afetivos e de pertencimento, e os fatores que constitui a memória e liberdade. Nessas circunstâncias a Casa Amarela no âmbito de suas vivências e integrações, proporciona aos envolvidos diferentes sentimentos e representações, sua dinâmica de ocupação caracteriza a realidade de homens e mulheres que construíram suas bases existenciais em lugares com práticas e costumes diferenciados.

Quando Julieta deixou o salão para ir dormir tinha a impressão de que a chuva havia dissolvido as pessoas, deixando em seu lugar, apenas, um vago rumor que, de longe, vinha do interior de um quarto. Ativou-se na cama, sem ao menos afrouxar a roupa, e entrou pela madrugada, de olhos abertos. De cada fresta parecia surgir a cara larga da Madame repetindo quantos dias de atraso havia, perguntando como é que ela ia se arrumar para liquidar a dívida (MARQUES, 1986, p. 8).

A simbologia da Casa para Julieta era algo diferente em relação a Madame, a moça habitava o prostíbulo com o intuito de solucionar as necessidades impostas pelos aspectos da sobrevivência, aceitar a realidade do lugar ameaçava sua permanência, pois os princípios e regras designadas pela Madame promoviam sensações de medo e angústia. Para Julieta experimentar aquele espaço seria uma etapa de desafios na vida. Para Madame a Casa ganhava uma outra dimensão. Na condição de proprietária ela desfrutava de momentos significativos para aquisição de lucros decorrentes das práticas de prostituição exercida por moças que habitavam a Casa, e rapazes que em suas visitas frequentes capacitava a manutenção e desenvolvimento econômico do lugar.

Maria Gorda estava certa: quando o vento deixou de assobiar por entre os galhos das mangueiras e dos cajueiros, derrubando flores e maturis, o céu foi recobrando o azul perdido havia vários dias, aos poucos, as mulheres foram saindo de seus quartos, os olhos inchados de tanto dormir, as caras pálidas do longo tempo sem pintura.

Maria Gorda entrava e saía, agitada, rindo com os olhos apertados, mexendo com uma mulher, mexendo com outra, acordando a Casa Amarela, como se ela fosse o próprio tempo bom, que de repente, voltasse (MARQUES, 1986, p. 10).

A casa para Maria Gorda ganhava um outro significado, o espaço vivido pela personagem era lugar de liberdade e diversão, compartilhar o cotidiano com Julieta e demais envolvidos, foi um período que contribuiu para sua construção identitária. Assim sendo, a existência e funcionalidade da casa desenvolve a ideia de integração. Maria Gorda era considerada veterana na Casa Amarela, a popularidade registrava a intensidade dos laços afetivos, suas experiências tinha o poder de superação de desafios, e as habilidades oriundas da temporalidade garantia sua manutenção nos espaços percorridos.

Outro personagem marcante é Mãe Amara. Ninguém sabia ao certo desde quando ela estava na Casa Amarela. As mulheres contavam que ela um dia apareceu e pediu um copo com água: bebeu a água e nunca mais deixou a pensão. A própria Madame costumava dizer que quando tomou conta da Casa Amarela já encontrou a velha no seu quarto nos fundos do quintal. Apesar de magrinha, tinha seios enormes, longos e pesados. Caçoava dela mesma:

“- Todo mundo carrega sua cruz nas costas; eu carrego a minha na frente”. Sabia do passado de todo mundo de Caxias. Não viessem elogiar quem não prestasse ou falar mal de alguém de sua simpatia que ela se transformava. As veias do pecado dilatavam, os olhos cresciam cheios de brilho, os lábios murchos não paravam: “Aquela peste é boa? É uma cobra”. Ou então: - “Não diga isso daquela criatura que não admito. Aquilo é uma santa (MARQUES, 1986, p.78).

Conhecer a história de Mãe Amara possibilita a compreensão da troca de favor existente no contexto do prostíbulo, ela ocupava um dos poucos espaços da pensão, na companhia da Madame e desenvolvia mecanismos de atração e manutenção de visitantes para conhecer a funcionalidade da Casa Amarela. Com essa ideia, a prática do favor é uma abordagem contextualizada no mundo literário. Escritores manifestam inquietações através de diálogos e narrativas, mencionando argumentações e conceitos referentes a essa realidade. No entanto, o sentido da casa para Mãe Amara seria um aspecto de resistência no lugar vivido, a ação de cuidar do prostíbulo e atender as necessidades dos sujeitos em atuação, teria como retorno a garantia de permanência e reconhecimento do espaço.

Dr. Armando ficou bocado de tempo calado depois desabafou como se só estivesse esperando o momento de explodir:

-Às vezes a gente pensa que está criando um filho..., mas está é criando uma cobra venenosa para ser picado...

Maria Gorda estava acostumada com o desabafo dos homens. Achava até que eles a procuravam mais para descarregar seus dramas do que para buscar seus

carinhos. Um dia disse para Julieta: “Acho que estou ficando velha, criando cara de mãe do mundo. Todo mundo que conheço, quando me paga, é para descarregar seus problemas” ... (MARQUES, 1986, p. 44).

No romance o autor enfatiza o sentido da casa como o lugar de sentimentos e espaços de liberdade, os personagens com experiências e personalidades diversificadas externam emoções e sensações vividas no cotidiano. Para Dr. Armando a Casa Amarela era um espaço de refúgio e diversão, a convivência com as moças que habitavam, em especial, Julieta e Maria Gorda, oferecia momentos necessários para a compreensão dos anseios da existência humana, ao encontrar no convívio do lugar o abrigo necessário para reconstruir ideias e pensamentos.

Nosso objetivo está claro agora. Continuamos com Bachelard (2008): é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que frequentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida.

Diante disso, cada personagem tem uma história relacionada à sua chegada e integração na Casa Amarela; as experiências qualificam comportamentos e atuações no espaço, é nas vivências que se inicia o processo de construção identitárias, o cotidiano desenvolve os laços afetivos, a casa abriga o sentimento de pertencimento, e as memórias tem a capacidade de reconstruir a temporalidade.

3.2 A CRÍTICA SOCIAL NO ROMANCE JULIETA COISA E TAL

As discussões relacionadas sobre a crítica social no romance viabilizam a necessidade de realizar uma abordagem referente as questões de gênero e, é com esse olhar geográfico que buscamos na literatura conhecer a realidade da mulher e alguns de seus desafios vivenciados na sociedade. Nesse sentido, ressaltamos que as imagens construídas dos corpos femininos no viés literário, proporciona aprofundar conhecimentos sobre a submissão da mulher em diferentes situações impostas pela sociedade, os desafios vivenciados pelo corpo como produto e o lugar como elo de construção afetiva e identitária.

Através do romance *Julieta, Coisa e tal*, Rodrigues Marques permite à geografia conhecer a realidade de Mãe Amara, Maria Gorda, Carmosina, madame Esmeralda, Madalena, Elisabeth, Helena, Ernestina, Rosária, Etelvina e Julieta – todas, mulheres com histórias de vida

diferenciadas que nos possibilita entender o sentido e significado dos corpos femininos na realidade de seus lugares de existência.

A abordagem de gênero na obra varia de acordo com a personagem, o momento no qual ela vive, as circunstâncias e o contexto (CASTRO,2015). No romance em estudo, a abordagem nos possibilitou compreender os desafios e atuações das mulheres que vivenciam o exercício da prostituição. No percurso do enredo, o autor menciona o passado e os lugares de nascimento ou proveniência de algumas dessas mulheres, realiza uma descrição das ações e atuações do meio, expressa o comportamento cotidiano do lugar caxiense, provoca o leitor a interpretar os motivos que as direcionaram para prostituição, enfatiza a ideia do corpo como produto, assim como o sentido e significado do lugar.

A representação feminina na literatura com ênfase nas práticas da prostituição ganha uma descrição em romances literários pela a observação de muitos autores para a atuação dessas mulheres proporcionava inspiração para relatar vivências e experiências, como mostra o Quadro 1. Analisar a atenção dos escritores para a construção da vida cotidiana, é um elemento importante para o conhecimento da categoria geográfica lugar, nos enredos é possível perceber sempre onde as ações acontecem, existe um lugar de atuação em que as construções identitárias ganham significados individuais, para algumas dessas mulheres o lugar é passageiro, não proporciona emoção e apego, para outras o lugar ganha a simbologia afetiva que através do curso da temporalidade aprofunda as raízes da construção do sentimento e de pertencimento.

Quadro 1: Mulheres prostitutas em algumas obras literárias brasileiras entre 1862 e 1986

OBRA	AUTOR	DATA	PERSONAGEM
Lucíola	José de Alencar	1862	Lúcia
Memórias Póstumas de Brás Cubas	Machado de Assis	1881	Marcela
O Cortiço	Aluísio de Azevedo	1890	Pombinha e Léonie
O Bom Criolo	Adolfo Caminha	1895	Dona Carolina
Seara Vermelha	Jorge Amado	1946	Marta
Pastores da Noite	Jorge Amado	1964	Otália
Beira Rio Beira Vida	Assis Brasil	1965	Luíza e Cremilda
Teresa Batista Cansada de Guerra	Jorge Amado	1972	Teresa
Tieta do Agreste	Jorge Amado	1979	Tieta
A Polaquinha	Dalton Trevisan	1985	Polaquinha
Julietta, Coisa e Tal	Osmar Rodrigues Marques	1986	Julietta, Maria Gorda, Carmosina, Madame Esmeralda, Madalena, Elisabeth, Helena, Ernestina, Rosaria, Etelvina.

Organização: AZEVEDO, A. C. Nunes, 2023.

O quadro realiza uma demonstração de obras literárias cujos corpos femininos são representados em diferentes espaços e tempo, as personagens mencionadas são mulheres atuantes no exercício da prostituição e, os autores ao escrever sobre seus corpos procuram identificar seus comportamentos e ações dentro do meio. As imagens construídas pelo narrador permitem uma aproximação da realidade vivenciada por essas mulheres, o lugar é sempre o ponto de partida para a construção das experiências e significados dos espaços e indivíduos, os diálogos e práticas cotidianas provocam o leitor a perceber que a simbologia das localidades são oriundas de inúmeros enlaces afetivos.

O corpo como primeira forma de visibilidade humana desperta interesses, teorias e interpretações em diferentes áreas do conhecimento. Da medicina às artes, da biologia à cultura, multiplicam-se explicações quanto aos seus aspectos anatômicos, étnicos e estéticos. No campo natural e biológico, o corpo físico é dado como materialidade finita. Ainda assim, para além de seu caráter biológico, o corpo humano sobre interferências ideológicas, culturais, religiosas, políticas, assim como gênero, raça e classe, entre outras. (SALES,2012)

A corporalidade feminina em uma abordagem geográfica atrelada ao romance em estudo possibilita questionar o corpo para além da realidade física e estrutural. Este pode ser associado a análise comportamental e personalidade dos indivíduos no cotidiano da Casa Amarela, trazendo para o contexto da percepção do lugar as diferenças e ações do meio. Nessa perspectiva, Maria Gorda ganhava uma visibilidade de mulher divertida e determinada, Carmosina poderia ser caracterizada como sistemática, madame Esmeralda sinalizava dureza e ambição, mãe Amara inquieta e detalhista, enquanto Julieta simbolizava resistência e determinação.

Neste âmbito, no seio das representações literárias, a nomeação dos indivíduos pode ser substituída pelas estruturas do corpo e, assim, a mulher ganha reconhecimento no ambiente vivido apenas com os aspectos estéticos da corporeidade. Visto que no percurso do romance *Julieta, Coisa e tal* a personagem Maria Gorda não conquista identificação do nome, em todo o enredo apenas o físico viabiliza conhecer sua existência e ações no lugar

Ainda não era bem de noite, quando a mulher bateu palmas na porta da Casa Amarela e, como não soubesse o nome de Maria Gorda nem de Julieta, procurou meios de identificá-las. Explicou para Carmosina:

-Uma mulher bem gorda, assim de gorda, deve pesar muito mais de cem quilos. A outra tem os cabelos lisos, usa uma espécie de pastinha, bonita como uma índia.

Carmosina perguntou o que que a mulher desejava.

- Vim por causa do menino.

- É seu filho?

- É meu filho. Desde que elas o trouxeram pra cá que o diabo não fala noutra coisa a não ser nelas. – Impaciente, perguntou: - A senhora sabe de quem estou

falando, não sabe?

- Acho que sim. Das duas, apenas uma ainda está aqui.

- A gorda?

- Não. A magra. De cabelos lisos.

- E a outra?

Carmosina apertou o chaveiro entre os dedos.

- A gorda morreu.

Só nesse instante pareceu que o menino se interessasse pela conversa. Os olhos brilham de susto. A mulher indagou:

- A gorda? A que parecia uma leitoinha?

- Essa mesma.

O menino abaixou a vista e não levantou mais os olhos para a mãe e para Carmosina.

- Doença ruim?

- Não. Ela se matou com fogo. (MARQUES, 1986.p. 80)

A descrição do corpo feminino pode referenciar sentidos e significados diversos, a personagem Maria Gorda ao ser comparada com a estrutura física de um animal, poderia elucidar pensamentos pejorativos se consideramos o atual contexto social, assim como intensificar a ideia de negação dos corpos quanto a estrutura e padrões exigidos. Julieta também é identificada pela estrutura da corporeidade, o cabelo liso e aparência indígena qualifica a associação de características étnicas e raciais no contexto dos elementos históricos e geográficos da população brasileira.

Em decorrência da própria representação, a identidade e a diferença passam a existir, ganham forças e se consolidam no interior de uma dada sociedade, determinando o lugar de posição e de discurso do indivíduo dentro do meio social no qual está inserido, sendo elas subordinadas as relações de poder. Esta característica contribui para ponderação e compreensão do modo como as identidades e os corpos respondem e se reconfiguram diante dos discursos ideológicos de poder proferidos pela sociedade no romance tomado com base para análise (ROSSINI, 2014).

Associado ao pensamento de Rossini é possível compreender os aspectos do mundo vivido como alguns dos elementos que validam o processo de construção identitária das mulheres que habitavam a Casa Amarela, vulneráveis as condições de submissão e poder as moças estavam inseridas na obrigatoriedade de atender as imposições da madame e dos rapazes que procuravam a pensão para estabelecer momentos de diálogos e diversão. As identidades construídas no lugar caxiense permitiam dimensões diversificadas a individualidades de cada integrante, os corpos femininos configuravam o significado de pertencimento ao percurso das experiências e vivências cotidianas.

As pensões da Rua da Areia eram as mais favorecidas com toda a preparação para o carnaval. A Madame, na Casa Amarela, mandou enfeitar todas as paredes com máscaras e

figuras geométricas e traçou serpentinas em todas as direções do salão. As raparigas compravam folhetos com as marchas e os sons de carnaval e, de tarde, cantarolavam, decorando as letras. O povo de Caxias adotou a ideia do pessoal de São Luís: trinta, quarenta, cinquenta rapazes e moças fantasiados escalavam uma casa e a invadiam com músicos e tudo, ali dançando até o amanhecer. Era o que chamavam de assalto. “Vamos assaltar, hoje, a casa de fulano”. (MARQUES, 1986. p.26) Os momentos de diversões caracterizam a essência dos prostíbulos, oferecer entusiasmo aos frequentadores dos estabelecimentos são estratégias de atração a um quantitativo significativo de homens e mulheres para obtenção de lucros e construções afetivas.

Falar da mulher no âmbito do corpo como produto é, necessariamente, um levantamento de inúmeros questionamentos relacionados a submissão, violência, condições de habitação, sobrevivências, entre outros elementos que são experienciados por mulheres que exercem a prática da prostituição. Pensar a realidade desses corpos pelo viés literário é encontrar no aporte dos diálogos relatos e manifestações dos problemas e condições impostas pela sociedade, através do romance o narrador ganha a liberdade para expor suas observações e enquadrar o perfil cotidiano das mulheres inseridas nesse contexto.

Entender a realidade vivenciada por Julieta e demais moças que habitavam na Casa Amarela, oferece a compreensão do corpo feminino como uso e apropriação, as mulheres ao exercerem as atividades de prostituição tornam-se vulneráveis as diversas situações de violências, nesse sentido afirmamos que a realidade de um período construído no passado teve a oportunidade de permanecer e resistir a temporalidade. Rodrigues Marques escreve: Muitas humilhações tiveram que aguentar até chegar àquela espreguiçadeira. Até na cara apanhara um dia. Um bêbado quase a furou com uma faca porque ela não concordara em dormir com ele [...] (MARQUES, 1986. p.96).

As prostitutas seriam donas de seu destino, e, por isso, teriam a liberdade para ampliação do seu espaço de circularidade? Pode-se afirmar que essas senhoras, apesar de todas as adversidades e riscos do seu ofício, podem ser seletivas tanto do ponto de vista dos lugares onde frequentam, quanto do ponto de vista dos clientes que atendem (CASTRO, 2015).

Trazer o pensamento de Castro para a realidade da Casa Amarela oportuniza perceber a ausência da seletividade das moças que viviam naquele lugar. Julieta e Maria Gorda questionavam as imposições da Madame sobre o retorno significativo e obtenção de lucros. Observando seus corpos como produto do meio, as mulheres expressam angústia e solidão ao compreender que as práticas de prostituição têm a capacidade de aprisionar a liberdade de escolha.

Cuidado para não gostar de ninguém. Cuidado para não pegar filho. Nesta vida se você

pegar filho, está perdida. Não há nada que prenda mais o rabo de uma mulher que um filho. E não tem homem que queira compromisso com mulher que tenha filho de outro... (MARQUES, 1986, p.11) Maria Gorda pode ser considerada a mediadora da permanência e construção de Julieta no espaço da Casa Amarela, pois o direcionamento a sua companheira aos desafios oferecidos pela prostituição é um elemento marcante no enredo; os conselhos e exposições de suas experiências foram a base para o encontro e atuação de Julieta no prostíbulo.

“A gente aqui não pode rejeitar ninguém. Além do mais ele é um dos grandões de Caxias. Se a madame souber... se ele falar com a Madame – é bem capaz de mandar você embora. Aos poucos iam trocando confidências, tomando confiança.” (MARQUES, 1986.p.12) Maria Gorda categoriza a mulher que observa o comportamento dos indivíduos ao meio, a personagem conhecia a personalidade e atuação dos habitantes e frequentadores da Casa Amarela, reconhecendo a ausência de sensibilidade da Madame explica a Julieta às necessárias submissões de sua profissão, enfatizando a importância de movimentar o exercício de suas funções e, conseqüentemente, alcançar um perfil de lucratividade designado pelas imposições do lugar habitado.

“O Dr. Armando – dizem é um mão aberta. Quando ele se enrabicha por uma mulher, ela vira rainha. Dá de um tudo. Só da presente que não tem em Caxias. Conheci uma rapariga amigada com ele. Quando ela ia ao centro, até a mulher do prefeito ficava com inveja dos trajes dela. Dizem que ele mandava buscar vestidos feitos no Rio e em São Paulo...” (MARQUES, 1986.p.12). Julieta parecia não encontrar simbologia para atuação, Maria Gorda buscava demonstrar a jovem que a prostituição era uma prática que envolvia critérios de aceitação como compreender a personalidade e perfil dos homens considerados clientes era um desafio necessário para o alcance de objetivos individuais.

O elemento relevante a ser trabalhado nesse discurso é a crítica social sobre as moças que exerciam o ofício da prostituição, durante esse período a sociedade tecia críticas severas as mulheres que trabalhavam e moravam em ambientes de prostituição, elas eram vistas pela população como moças que não tinham referências sociais significativas, como também eram vistas apenas um objeto físico.

Era verdade: não conhecia mesmo Caxias. Conhecia somente a Rua da Areia, meia dúzia de outras, os becos mais próximos, umas duas praças. Da praça Gonçalves Dias tinha uma lembrança muito triste encravada na alma: assim que chegou de Imperatriz, deu vontade de sentar num banco do jardim para ver as moças e os rapazes passando, os namorados repetindo o mesmo percurso horas seguidas. Um guarda a expulsou da praça. – “Mas eu estou só apreciando. – Seu lugar é lá na zona”. – “Mas eu não estou fazendo nada demais, só olhando” O guarda a arrastou pelo braço e a deixou no largo da igreja do Rosário. – “Agora suma. A praça Gonçalves Dias é lugar de moça e

não de rapariga igual a você”. (MARQUES, 1986. P.45)

A Praça Gonçalves Dias (Figura 11) era um espaço de inspiração para inúmeros poetas e romancistas. Rodrigues Marques traz esse espaço para o romance ao realizar uma abordagem das críticas oferecidas às mulheres em exercício de prostituição menciona a ação do guarda ao expulsar a jovem do banco da praça, enfatizando a negação de direito a frequentar aquele espaço de intenso fluxo populacional.

O autor realiza uma provocação relacionada as condições sociais impostas no período em que se passa o romance, as mulheres recebiam valores morais baseados na atuação e comportamento no ambiente populacional, ser prostituta na época não garantia o direito de ocupar todos os espaços, e a inserção dessas mulheres em alguns lugares públicos e elitizados proporcionava sentimentos de vergonha e ausência de respeito aos padrões sociais. Trazer essa discussão para o enredo foi uma oportunidade de realizar uma demonstração das condições que as mulheres prostitutas vivenciavam, mencionar as angústias, medos e rejeições de Julieta que, ao chegar a Caxias, manifestou inquietações ao estilo da época.

Nós mulheres somos assombradas desde a mais tenra idade com a denominação de ‘putas’, tal como expõem Przybysz e Silva (2019). Esta qualificação, quase que exclusivamente atribuída às mulheres, faz parte da força cultural do controle dos corpos femininos. Não raras vezes, recebemos esta qualificação de forma tão prematura que, muitas vezes, não sabemos exatamente seu significado. Mas, certamente sentimos o peso simbólico da discriminação que ela carrega.

“Maria Gorda e Julieta – as sombrinhas coloridas abertas por causa do sol do meio-dia, atravessaram o largo de São Benedito e tomaram o rumo ao centro. Os homens passavam por elas com aparente indiferença, sem um cumprimento, um aceno. Era como se nunca tivessem se fartado nas suas carícias, dormido nas suas camas ou redes. Um ou outro ainda arriscava um piscar de olho discreto, cúmplice. E elas cochichavam e às vezes Maria Gorda liberava sua gargalhada espalhafatosa, cínica, e contava um caso engraçado acontecido com algum dos homens encontrados pelas esquinas. Depois colocava a mão na boca procurando estancar a gargalhada e era como se a mão na boca “dessa mais corda” a ela” (MARQUES, 1986. p.20).

Figura 11: Praça Gonçalves Dias – Caxias-MA em 1970/1980.



Fonte: Instituto Histórico Geográfico de Caxias-IHGC.

Nas representações literárias existe a necessidade de descrever os fatos e as vozes dos personagens, o autor ao relatar o comportamento dos homens ao encontrar Maria Gorda e Julieta pelas ruas da cidade, chama atenção para o significado dos corpos femininos, mas como objeto de desejo sexual, e traz para o contexto do enredo a realidade vivenciada por mulheres em exercício de prostituição. Não reconhecer as moças fora do ambiente da Casa Amarela caracteriza o perfil dos homens da época, que embora tivesse vínculo aos corpos dessas mulheres, necessitava de demonstração às posturas impostas pela sociedade.

A relação entre corpo e geografia é certamente um caminho produtivo que poderá contribuir para compreensão da relação entre espaço e o ser humano. Certamente, o corpo não é algo que pertence ao ser humano, mas é o próprio ser, que ganha existência social por meio da experiência corpórea. O corpo é também lugar onde um ser humano desenvolve a noção de limite com os outros seres e a forma que esse corpo se apresenta e, ao mesmo tempo, é percebido pelos outros, varia de acordo com o espaço e o tempo que compõem (SILVA,2013).

Então minha filha, nossos caminhos se separam aqui. O que eu podia fazer por você, já fiz. Não posso, também, me arriscar a perder a família e meus amigos, entrando e saindo do seu hotel, em pleno centro de Caxias. Aqui, afastado, até minha mulher sabia da nossa ligação. Mas era como ela mesmo dizia, sempre que alguém ia contar qualquer coisa: “O que os olhos não veem... o coração não sente” ... Seria muita falta de consideração com minha família fazer um

negócio desses... (MARQUES, 1986. p.92). É com esse pensamento que Borba qualifica prestígios às imposições sociais, manter Julieta distante da área central da cidade, seria uma alternativa para proteção a imagem de um homem que vivenciava um relacionamento amoroso com uma mulher atuante na prostituição, no entanto garantir a aparência de fidelidade ao bojo familiar seria um relevante comportamento para a época.

As experiências das moças que habitavam a Casa Amarela eram constituídas de diferentes vivências e saberes, as mulheres ao percorrer as ruas da cidade eram recepcionadas com olhares e comentários preconceituosos. O comportamento da sociedade em relação aos corpos dessas moças, proporcionava sentimento de rejeição, na efervescência das aflições manifestavam pensamentos e ideias em defesa de sua dignidade, alegando não ser responsáveis pela ausência de assistência familiar dos homens que procuravam satisfazer seus anseios no curso de suas profissões.

Uma outra abordagem relevante para essa seção é a responsabilidade da família na construção social de Julieta, a personagem experienciava inúmeros conflitos no convívio familiar, que em seu sentido original a família pode estar relacionada a um lugar de abrigo e fortaleza, um espaço que faz da união e fraternidade, o berçário de grandes etapas da vida humana, uma partilha que tem a capacidade de contribuir para evolução e crescimento individual.

As pessoas de Imperatriz, de sua rua – mesmo as que só de raspão passaram por sua vida, vez ou outra, surgiam naquela lenta procissão. A cadela Suzi arranhava seu pensamento, constantemente. Chegava, às vezes, a improvisar com os dedos um gesto de afago. Mas, de repente, recolhia a mão cheia de anéis baratos e terminada em longas unhas pintadas com esmalte escuro. (MARQUES, 1986. p.7)

Julieta era oriunda da cidade de Imperatriz, também localizada no estado do Maranhão. A jovem migra para Caxias com o objetivo de conquistar recursos financeiros e alcance de novas expectativas. A jovem relatava para Maria Gorda que vivenciava inúmeras divergências na família, o comportamento severo do pai e as implicâncias do irmão ameaçavam diariamente sua permanência no lugar que se encontrava enraizado suas identidades e laços afetivos.

“Quantos anos deveria ter agora o irmão caçula? Cuspiu a baba com gosto de hortelã no rego do quintal e se convenceu que não sabia que idade teria agora. Mas se lembrou com amargura das últimas palavras do irmão antes de morrer.” (MARQUES, 1986.p.13). Nos momentos de solidão Julieta buscava em seu imaginário as lembranças vividas em Imperatriz, questionar o passado familiar fazia com que a jovem tivesse pensamentos sobre as transformações desenvolvidas pela ação da temporalidade.

Jesus e Léda (2020) nos diz que, a literatura toca os extremos, situada entre o singular e o universal, desnuda lugares, paisagens, relações humanas tecidas em cada fio diário. Pelo prisma da geografia, informações e representações, nas linhas e entrelinhas dos romances, se revestem de geograficidade que leva a perceber lugares e paisagens de outras maneiras, lendo-os de modo mais fecundo. É com base nesse pensamento que encontramos no romance a oportunidade de conhecer o universo da vida de Julieta, entender as vivências anteriores.

A Casa Amarela auxilia na compreensão dos motivos que a levaram para a prostituição. Perceber a dinâmica dos lugares e as relações humanas na sociedade é um objeto de estudo geográfico, pois é pelo viés da ação dos indivíduos no espaço, que conseguimos identificar o sentimento de pertencimento e relações identitárias.

Agora podia mesmo decidir a fazer a carta para o pai ou a mãe, tantas vezes iniciada e tantas vezes rasgadas. E, às vezes, só rascunhada no pensamento. Na Casa Amarela, quase todos os dias, prometia a ela mesma escrever para a família em Imperatriz. Quase nunca procurava o papel e a caneta. Com o correr do tempo, compreendeu que, no fundo, não tinha nenhuma vontade de dar suas notícias. Arranjava desculpa: - “Quem sabe, mais tarde, quando eu sair desta vida”? Nunca escreveu. Continuaram adiando a remessa de carta por muito tempo. Sabia lá se aquela aventura de abrir um hotel ia dar certo? (MARQUES,1986. p.97)

Em toda sua existência na Casa Amarela, Julieta ocultava para a família o exercício de sua profissão, as cartas escritas para a mãe, que permanecia em Imperatriz, expressavam nas entrelinhas as angústias e desafios provocados pela prostituição, recuar ao perfil severo do pai seria uma alternativa de proteção a realidade de suas vivências. Ao dialogar com Maria Gorda, Julieta responsabilizava a família pelo direcionamento ao ofício da prostituição, com lágrimas de (re)sentimentos atribuía aos sermões do pai e implicâncias do irmão, os motivos principais para seu distanciamento do seio familiar, memorizava os acontecimentos e percursos de sua existência, em momentos de aflições procurava compreender as dificuldades encontradas dentro da prostituição. Habitar a Casa Amarela sempre foi uma etapa de resistência após sua chegada, mudar o estilo de vida era seu principal objetivo, e a ausência da voz fanhosa da mãe e admiração da irmã era sua maior saudade em dias de profunda solidão.

3.3 O ANTES E DEPOIS DE JULIETA

A trajetória de Julieta é um percurso significativo para extrair do mundo literário elementos que compõem o contexto geográfico, com ênfase na vida da protagonista é possível discutir fatores associados a migração, prostituição, lugaridades, pluralismo das expressões identitárias, diálogos fenomenológicos, habitação, empreendedorismo e pertencimento. Levantar essas discussões no seio de uma pesquisa geográfica evidencia o conhecimento do elo existente entre as duas ciências, que em sua individualidade fornece argumentos necessários para conhecer a dinâmica e construção dos lugares.

A chegada de Julieta na cidade é a etapa que evidencia as ideias gerais do romance, o autor inicia a trama com o relato da protagonista da simbologia e sentimentos relacionados a casa, mostra que é na ausência do abrigo familiar que a moça recorda a relevância dos laços afetivos e expressa sentimentos e emoções ao rememorar suas origens e perceber os desafios oriundos da ação do fluxo migratório.

Aquela chuva aumentava a saudade e de novo, trazia a casa de adobe e chão de terra batida, que até pouco tempo, guardava sua paz e seu desconhecimento dos travos da vida. Trazia o olhar severo do pai; a voz fanhosa da mãe: fecha as janelas, Julieta, se não esta casa vai virar um tanque; a implicância do irmão; a admiração do irmão mais novo: você é muito bonita, Julieta, parece uma artista de cinema. E ela ria: mas eu vou ser uma artista de cinema. Um dia você vai me ver no Rex beijando o Tyrone Power (MARQUES, 1986. p. 7).

É no espaço da Casa Amarela que se inicia a construção de sua existência no lugar caxiense, os desafios encontrados em sua nova habitação exigiam de Julieta sabedoria para administrar a realidade imposta pela prostituição, as relações de trabalho necessitavam de diálogos e simpatia para em troca elevar o crescimento econômico pessoal e local, nesse sentido podemos constatar que o espaço oferecia a Julieta a capacidade de ressignificar o lugar e a vida.

A experiência espacial é também uma condição da *práxis*, em virtude de todo indivíduo, ao se reconhecer enquanto parte integrante do meio, ao identificar sua condição intrínseca de intencionalidade; compreende que viver é essencialmente criar e transformar, e por meio da capacidade, advinda do conhecimento científico ligado pela geografia, da cognoscibilidade do mundo e de seus fenômenos dinâmicos, do trabalho humano como eterno transformador do espaço, proteja-se sobre o mundo pelo signo de polis, pela condição de agente transformador. Então, o indivíduo recebe incentivo do mundo ao vivenciá-lo, para nele se reconhecer, e estimular, por sua vez, o mundo que vivencia para ajudá-lo (CIRQUEIRA e SPOSITO, 2019).

A geografia pode pensar o lugar para além de sua estrutura material, o lugar aprecia

diferentes situações e realidades que são construídas aos anseios de viver e experimentar. A trajetória de Julieta e demais personagens concede o sentido do lugar em seus aspectos individuais e coletivos, embora os indivíduos encontrem a necessidade de habitar o mesmo espaço, a maneira de sentir e pertencer ganha dimensões distintas, logo o percurso do enredo convida o leitor a perceber a função do lugar para a vida do escritor, a realidade favorece a construção imaginária, que em uma abordagem literária disponibiliza a geografia o suporte necessário para o conhecimento da dinâmica do lugar caxiense.

Maria Gorda dizia sempre que a zona era de areia movediça: quem nela pisasse não teria outro recurso se não se afundar mais e mais: Apesar disso, frágeis esperanças persistiam em Julieta. Não seria possível que ninguém - uma só mulher que fosse-conseguisse, com força de vontade ou com ajuda de alguém, um homem bom, abandonar aquela vida. E as madames nunca mudavam para melhor? Nunca conseguiam sair para uma vida mais digna? Perguntas enrolavam em perguntas e quanto maior ficava o novelo delas mais a noite parecia crescer também, a manhã quase inalcançável (MARQUES, 1986. p. 38).

Julieta encontrava em Maria Gorda o apoio para sua existência na Casa Amarela, o companheirismo era observado através do laço afetivo no convívio do lugar, as vozes de suas memórias e experiências direcionavam Julieta a realidade do espaço vivido, enfatizando que as práticas de prostituição não teriam a capacidade de oferecer estabilidade financeira e que o privilégio de crescimento econômico estava consolidado apenas aos proprietários que encontrava em suas ações oportunidades significativas a aquisição de lucros.

E por ser membro de um ou de vários grupos, em uma sociedade em um dado período, que seus escritos têm um valor e pertinência social de denúncia ou de celebração, conforme o caso. O autor é, antes de tudo, um indivíduo em um contexto de determinações sociais e geográficas que condicionam sua visão e representação de mundo. A representação de mundo na literatura refletiria de fato com as condições sociais que prevaleceram na produção literária. O imaginário está condicionado pela realidade das desigualdades sociais e pela classe social do autor, os quais são aspectos essenciais para compreender o mundo representado na obra (ALMEIDA, 2010).

Observamos os elementos socioeconômicos e espaciais da cidade que Rodrigues Marques encontra inspiração para construir o imaginário do lugar habitado, e constatamos que é no contexto da Casa Amarela que o autor percorre as ruas da cidade descrevendo seus fatores estruturais associados a dinâmica do lugar, questiona a realidade das classes sociais, enfatiza os aspectos da economia local, adentrando a realidade dos prostíbulos da época, espaço onde encontra Julieta, uma jovem migrante que despertou em seu imaginário o desejo de relatar sua

existência.

Estava amanhecendo e Julieta se preparava para dormir, quando ouviu um barulho estranho no quarto de Maria Gorda. Chamou por ela duas ou três vezes. Como não obtivesse resposta, bateu seguidamente na parede de madeira. De repente um clarão imenso iluminou os dois quartos e um grito de animal ferido pareceu inaugurar a manhã. -Maria Gorda. O que está acontecendo?

-Fuja. O fogo pode passar para o seu quarto.

-O que você fez, mulher de Deus?

-Agora é tarde. (MARQUES, 1986.p.46)

A ação de perceber o comportamento dos indivíduos nos lugares de convivência, é uma questão trabalhada pelo escritor ao discutir as atitudes de Maria Gorda na Casa Amarela, os integrantes que dividiam o mesmo espaço estavam atentos as diferentes atitudes da personagem, suas ações expressavam tristeza e solidão, a casa parecia perder simbologia, o cotidiano desconstruía a afetividade, e o percurso dos dias distanciava o sentimento de pertencimento do lugar caxiense.

O suicídio de Maria Gorda foi um momento de dor e euforia para os integrantes da Casa Amarela, em especial Julieta que encontrava no afago da companheira a essência da afetividade, na partilha das vivências a acolhida para trilhar a dinâmica do lugar, e nas experiências o direcionamento necessário no percurso dos desafios impostos pela prostituição.

No contexto do lar, isso se manifesta com particular intensidade. Por se tratar de um lugar no qual perpassa a dimensão do coletivo, o projeto de individuação do sujeito conecta-se à maneira pela qual ele é arquitetado. Na sua perspectiva pessoal, constrói-se por meio da percepção e imaginação fundamentada na corporeidade que dinamiza lógicas de existência. Sentimentos e emoções se aglomeram de forma a abordar uma trama íntima que dá substância ao lar (SOUZA JUNIOR e ALMEIDA, 2020).

- Luto a gente guarda é no coração. Não adianta ninguém se vestir de preto se não estiver sentindo nada na alma. Meninas, quero ver todo mundo, hoje, no salão. Maria Gorda, onde estiver, vai compreender que isto aqui é uma casa de alegria não uma funerária, uma capela. Julieta, ponha um vestido bem bonito. – Batia palmas, agitada: - Elizabeth, quero ver você hoje linda como uma miss. Carmosina, alegria. Você precisa aprender a sorrir. Meninas, a bebida do jantar, hoje.

Julieta balançou a cabeça e comentou com Carmosina: -A gente não vale nada mesmo neste mundo. (MARQUES, 1986. p. 49).

O comportamento da madame ocasionou admiração nos integrantes da Casa Amarela, o retorno precoce das atividades provocou críticas e aflições, assustada com a ação da proprietária, Julieta certificava que a prostituição tinha a capacidade de explorar até os sentimentos de tristeza da existência humana. Envolvida pela realidade da Casa, Julieta

encontrava dificuldades para superar a partida de Maria Gorda, aceitar a ausência de sua companheira seria romper o sentido e significado do lugar, o espaço não expressava mais alegria, a solidude tornou-se aliada, pois em seu consciente encontraria Maria Gorda apenas na memória e recordação da existência de sua eterna parceria.

No entanto, a sociedade se dá sempre na relação do indivíduo com o grupo, e nesse ponto está contida a ideia de lugar como lócus das realizações da vida. Nessa relação dos indivíduos entre si e uns com os outros é que se dá experiência geográfica do nós, o fenômeno do estar junto, da copresença, no qual por sua vez estimula o impulso racional-emocional presente na ação poética, bem como a tomada de uma consciência crítica-existencial que é uma consciência do ser-no-mundo revelada sempre por uma consciência do lugar. O lugar é o local do encontro, o local do eu-empírico (GOMES JÚNIOR, 2016).

É com base no pensamento de Gomes Junior que associamos a realidade do romance *Julieta, Coisa e Tal*, com relação a ideia do lugar. Dessa forma, a casa é o espaço onde os encontros acontecem, o sentido da razão e emoção é percebido nas ações de Maria Gorda ao relatar a Julieta suas experiências, a união entre as moças e frequentadores simboliza o sentido de viver em grupo, as visitas de Dr. Armando prioriza o fenômeno do estar junto, e na observação dos espaços percorridos pela cidade reforça o conceito do lugar geográfico como espaço de vivências e realizações.

- Vim buscar, você. Vim só pra isso. Vim buscar você para ir comer um cabrito comigo lá no “Vai Quem Quer”. Umas mulheres já estão lá esperando a gente. Amanhã vou para o Rio. E minha despedida.
Antes que Julieta respondesse qualquer coisa Dr. Armando puxou-a pelo braço e a noite da rua envolveu a ambos - os dois pisando com segurança, apesar das trevas o chão tão conhecido. Cercado de mulheres a boca cheia de carne de cabrito e farofa-continuou o motivo da viagem: (MARQUES, 1986. p. 52).

A presença de Dr. Armando na vida de Julieta era intensa, o elo afetivo era algo significativo no conceito da composição dos vínculos, a parceria entre ambos estava contida no percurso da temporalidade, e as ações desse fenômeno estimava a ideia do valor humano. Conhecer a realidade da jovem, despertou em Dr. Armando aproximações íntimas e singulares na vida da protagonista, no anseio da conquista e permanência de sua amada em Caxias, oferecia suporte financeiro para atender suas necessidades individuais.

O sensível está situado na interação entre o sujeito e o objeto. A sensibilidade não é subjetiva e nem objetivo no sentido que não deriva de um puro ato de recepção aos estímulos exteriores, e não é o resultado de uma operação de entendimento total até objetivar neutralizar

os dados da percepção. Estudar a sensibilidade na geografia é estudar as interações entre espaço e o indivíduo ou um grupo de indivíduos, uma vez que toda sensação faz objeto de uma intelecção pelo pensamento; e o espaço, neste caso, não pode ser apreendido pelo prisma da percepção. Cabe ao autor e em seu texto, transmitir esta percepção da sensibilidade, ou melhor, a emoção presente na imagem perceptiva do lugar (ALMEIDA e BONJARDIM, 2018).

Sem saber as primeiras providências a tomar, as mulheres saíram batendo, de quarto em quarto, chamando as outras. Em pouco tempo, todas as mulheres estavam acompanhando o desespero da cadela latindo e riscando o chão com as enormes unhas

-E agora? A voz de Mãe Amara era só espanto.

-E agora? – Carmosina, quase com frieza, respondeu: - Agora é mandar alguém chamar o delegado, um soldado, seja lá quem for, na delegacia. Só a polícia pode arrombar a porta (MARQUES, 1986. p. 63).

Pensar as causas da morte de Esmeralda é buscar na memória a existência de Maria Gorda, ela poderia relatar toda a situação que ameaçava a vida da Madame, em conversas no quintal da pensão próximo a um cajueiro Esmeralda relatava a respeito de seu passado, com expressões de medo e angústia, ressalta traição a Rafael, uma ação que teve a capacidade de ocasionar perseguições e ameaças em sua vida.

A morte da Madame ocasionou momentos de euforia entre os integrantes da pensão. As moças ficaram assustadas com a perspectiva de uma nova realidade, pois a situação ameaçava a permanência dos frequentadores e, assim, a Casa Amarela tornava-se um espaço que expressava apenas aflições. Nessas circunstâncias, o suicídio de Maria Gorda e o assassinato de Esmeralda ameaçava as vivências de Julieta na pensão, embora o pertencimento estabilizasse vínculos com o lugar, o sentimento era transformado em medo e solidão.

O medo nos estimula a assumir uma ação defensiva e isso confere proximidade, tangibilidade e credibilidade às ameaças genuínas ou supostas, de que ele presumivelmente emana. É nossa reação com a ansiedade que classifica a premonição sombria como realidade cotidiana, dando a este aspecto um corpo de carne e osso. O medo se enraíza em nossos motivos e propósitos, se estabelece em nossas ações e satura nossas rotinas diárias. Se dificilmente precisa de qualquer outro estímulo externo é porque as ações que incita dia após dia fornecem toda a motivação, toda a justificativa e toda a energia exigida para mantê-lo vivo, expandindo-se e florescendo (BAUMAN, 2008).

A literatura expressa a condição humana e sua existência envolvida com a realidade da casa. Julieta observa que o prostíbulo não mais oferecia condições para permanência, a morte da madame Esmeralda provocou a redução do fluxo e popularidade da Casa Amarela, os frequentadores ganharam outros direcionamentos, existindo na nova administração dificuldades

para atender as necessidades da pensão e acompanhar a dinâmica do lugar.

A ideia tinha nascido do Borba. Mas os detalhes ela os havia acrescentado inteligentemente, tornando possível a realização do plano em pouco tempo. O Borda ajudava:

- A primeira base você instala no Cangalheiro. Conheço um lugar ótimo. É uma casa de dois quartos, uma imensa sala, um quintal cheio de árvores...
-E as raparigas? (MARQUES, 1986. p.79).

O romance em estudo incorpora experiências do vivido, proporciona conhecimento da construção identitária da sociedade e aproximações ao conceito da afetividade atrelados ao sentimento de pertencimento. A vida de Julieta aproxima inúmeras relações do viver e habitar, a personagem constrói sua identidade no lugar Caxiense como um ser que resistia as transformações da temporalidade.

Com novas expectativas para a vida, Julieta deixa a Casa Amarela, o espaço que foi palco de suas experiências e descobertas, também se tornou um lugar de inspiração para as atividades desenvolvidas pela prostituição, algo que ofereceu a jovem o objetivo de criar seu próprio estabelecimento, na tentativa de acompanhar a efervescência dos cabarés e ocupar a condição de proprietária, assim a cidade seria contemplada com um novo espaço de diversões.

- As bases serão frequentadas só por garotas que nunca estiveram em cabarés...E só por homens que não possam ser vistos na zona. Uma mulher de confiança sua ou minha tomará conta do negócio...Você só vai lá, uma vez ou outra, para inspecionar. Se der certo – que eu sei que vai dar - você abre outra na Trezidela, depois no Alto da Seriema, no Pé da Ladeira...Vai abrindo bases...Vai abrindo bases...Quando você menos espantar, não digo que esteja rica, mas, pelo menos, remediada eu sei que vai estar...E vai ter todo o meu apoio financeiro. Enquanto você proceder bem você pode contar comigo para o que der e vier... (MARQUES, 1986. p. 79).

É fundamental notar a relação entre o autor e a cidade, ao mencionar mudanças na vida de Julieta, ele chama atenção para a capacidade que os empreendimentos tem na expansão e reconhecimento dos logradouros da cidade. Com essa ideia, compreendemos que o bairro Trizidela era um importante lugar para o acesso para área central da cidade, o alto do Seriema era um espaço de intenso fluxo populacional em decorrência das ações comerciais, e o Pé da Ladeira era local de concentração nos momentos de festividades.

Com isso, observamos que o termo geograficidade congrega uma diversidade de derivações mais específicas: espacialidade, regionalidade, territorialidade, escalaridade entre outras; além disso, o pensamento geográfico dialoga com outras derivações de outros campos do saber, como historicidade, temporalidade, sociabilidade, identidade etc. Todas essas derivações representam o quanto pode ser amplo o domínio da reflexão sobre geograficidade, que tem seu correspondente em cada conceito ou noção geográfica. Cada derivação passa a

ideia de ação realizada, característica e essência, mais o conteúdo de seu conceito particular (CIRQUEIRA e SPOSITO, 2019).

A dinâmica dos cabarés é um elemento significativo para o conhecimento geográfico, o histórico de suas existências memoriza a capacidade da construção dos lugares atrelados a condição humana. Pelo viés literário tivemos a oportunidade de conhecer a área central onde estavam localizados os antigos prostíbulos da cidade de Caxias, a influência da igreja católica no sentido da espacialidade, o mercado com a capacidade de atração econômica, os cemitérios, a interligação das ruas no fluxo comercial, a cidade como um lugar de construção identitária, e a casa como um espaço de diversas simbologias.

Durante semanas o Dr. Armando andou, discretamente, perguntando um e outro pelo endereço de Julieta. As mulheres que sabiam, com medo que ele fosse armar encrenca, diziam não ter a mínima ideia sobre seu paradeiro. Mas um dia ele soube da base que ela abria no Cangalheiro e apareceu por lá de surpresa, pois ainda estava faltando muitas coisas. O Dr. Armando, em pouco tempo, deixou-a à vontade (MARQUES, 1986. p. 89). Foi percorrendo os becos e travessas da cidade que Rodrigues Marques fez o Dr. Armando encontrar em suas memórias as vivências e o sentimento de pertencimento construído na Casa Amarela, a necessidade de reencontrar Julieta, a mulher que pelas vivências nutria intensa e profunda afetividade.

A memória pode trazer uma cobrança sobre ter que se lembrar de algo, mas ela também é composta por esquecimentos, silêncios e lapsos que nos constituem como somos. A memória também não é um registro de todo o passado, mas é construída através de marcas e impressões de diferentes temporalidades e lugaridades (DIAS, 2020. p. 140). É exatamente nas marcas do tempo e do lugar Caxiense que Julieta intensifica diversas memórias e sentimentos.

Associado a memória percebemos que a partir do tempo, conforme Merleau-Poty (2018), não se pode tirar as consequências de uma concepção preestabelecida da subjetividade, é ter acesso, através do tempo, a sua estrutura concreta. Se conseguimos compreender o sujeito, não será em sua pura forma, mas procurando-o na intersecção de suas dimensões. Portanto, precisamos considerar o tempo em si mesmo, e é segundo a sua dialética interna que seremos conduzidos a refazer nossa ideia do sujeito.

O tempo foi para Julieta o modelador de sua história, a construção da protagonista foi intensificada pelas marcas da temporalidade, as vivências e experiências adquiridas na cidade foram capazes de internalizar sua identidade e pertencimento. A ideia da coletividade poderia ser associada como elementos fundamentais para permanência de Julieta, o trabalho coletivo desenvolvido entre homens e mulheres que habitavam o mesmo espaço foi capaz de consolidar

a existência de Julieta no lugar caxiense.

Julieta fez questão de entrar no “Hotel dos viajantes” levando nos braços um carneirinho branco - o último presente que o Borba lhe dera. O carneirinho branco aconchegado ao peito lhe dava a sensação de estar entrando numa nova vida. Até o último instante, o Borda ainda tentou convencê-la de que com as bases do Cangalheiro, do Pé da Ladeira, do Alto do Seriema abertas e dando lucro como estavam, não havia necessidade de abrir aquele hotel em plena Rua Aarão Reis, pois poderia criar a imagem de querer afrontar as famílias de Caxias. Ela ponderou que o hotel era um sonho seu - antigo sonho - e que não queria morrer sem vê-lo realizado (MARQUES, 1986.p. 91). Diante do exposto, as ações da prostituição haviam perdido o significado das vivências de Julieta, a necessidade de mudanças e novas experiências ocasionou na recusa para permanência dos empreendimentos nos bairros da cidade, a protagonista apreciava a construção e ampliação de novos horizontes.

As pessoas individualmente ou coletivamente tendem a buscar recriar ou criar lugares e situações de outro tempo para que sejam vividas e incorporadas ao presente. Algo que alude o “tempo bom” como outro tempo que não o vivido no presente, que retira do passado aquilo que é conveniente e comercial no presente em nome de uma idade de ouro. Ações que se alteram da história, mas também como o que era conhecimento em diferentes temporalidades (DIAS, 2020).

Os sonhos são forças da natureza humana, é no sentido de criar e transformar que Julieta organiza um novo espaço de ação e convivência, o empreendimento tinha como objetivo atender as necessidades referentes a hospedagem na cidade, recepcionar famílias de outros estados e regiões, desenvolver o fluxo econômico na área central, assim como ampliar o bem viver individual e coletivo. No entanto, imaginar o Hotel dos Viajantes é encontrar no sentido da casa a capacidade de atribuir novos símbolos e significados.

Com a casa vivida pelo poeta, nos deslocamos para um ponto sensível da antropologia. A casa é um instrumento de topoanálise. É um instrumento eficaz, precisamente porque é de uso difícil. Em suma, a discussão de nossas teses está colocada em um terreno que nos é desfavorável. Com efeito, a casa é à primeira vista, um objeto que possui uma geometria rígida. Sua realidade primeira é visível e tangível. É feita de sólidos bem talhados, de vigas bem encaixadas. A linha reta é dominante. O fio de prumo deixou-lhe a marca de sua sabedoria, de seu equilíbrio. Esse objeto geométrico deveria resistir as metáforas que acolhem o corpo humano, a alma humana (BACHELARD, 2008).

A vida de Julieta atrelada a Casa Amarela e ao Hotel dos Viajantes traz o encontro com o imaginário pelos elementos que envolvem a condição do ser no lugar, a existência da

personagem direciona a percepção junto a ação de (re)construção humana, permite dialogar com a capacidade de superação dos desafios, e que na vida é possível (re)começar logo que necessário, assim como compreender que viver e experienciar qualifica o anseio de (re)persistência.

As pessoas sonham com lugares ideais. A terra devido aos seus vários defeitos, não é vista em todas as partes como morada final da humanidade. Por outro lado, nenhum meio ambiente falta poder para inspirar a devoção, pelo menos de algumas pessoas. Em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o lar de alguém – com todo o significado afetivo da palavra (TUAN, 2012).

- Trabalhei tanto, hoje, lá no hotel, que não tive nem tempo de arrumar a casa e fazer a comida. – Sorriu: - Dentro de poucos dias, já posso receber os primeiros hóspedes.

Borba abriu um jornal velho e ficou com ele na mão sem ler nada.

- Podemos jantar na Corrente, hoje, despedida.

Julieta deu por encerrada a arrumação das flores e decidiu:

-Tem uma carne do sol que comprei ontem, uma farinha d'água que ganhei de uma vizinha. E ainda tem uns camarões secos que sobraram do domingo. Em poucos minutos, faço o jantar melhor de Caxias. Você vai ver (MARQUES, 1986. p. 92).

É possível observar a habitualidade afetiva de Julieta no Hotel dos Viajantes, mesmo não encontrando o apoio de Borda, a protagonista apreciava expectativas positivas do empreendimento. No íntimo de sua existência o hotel reserva, em cada cômodo, marcas de experiências do vivido, o que agrega simbologia ao lar, dá sentido de resistência e perseverança ao espaço Caxiense.

-Ainda quase resolvido a deixar minha mulher por você. Mudei de ideia a tempo...Se tivesse feito isto, hoje eu estava arrependido...A única coisa em que você pensa mesmo nesta vida é no seu hotel. A melhor coisa que eu fiz foi continuar com a Inácia. Afinal de contas, vamos ser justos. Apesar de tudo, é a Inácia que tem vivido comigo esses anos todos, lavando a minha roupa[...] (MARQUES, 1986.p. 93).

Borba objetiva convencer Julieta a abandonar o hotel, alegando ser um espaço de baixo desenvolvimento econômico para cidade e, também, com a ideia de que sua localização na rua Aarão Reis poderia ser alvo de provocações para as mulheres que mantinham enlances matrimoniais, visto que a trajetória de Julieta junto a prostituição era reconhecida pelos padrões impostos pela sociedade da época. Borba se sentia ameaçado pois em seu imaginário a população iria tecer críticas ao observar suas andanças no hotel, nessa circunstância as tentativas de imposição não foram favoráveis as ideias e princípios de Julieta, a jovem havia atribuído ao empreendimento o símbolo de resistência e realização de um sonho.

Muitas poesias retratam ou exemplificam o modo como a vida foi/é tecida em diferentes espaços geográficos, pelas subjetividades das relações sociais presentes nos lugares e de um tempo vivido, das relações construídas nos espaços cotidianos em que o sujeito vive e constrói seu tempo (OLIVEIRA e PASSOS, 2020. p. 93). É com essa intenção que Rodrigues Marques descreve o modo de vida da população no espaço caxiense, na condição de sujeito pertencente a este lugar o autor enfatiza aspectos referentes as relações sociais e cotidianas entre indivíduos que habitavam a Casa Amarela, encontrando no seio de sua percepção os elementos para dialogar e analisar o comportamento humano.

Não sabia compreender porque, de tantas palavras bonitas que lhe disse o Borba, só estas frases amargas lhe vieram à lembrança, enquanto arrumava uma coisa ou outra nos cômodos do seu hotel dos viajantes. De vez em quando o carneirinho branco balia na área interna do prédio e ela ameaçava a se irritar com aquela presença que parecia gritar nos seus ouvidos que, dali em diante, tinha que romper as barreiras sozinha. Outra coisa que também passou a irritá-la foi um bem-ti-vi que, do alto de uma cajazeira, gritava o dia inteiro:

- Triste vida. Triste vida.

Suspirava:

-Triste vida sim. Não há mais nada triste do que a vida de uma mulher sozinha... MARQUES, 1986.p. 93).

A solidão era um sentimento que habitava o Hotel dos Viajantes, embora Julieta estivesse vivenciando uma nova etapa de sua existência, o passado da Casa Amarela havia consolidado memórias no presente, a sonoridade da radiola e euforia dos integrantes foram substituídos pelo barulho do carneirinho e cantar dos pássaros.

A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, lugares de infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade. A realidade geográfica exige, as vezes duramente, o trabalho e o sofrimento dos homens. Ela o restringe e o aprisiona, ata-o à “gleba”, horizontes estreito imposto pela vida ou pela sociedade a seus gestos e a seus pensamentos. A cor, o modelador, os odores do solo, o arranjo vegetal se mistura com as lembranças, com todos os estados afetivos, com as ideias, mesmo com aquelas que acreditamos serem as mais independentes (DARDEL, 2015).

Sentada na espreguiçadeira, Julieta acompanhava o movimento da rua Aarão Reis. Num canto do céu, entre envergados coqueiros e uma velha casa abandonada, a lua maior que já vira, experimentava a força para subir. Subia, lenta. Antes de subir, porém, toda a área do céu já denunciava uma claridade quase de dia. Maria Gorda costumava dizer: - “Há dias para tudo”. Disse para ela mesma: - “Há noites para tudo”. Aquela era a sua grande noite de solidão. Estava do outro lado de Caxias, mas na verdade, estava era do outro lado da sua própria vida. Na Rua

de Areia todos os homens e mulheres a conheciam. Todo mundo. Na sua espreguiçadeira, Julieta se considerava quase uma estrangeira. As suas costas, no alto da parede do casarão, a enorme placa: Hotel dos Viajantes – exclusivamente familiar. Agora ela conseguia medir sua audácia. Muita audácia mesmo vir de lá Imperatriz, depois de passar pela Casa Amarela e abrir um hotel numa das ruas mais importantes de Caxias (MARQUES, 1986.p. 95).

Maria Gorda não havia desaparecido da existência de Julieta, as lembranças de sua companheira fortaleciam a dor de sua ausência, os ensinamentos oferecidos tornaram-se alicerce para a construção de novas experiências, entender que na vida humana há dias para tudo foi uma das melhores lições deixada por Maria Gorda. Com intensa sensibilidade, Julieta observa o percurso de sua trajetória, no seio da imaginação realiza uma cronologia dos lugares vividos, sentindo-se audaciosa em sair de Imperatriz para construir em Caxias o seu espaço de pertencimento e identidade.

Não sabia porque aquelas palavras do Borba lhe vieram à mente no momento em que entrara no hotel dos viajantes com seu carneirinho branco. Não fazia o mínimo sentido a lembrança daquelas palavras, no momento em que inaugurava uma nova fase de sua vida. Havia passado pelas esquinas, onde, costumeiramente, os velhos se entretinham com seu jogo, mas nem sequer os observara, tão alheada estava. Quando começou, porém, ao abrir as janelas para arejar o casarão, já não pensava mais nas palavras do Borba. Cada janela lhe aumentava a certeza de rompimento com o passado. As janelas rangiam nas dobradiças há tanto tempo sem serventia e a luz do sol entrava nos cômodos, deixando as mais diversas formas geométricas sobre os ladrilhos recém-lavados (MARQUES,1986, p.96). Observamos que Julieta reconhece toda a trajetória de pessoas que influenciaram sua existência ao lugar caxiense, a ideia do novo empreendimento simboliza a conclusão dos anseios as mudanças de vida, o rompimento afetivo com Borba proporcionava sentimentos de solidão e incertezas, sozinha no Hotel dos Viajantes imaginava a construção de uma nova trajetória de sua existência.

O alto- falante, na praça Gonçalves Dias, iniciava sua programação noturna. Depois de vários anúncios, o locutor leu a propaganda do Hotel dos Viajantes. Julieta estremeceu na espreguiçadeira quando ouviu o locutor lendo, compassadamente, o seu anúncio: - “Caxias agora tem um hotel á altura das suas tradições: Hotel dos Viajantes. Exclusivamente familiar. Preços módicos. Cozinha de primeira. Hospedar-se no Hotel dos Viajantes é sinônimo de bom gosto”. (MARQUES, 1986. p.97)

As alto-falante ou vozes de bairro é um importante instrumento de comunicação para a comunidade, são práticas que tem o intuito de anunciar a movimentação econômica do bairro e lugares vizinhos com o objetivo de informar e chamar atenção da clientela. Em Caxias essas atividades ganharam dimensões e resistências as transformações socioespaciais, ao percorrer os

bairros Campo de Belém, Salobro, Mutirão, Cangalheiro, Fazendinha, Volta Redonda, Nova Caxias, Cohab, Tesoduro, Ponte, entre outros, ainda é possível ouvir as vozes que resistem a temporalidade anunciando eventos, promoções comerciais, nota de falecimento e utilidade pública. Uma outra presença marcante a ser ressaltada é a música como característica ao estilo de anúncio, os moradores ao ouvir o som ou ruído dos alto-falantes desloca-se as portas e janelas das residências para receber as informações e compartilhar a vizinhança que estava ausente no momento da divulgação.

Estava tão perdida em seus pensamentos que não ouviu quando alguém parou atrás da espreguiçadeira. Nem adivinhou, de pronto, de quem eram aquelas mãos que, leves, pousaram nos seus ombros. Suspendeu a cabeça para a descoberta: lá estava o sorriso do Dr. Armando chegando, mais uma vez, quando ela tanto necessitava dele. (MARQUES, 1986. p.97)

A esperança de reencontrar Julieta era um dos maiores objetivos de Dr. Armando, a história de amor sedimentada no convívio da Casa Amarela, ganhava resistência junto a ação do tempo, o enlace afetivo na existência de ambos oferece ao imaginário do leitor a percepção de que embora o casal tenha experienciado outros mundos e vivenciado novas expectativas, o amor garantia permanência. Em um novo lugar estavam preparados para continuar e desfrutar de um amor que se encontrava consolidado ao contexto da temporalidade e desafios de ambas as existências, era assim que Julieta e Dr. Armando começam a construir novos capítulos para o romance *Julieta, coisa e tal*.

Contudo, as maiores transformações que precisam ser gestadas estão em nossas paisagens interiores. Somos nós que temos de nos refazer, incorporando estas geografias enquanto verdade tão concretas quanto a solidez aparente de nossos números, fórmulas e modelos. As fronteiras do conhecimento geográfico estão muito além deste ponto onde chegamos aqui, neste pequeno voo exploratório. Elas se estendem aos confins da Terra e precisam ser ainda intensamente exploradas, pois a Geografia e as geografias se redesenham a cada dia, e é necessário fôlego para acompanhá-las (MARANDOLA JÚNIOR, 2010).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS - A GEOGRAFIA LITERÁRIA EM “JULIETA, COISA
& TAL”**



JULIETA, COISA
&
TAL

A Literatura produz, graças aos recursos das linguagens que lhe são próprias, espaços imaginários, espaços elevados à categoria do mito, espaços passíveis de recriação pelos leitores, mediante a codificação das imagens geradas no discurso ficcional. Na construção do elo entre Geografia e Literatura, nessa dissertação, comungamos com Eric Dardel que conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta que liga o homem à terra, constitui uma geograficidade do homem como modo de sua existência e de seu destino.

A capacidade da literatura recriar a realidade oferece ao pensamento geográfico elementos favoráveis para compreender ideias e conceitos de uma sociedade, conhecer a dinâmica de diferentes localidades através dos escritos romanescos e, ainda, proporcionar à geografia uma investigação relacionada aos aspectos socioeconômicos e espaciais. Nesse sentido é importante ressaltar a sensibilidade do mundo literário para descrever as ações dos indivíduos e realizar uma aproximação de diferentes realidades, sentimentos e emoções.

Observamos que as atividades cotidianas no romance *Julieta, Coisa e tal* qualificam o significado do lugar, o espaço da Casa Amarela - ambiente central na obra, onde ‘habitam’ diversos pensamentos e sentimentos, ou seja, a vida dos personagens que oferece ao pensamento geográfico a oportunidade de conhecer a dinâmica espacial do lugar Caxiense. Com isso, analisar a geograficidade dos personagens nos escritos literários, oportuniza aos leitores conhecer e comparar realidades e vivências em temporalidades distintas, o que foi possível com nosso encontro com o texto de Rodrigues Marques, pois encontramos no imaginário do autor os aspectos necessários para entender a dinâmica socioespacial de Caxias e a construção identitária.

Ficou evidente que a literatura acompanha as transformações sociais e, que o enredo de Rodrigues Marques proporciona aos geógrafos a concepção das transformações dos lugares, a ampla visão das questões espaciais em sua individualidade, as divergências de classes, o cotidiano e suas representações, entre outros atributos expressos pelas ações e falas dos personagens que caracterizam as várias formas da literatura realizar uma abordagem geográfica.

É relevante sublinhar a linguagem simples de Rodrigues Marques e suas características regionalista. Isso é observado nas ações de seus personagens que qualificam as práticas e costumes da população, nas ideias do imaginário oriundas de vivências, nas experiências do meio oferecendo estrutura ao diálogo e, a realidade do lugar como expressão do contexto do romance. Com o desenrolar do texto, pela construção afetiva e identitária do lugar caxiense, acreditamos, com certeza, encontrar em Rodrigues Marques a pessoa que narra, escreve e

vivência o romance em estudo.

Outros pontos são merecedores de destaque. Pela discussão entre Geografia e Literatura atrelada ao romance *Julieta, coisa e tal*, foi possível realizar uma abordagem relacionada aos aspectos da vida cotidiana, a intenção de conhecer as experiências do enredo, especifica o interesse de uma aproximação do conhecimento das identidades do lugar pelos sentimentos de pertencimento presentes na existência de cada personagem, em especial, Julieta.

Discutir essa relação existente entre Geografia e Literatura favoreceu a análise da capacidade da expressão referente as experiências dos personagens, o poder imaginário do autor ao criar e descrever vivências, caracterizar comportamento dos indivíduos, oferecer sensibilidade ao lugar, estabelecer práticas e ações. Todos esses elementos nos ofereceu o entendimento das principais relações sociais do meio, pois essas experiências foram entendidas como elementos das condições de existências dos indivíduos.

Apreendemos Julieta construindo seu sentimento de pertencimento e identificação para com o lugar/lugares Caxias habitado e frequentado. É exatamente na busca para desvendar os elementos que constituem o meio que encontramos no romance *Julieta Coisa e tal*, a oportunidade de trilhar pelo imaginário da realidade humana, focalizando o encontro da categoria lugar com os elementos da dinâmica espacial, atrelados ao sentimento de pertencimento e questões identitárias. Apreender o pertencimento e identidades de Julieta com a cidade foi, sobretudo, buscar no imaginário as lembranças de um lugar relevante para a manutenção da memória.

Levantar essas discussões a respeito dos lugares foi, portanto, uma necessidade de interpretação da dinâmica do lugar. Ao realizarmos uma abordagem com base no cotidiano dos personagens encontramos na literatura os elementos fundamentais para compreender as questões relacionadas ao mundo geográfico, tomando o lugar como *locus* de análise e observação.

Pelo exposto, tem-se que buscar na literatura elementos da geografia é antes de tudo realizar uma investigação junto às categorias geográficas, que em suas individualidades, oferecem suporte necessário para a identificação dos fatores que caracterizam o meio. E, na tentativa de encontrar esses conceitos foi possível realizar a análise através das falas e ações dos personagens sobre o cotidiano bem como as descrições e referências aos espaços.

A Casa Amarela favoreceu a inspiração de Rodrigues Marques para relatar os aspectos da realidade, a ideia de trazer a cidade de Caxias para o contexto do romance ocasionou um reconhecimento da dinâmica da cidade no período da obra. Foi relevante compreender como a abordagem e a representação do lugar são caracterizadas no enredo e, através das ações dos

personagens, compreender que o significado do lugar é transferido, suas relações provocam imaginar como as interações espaciais vão ganhando novos direcionamentos de acordo com os efeitos da temporalidade. É nesse sentido que os relatos da realidade têm a tendência de oferecer uma ideia da dinâmica dos lugares de existência, um encontro favorável ao conhecimento das práticas socioeconômicas e espaciais de determinado meio.

A literatura oferece, pois em sua essência, um jogo de ideias e conceitos da condição humana, a sua capacidade de descrever a atuação dos seres no mundo, qualifica o sentido geral de sua palavra. A arte literária cria diferentes maneiras de expor sensações existentes no meio, a sensibilidade de oferecer vidas e nomes aos personagens com o intuito de relatar assuntos relacionados a personalidade e convívio em sociedade, o sentimento topofílico ou topofóbico, as descrições dos lugares, as abordagens da paisagem como ponto de partida a observação, o regionalismo e suas representatividades, os territórios e os elementos que compõem, e o espaço em seus aspectos existenciais favorecem a dinâmica e reconhecimento da humanidade.

O elo entre Geografia e Literatura tornou-se uma oportunidade de conhecer diferentes maneiras de ver e sentir o lugar, a arte com sua sensibilidade de tocar o imaginário que proporciona ao pesquisador buscar na essência das expressões elementos e conceitos da dinâmica social. Conhecer o romance *Julieta, Coisa e tal* foi, de pronto, considerado uma oportunidade para desfrutar a geohistória de Caxias, pela provocação de Osmar Rodrigues Marques. Ele provocou e inspirou nossas buscas para a descrição e compreensão da dinâmica do lugar.

Foi após o encontro com o lugar onde funcionava o prostíbulo Casa Amarela que iniciamos o percurso pelas ruas da cidade, em especial a rua da Areia, no entorno encontramos prostíbulos de alto e baixo meretrício, praças e igrejas como lugares de encontros e devoções, economia fundamentada no extrativismo vegetal, cemitérios como espaço referenciados, ruas e bairros com distintas nomenclaturas e significados, casarões que resiste a temporalidade, a exuberância dos elementos naturais, e a intensidade do processo de migração como um enlace da dinâmica social. Nesse percurso, encontramos caxienses opinativos e mantenedores da Casa Amarela em suas memórias e, dentre eles, citamos aqueles que nos disseram conhecer Rodrigues Marques - “O autor frequentava a Casa Amarela e esse foi o motivo que deu inspiração” e, se reconhecer naquele tempo - “Eu era um fiel frequentador, inclusive tinha uma namorada lá...” (entrevistados 17 e 11, respectivamente).

Apreender as vivências da personagem Julieta descritas pelo autor foi um dos objetivos dessa pesquisa. sua existência despertou o interesse de conhecer o processo de construção identitária e o sentimento de pertencimento ao lugar caxiense; suas vivências ofereceram a

compreensão da capacidade da mulher ressignificar e especializar os laços afetivos. pois a personagem buscava na essência de suas ideias os direcionamentos necessários para mudar e transformar o curso de sua vida.

No contexto da realidade da Casa Amarela, foi possível observar que a vida dos personagens ofereceu uma reflexão e aprendizado. Podemos assim enfatizar o carisma de Maria Gorda, o afago de Dr. Armando, o egoísmo de madame Esmeralda, a resistência de mãe Amara, a cumplicidade de Carmosina e companheirismo de Julieta em diversas situações. Foi, portanto, pelo encontro com personalidades distintas que analisamos a maneira como os laços afetivos foram sendo construídos, sem que perdêssemos a individualidade de cada integrante atadas e relacionadas às características pertinentes as ações e relações cotidianas.

Os personagens expuseram suas personalidades e comportamentos relacionados às suas origens e vivências pela clareza de suas falas e expressões. Observa-se que Julieta e Maria Gorda não nasceram na cidade de Caxias e, para elas, conhecer as exuberâncias naturais do lugar era um evento que causava admiração e inspiração para vivenciar o espaço.

Foi importante perceber que os aspectos da realidade se tornaram um ponto de observação do mundo literário e geográfico, descrever o real ao enlace do imaginário seria uma estratégia de desvelar diferentes vivências, emoções e sentimentos, o elo presente entre ambas oferece a oportunidade de percorrer inúmeros lugares e espaços de existências. A geografia da vida e Rodrigues Marques mostra a possibilidade de ser explorada por vários outros aspectos. Com certeza a literatura abre múltiplas face da realidade o que aproxima da geografia.

Na produção desse estudo, é relevante salientar que na trajetória dessa Geografia literária, tivemos a oportunidade de desfrutar do conhecimento com a população que guardava em seu imaginário a existência e dinâmica da Casa Amarela, conhecer a realidade daquele lugar em um tempo distinto nos aproxima da ficção, ouvir histórias vivenciadas dentro do prostíbulo proporciona uma comparação às descrições de Rodrigues Marques, e saber que Julieta realmente existiu nos possibilitou entender a intensidade e bravura que a vida tem junto a ação do recomeço. É certo, a vida imita a arte e a arte produz oportunidades de conhecer, vivenciar, perceber e re-viver. Assim se deu meu encontro com as relações espaciais e temporais de Julieta.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Antônio José B. de. **Memórias de Caxias: cada rua, sua história.** Caxias-MA. 1992.

ALMEIDA, Eliane de Sousa. **Patrimônio Cultural e Memórias:** Percorrendo os dias e sentindo a cidade de Caxias. In: PESSOA Jordânia m, MELO, Salânia M. Barboda (Org) Percorrendo becos e travessas: feitos e olhares das histórias de Caxias-Tersina: Edufpi, 2010. p. 147-168.

ALMEIDA, Maria Geralda de. BONJARDIM, Solimar Guindo Messias: Geografiar emoções e cartografar sentimentos e Cultura. **Revista Geonordeste São Cristovão**, Ano XXIX, n. 2.p.244-259, jul/Dez. 2018.

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Geografia Cultural-um modo de ver**/Maria Geralda de Almeida-Goiânia: Gráfica UFG, 2018. 384p.: il.

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Os cantos e encantamentos de uma geografia sertaneja de Patativa do Assaré.** In: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Org) Geografia e literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação- Londrina: EDUEL, 2010. P. 141-161.

ANDRADE, Celeste Maria de. ANDRADE, Ana Claudia Pacheco de. Cidade da Bahia? O olhar da ficção sobre a cidade de Salvador. In: SILVA, Maria Auxiliadora da SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da (Org) **Geografia literatura e Arte:** reflexões-Salvador: EDUFBA, 2010. p. 75-85.

ARAÚJO, Heloisa. **Geografia e literatura:** um elo entre o presente e o passado no Pelourinho. In: SILVA Maria Auxiliadora da, SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da (Org) Geografia literatura e arte: reflexões-Salvador: EDUFBA, 2010. p. 33-49.

BACHELARD, G. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS NETO, Eziqúio. **Por ruas e becos de Caxias. História e descrição dos logradouros públicos de sua área urbana:-** Caxias: Multigraf, 2020. 370 p.

BATISTA, Flávia Damares Santos. Salvador: Cidade inspiradora. In: SILVA Maria Auxiliadora da Silva, HARLAN Rodrigo Ferreira da (Org) **Geografia literatura e arte:** reflexões-Salvador: EDUFBA, 2010.p.107-116.

BATISTA, Leandro; MOREIRA, Jasmine Cardozo. A Geografia Cultural e o Turismo: reflexões e análise. **Revista Geosaberes**, Fortaleza, v. 4, n. 8, p. 14-27, jul. / dez. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERDOULAY, Vincent; ENTRINK, J. Nicholas. Lugar e Sujeito: Perspectivas teóricas. In:

BREDA, Thiara Victiato. Entre escrito, imagens memórias e experiências espaciais. In: PORTUGAL, Jussara Fraga. **Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas**. Salvador: Edufba, 2020. p. 59-80.

BROSSEAU, Marc. O romance: outro sujeito para Geografia. In: CORREA, Roberto Lobato ROSENDAHL, Zeny (Org). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2007. p. 79-121.

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORREA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (Org). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: Editora UERJ. 2007. p. 17-77.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. **Breve Histórico do Pensamento Geográfico Brasileiro nos Séculos XIX e XX**. Jundiaí, Paco Editorial: 2011.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. 1. Ed., 7ª Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2021.

CARVALHO JUNIOR, BARROS, Eziqio. BASTIANI, Jorge. VIANA, Jotônio. 90 anos de Rodrigues Marques. **JITAPICURU, Suplemento cultural da Academia Caxiense de Letras**, nº 2. Ano I, 2019.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. Os sertanejos e o sertão no/da capital da Bahia e as diferentes leituras/ vivências da cidade de Salvador em duas obras de Jorge Amado. In: SILVA, Maria Auxiliadora da. HARLAN, Rodrigo Ferreira da. **Geografia, Literatura e Arte: reflexões - Salvador: EDUFBA, 2010. p.:51 – 74.**

CASTRO, Jânio Roque Barros de. Paisagens e visões místicas, questões de gênero e a cidade no romance “Mar Morto”, de Jorge Amado. **Geograficidade**, Niterói, v.5, n.2, p. 38-51, 2015.

CASTRO, Júlia Fonseca de. Geografia e literatura: da aproximação ao diálogo. In: SUZUKI, Júlio César. LIMA, Angelita Pereira de. CHAVEIRO, Eguimar Felício (ORG) **Geografia Literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções**-Porto Alegre, 2016.p332-347.

CAVALCANTE, Thiago Vieira. **Geografia Literária em Rachel de Queiroz**. – Fortaleza: Edições UFC, 2019.

CAVALCANTE, Thiago Vieira. A geografia de um nome: Rachel de Queiroz. In: POTUGAL Jussara Fraga (Org) **Geografias Literárias: escrito diálogos e narrativas**-Salvador: EDFBA, 2020. 227-252.

CAVALCANTE, Thiago Vieira. POR UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA: De leituras do espaço e espaços de leitura. **Revista da ANFEGE. V.16. nº. 31.p.191-201, ANO 2020. e-ISSN: 1679-768X.**

CIRQUEIRA, José Vandério. **Geograficidade: modo de ser, experiência e prática espacial**/José Vandério Cirqueira, Eliseu Savério Sposito. – 1. Ed. – Curitiba: Appris, 2019. 191 p.

CLAVAL, Paul. **Terra dos Homens: a geografia**/Paul Claval; tradução Domitila Madureira- 1. Ed; 2 reimpressão. – São Paulo: ontexto, 2015.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discussões iguais: a construção do corpo feminino**

na história/Ana Maria Colling. Dourados, MS: ED. UFGD, 2014. 114 p.

COLLOT, Michael. Rumo a uma geografia literária. **Niterói**, n. 33, p. 17-31, sem. 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. O real e o imaginário nos espaços turísticos. In: CORREA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, zeny (Org). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001. P. 207-227.

COUTINHO, Milson. **Caxienses ilustres: elementos biográficos**. São Luis: Lilhorgraf, 2002. 340p.

CHRISTOFOLETTI, A. As perspectivas dos Estudos Geográficos. In:_____. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2. ed. Rio Claro (SP): Difel, 1985. p. 11-36.

CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da. **A(s) geografia(s) da literatura: do nacional ao global**. RepositoriUM – Universidade do Minho, 2011.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**/Eric Dardel. Tradução werther Holzr.- São Paulo: Perspectiva, 2015.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. A geograficidade por meio da narrativa e memórias de múltiplos tempos e lugar. In: PORTUGAL Jussara Fraga (ORG) **Geografias Literárias: escritos diálogos e narrativas**-SALVADOR: EDUFBA, 2020.p.125-143.

FREITAS. J. S. ALMEIDA, M. G. Ser ou estar no lugar? Um ensaio sobre espacialidades, memórias e identidades. **Acta Scientiarum. Humam And Social Sciences**, Goiânia, Goiás, Brasil: 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES JÚNIOR, Gervásio Hermínio. Geografia e literatura: ensaio sobre o lugar em Patativa do Assaré. In: SUZUKI, Júlio César. SILVA, Valéria Cristina Pereira da. (ORG) **Imaginário, Espaço e Cultura: Geografias poéticas e poéticas geografias**-Porto Alegre, 2016.p.166-189.

GOMES, Paulo Cesar da Costa; **O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade**. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, Paulo Cesar da Costa; **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GOMES JÚNIOR, Gervásio Hermínio. Geografia e literatura: Ensaio Sobre o lugar em Patativa do Assaré. In: SUZUKI, Júlio César. SILVA, Valéria Cristina Pereira da. (Org). **Imaginário, Espaço e Cultura: Geografias Poéticas e poéticas geografias**- Porto Alegre: Imprensa livre, 2016. p. 166-189.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista** – sua Trajetória de 1950 a 1990. Rio de Janeiro, UFRJ/PPGG, 1992. (dissertação mestrado). 550 p. 2 v

JESUS, Janicleide Brandão de. LEDA, Renato Leone Miranda. Paisagem, lugar e literatura: Entre o Cacau e os diamantes. In: PORTUGAL Jussara Fraga (Org) **Geografia Literárias: escritos, diálogos e narrativas**-Salvador: EDUFBA, 2020. p 273 - 296.

KOZEL, Salete. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”. **Caderno de Geografia**, v.22, n.37, 2022. ISSN 0103-8427.

LIMA FILHO, Arthur Almada. **Efemérides Caxiense**- Imperatriz, MA: Ética, 2014. 402p.

LIMA JÚNIOR, Ednaldo da Silva. OLIVEIRA, Jucivan Carlos de. COSTA FILHO, Alcebíades. **Da areia movediça ao hotel familiar**: tiquira, arroz, babaçu e “assaltos” em Julieta, Coisa e Tal. 2021. Caxias- Maranhão.

LIMA, Thiago Lins de. **Lugar e Memória: uma poética de Porto Velho em Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho/RO. 235 p. 2017.

LIMA, Tiago Caminha de. **O lugar geográfico em “beira rio beira vida”, de Assis Brasil**. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade Federal do Piauí. 85 p. 2017.

MÄNNICH, Carla. **Centro Histórico de Curitiba**: múltiplas percepções. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba/PR. 142 p. 2013.

MARANDOLA JR, Eduardo, Humanismo e a Abordagem Cultural em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, set./dez. 2005.

MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 93-116.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. – Londrina: EDUEL, 2010.354p.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. Geograficidades vigentes pela literarua. In: SILVA Maria Auxiliadora da SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da Org) **Geografia literatura e Arte: reflexões** – Salvador: EDUFBA, 2010. p. 21-32.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. **Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento**. Geosul, Florianópolis, v.25, n.49, p7-26, 2010.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de (Org). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 227-247.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia, Rio Claro**, v. 34, n.3,p.487-508, set./dez.2009.

MARANOLA JÚNIOR, Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. HOLZER, Werter. OLIVEIRA, Livia de (Org) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. P. 227-247.

MARQUES, Osmar Rodrigues. **Julietta Coisa e Tal**. Rio de Janeiro: Editora Jornal de Letras, 1986.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. – 5ª Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MERLEAU-PONTY, M. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MIRANDA, Antônio Luiz Alencar. A construção histórica do espaço urbano de Caxias. In: PESSOA, Jordânia M, MELO, Salânia M. Barbosa (Org). **Percorrendo becos e travessas: feitos e olhares das histórias de Caxias**. – Teresina: Edufpi. 2010. P. 51-70.

MONTEIRO, C. A. de F. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis; Editora da UFSC, 2002.

MOREIRA, Ruy. **Espaço, corpo do tempo: A construção geográfica da sociedade**. – Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. A geografia e a Literatura: uma reflexão. **Geosul**, v. 23, n. 46, p 7-32, jul./dez. 2008.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslão Machado de. Lugares geográficos e (m) Locais Narrativas: Um modo de se aproximar das geografias de Cinema. In: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de. **Qual o Espaço do lugar? Epistemologia, fenomenologia** – São Paulo: perspectiva. 2014. P. 119 – 154.

OLIVEIRA, Livia de. **Percepção do meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar**. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

OLIVEIRA, Simone Santos de. PASSOS, Mirian Barreto de Almeida. Memórias, Histórias e Geografias: Os lugares e tempos versados na literatura. In: PORTUGAL Jussara Fraga (Org) **Geografias Literárias: escritos diálogos e narrativas**-SALVADOR: Edufba, 2020. 81-103.

PEIRANO, M. Etnografia e rituais: relato de um percurso. **Anuário Antropológico** [on line] Brasília v. 1, 2016. Disponível em <http://journals.openedition.org/aa/2011>. Acesso em 29 out 2019.

PESSOA, Jordania; MELO, Salânia. **Percorrendo becos e travessas: feitos e olhares das Histórias de Caxias**. – Teresina: Edufpi, 2010.

PORTUGAL, Jussara Fraga. **Geografias Literárias: escritos, diálogos e narrativas**. – Salvador: EDUFBA, 2020.

PRZYBYSZ, Juliana. SILVA, Joseli Maria. Pesquisar para transgredir: fazendo geografias feministas corporificadas. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidade” p. 51-62, jul-dez, 2019.

ROSSINI, Tayza Nogueira. A representação de gênero na literatura de autoria feminina

brasileira. **Brasileana – Journal for Brazilian Studies**. Vol. 3, n.1 (Jul.2014). ISSN 2245-4373.

ROCHA, LOURDES Bertol; ALMEIDA, M. G. Algumas reflexões sobre cultura, território e mundo-vivido na abordagem da geografia cultural. **Geonordeste (UFS)**, v. 1. P. 125-142, 2008.

ROCHA, Lurdes Bertol. ALMEIDA, Maria Geralda de. Algumas reflexões sobre a cultura, território e mundo-vivido na abordagem da geografia cultural. In: **Geonordeste** (Publicação do) Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe- Ano 1, nº 1, 1984. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2008, nº 2. 125-142.

SALES, Cristian Souza de. **Escrita do Corpo e outras subjetividades na literatura afrofemenina. Anais do Siliastro**. Volume, número 1. EDUFU, 2012.

SANTANA FILHO, Manoel Martins de. Por uma educação geoliterária: o mundo como livro o texto como viagem. In: PORTUGAL Jussara Fraga (Org) **Geografias literárias: escritos diálogos e narrativas**-Salvador: EDUFBA, 2020.p.169-189.

SANTOS, Jean da Silva. O cancionário na pedra que ronca: aproximações entre a geografia e a arte. In: SILVA Maria Auxiliadora da, da SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da (Org) **Geografia literatura e arte: reflexões**-SALVADOR: EDUFBA, 2010. 117-129.

SERPA, Ângelo. **Por uma geografia dos espaços vividos: Geografia e Fenomenologia**. - São Paulo: Contexto, 2019. 128p.

SILVA, Cristina Maria da. Paisagens humanas e uma biografia romanceada em Rachel de Queiroz. In: CAVALCANTE Tiago Vieira. SILVA, Cristina Maria da (Org). Rachel, Rachéis: **Travessias entre saberes**. Fortaleza: Imprensa Universitária. 2022. p. 45-91.

SILVA, Joséli Maria. Corpo, corporeidade e espaço na análise geográfica. In: Heicrich, Alvaro Luiz; Pires, Claudia Luiza Zeferini; Costa, Benhur Pinós (Org). **Maneiras de ler: geografia e cultura**. 1. ed. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013, v. 1. p. 28-36.

SILVA, Maria Auxiliadora da; SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da. **Geografia, literatura e arte: reflexões**. - Salvador: EDUFBA, 2010.

SOUZA JÚNIOR, Carlos Roberto Bernardes de. ALMEIDA, Maria Geralda de. “Ninguém ouviu melhor cada um em casa”: Lugar, textura e existência na lavoura Arcaica de Raduan Nassar. In: PORTUGAL Jussara Fraga (Org) **Geografias Literárias: Escritos diálogos e narrativas**-Salvador: EDUFBA, 2020. P. 253-272.

SOUZA, Joana Batista de. O poder dos trilhos: A trajetória do trem em Caxias no final do século XIX até a década de 1920. In: PESSOA. Jordânia M, MELO. Salânia M. BARBOSA (Org). **Percorrendo becos e travessas: feitos e olhares das histórias de Caxias-Teresina: Edufpi**. 2010. p. 215-235.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SUESS, Rodrigo. **Geografia Humanista e a Geografia Cultural: encontros e desencontros! A**

insurgência de um novo horizonte? *Élise* Revista Geo. UEG – Porangatu, v.6, n.2, p. 94-115, 2017

SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do centro de pesquisa e formação** / Nº 5, setembro 2017.

TEIXEIRA, Paulo Octávio Nunes Dias. “Não faltam por essa cidade lugares”: movimento e percepção do espaço em José Saramago. *In*: PORTUGAL, Jussara Fraga. **Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas**. Salvador: Edufba, 2020. p. 323-343.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. – Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, YI-Fu. **Topofilia**: uma estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente./Yi-Fu Tuan; tradução: Livia de Oliveira.-Londrina: Eduel, 2012. 342.:il.

VARGAS, M. A. M. A observação no estudo da paisagem: redundâncias e essencialidades. **Revista Caminhos de Geografia**, Uberlândia/MG, v. 21, n.76, Ago 2020, p. 98-115.

APENDICES



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
GRUPO DE PESQUISA SOCIEDADE E CULTURA**

Dissertação de Mestrado: ENTRE LUGARES DE SENTIMENTOS E ESPAÇOS DE LIBERDADE: ENCONTROS GEOGRÁFICOS COM O ROMANCE JULIETA, COISA E TAL DE OSMAR RODRIGUES MARQUES

Pesquisadora: Mestranda Ana Carolina Nunes de Azevedo

Orientadora: Profa. Dra. Maria Augusta Mundim Vargas

Roteiro de entrevista

1º Há quanto tempo você mora em Caxias-MA?

2º Você conhecia a antiga Casa Amarela?

3º Como foi que você tomou conhecimento da Casa Amarela?

4º Quando a Casa Amarela deixou de existir? Você sabe o motivo?

5º Na sua opinião a Casa Amarela foi importante para a cidade de Caxias-MA? Por quê?

6º Você acha que a Casa Amarela deixou marcas na identidade da população Caxiense? Quais?

7º Tem conhecimento de que a Casa Amarela está registrada em um romance? Conhece a obra, o autor. O que acha disso?

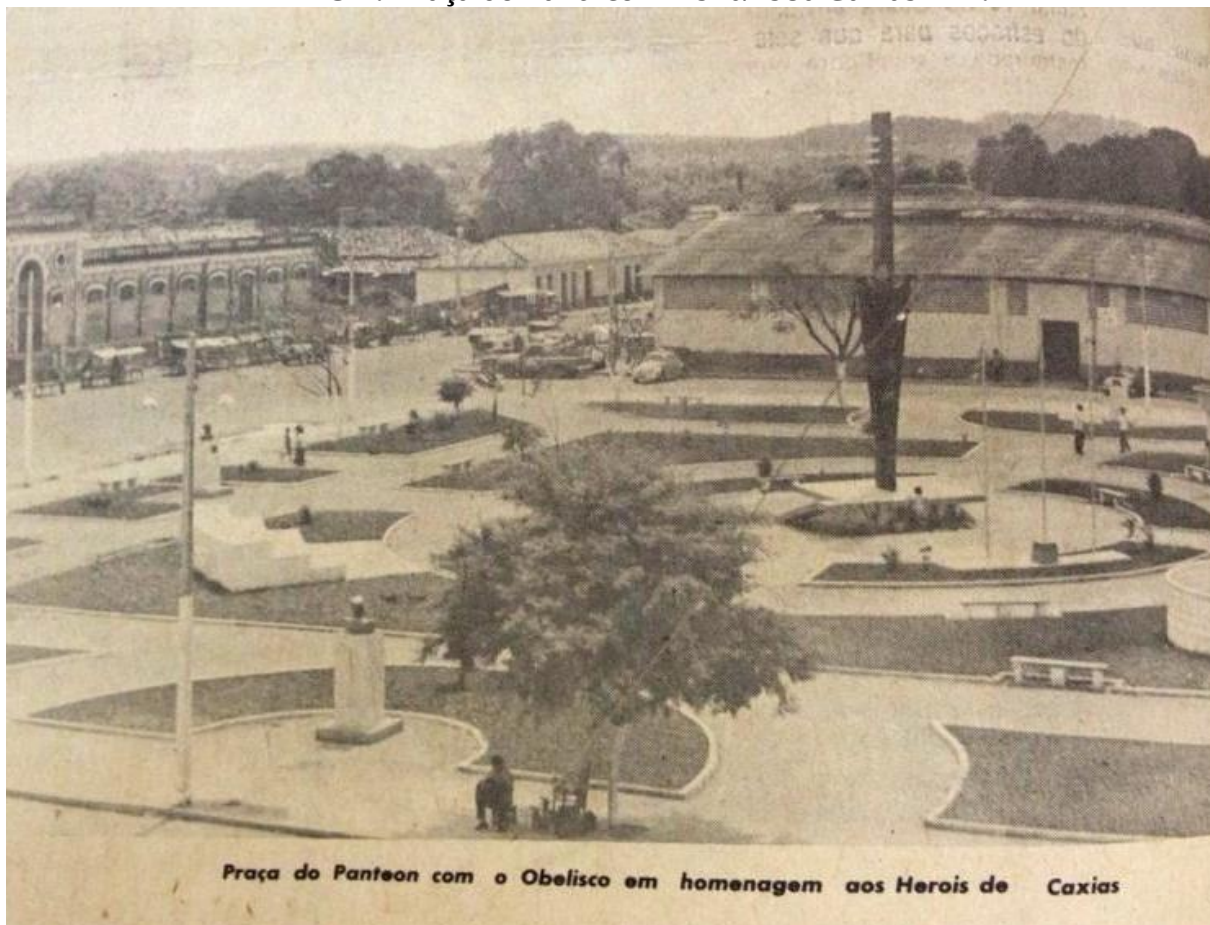
ANEXOS

ANEXO 1: Momentos de vivências na área interna da Casa Amarela.



Fonte: Arquivo da família 2022. Entrevistado 2

ANEXO 2: Praça do Pantheon - 1970/1980 Caxias-MA.



Fonte: Instituto Histórico Geográfico de Caxias-IHGC, 2022.

ANEXO 3: Igreja da Matriz – 1970/1980 Caxias-MA.



Fonte: Instituto Histórico Geográfico de Caxias-IHGC, 2022.